

APOSTA DE EANES NA CERIMÓNIA DE POSSE:

Governo vai durar pelo menos seis meses

• O Presidente elogiou Mário Soares, "doente em casa"

Eanes mantém a sua aposta em que o Governo hoje empossado durará pelo menos seis meses. Isto o que se deduz do seu discurso perante os membros do Governo que ao fim da manhã de hoje foram empossados em cerimónia realizada no Palácio da Ajuda. Nem por uma única vez Eanes admitiu que uma moção de rejeição reprove, nos primeiros dias de Setembro, o que se pode classificar como «o seu Governo», o que aponta para uma excessiva confiança do Presidente ou para a existência de garantias obtidas nos frequentes contactos com os partidos havidos ultimamente.

Também o discurso do Primeiro-Ministro empossado registou a ausência de uma tal referência, embora Nobre da Costa tenha insistido na dependência em que o Governo ficará da Assembleia da República. Mas Nobre da Costa insistiu em que este Executivo não será de gestão, mostrando-se resolvido a empenhar-se em questões de fundo, remetendo para o que a Lei Fundamental determina, aquilo que ao Governo falta em termos de um claro programa de acção previamente referendado pelo voto popular.

A cerimónia de posse, transmitida em directo pela RTP e RDP, decorre com significativas ausências de personalidades da vida política portuguesa, nomeadamente a do anterior Primeiro-Ministro, Mário Soares, que esta manhã se encontrava, segundo fonte próxima do secretário-geral do PS, «doente em casa». Igualmente ausente o provedor de Justiça, José Magalhães Godinho, além dos restantes secretários-gerais dos outros partidos políticos. Pelo PS estiveram no entanto presentes Jorge Campinos, Pedro Coelho e João Lima.

DISCURSO DO PRIMEIRO-MINISTRO

«O Governo a que presido



Nobre da Costa e Ramalho Eanes assistindo ao compromisso do novo ministro da Agricultura, Vaz Portugal. O novo Executivo reúne-se já esta tarde, às 17 horas, presidido pelo novo chefe do Governo

NOBRE DA COSTA: Só Governo de gestão, não

Composição do III Governo Constitucional

MINISTROS:

Primeiro-Ministro — eng. Alfredo Nobre da Costa
Defesa Nacional — cor. Mário Firmino Miguel
Adjunto do Primeiro-Ministro — dr. Carlos Manuel da Costa Freitas
Finanças e Plano — dr. José da Silva Lopes
Administração Interna — cor. António Gonçalves Ribeiro
Justiça — dr. Mário Ferreira Bastos Raposo
Negócios Estrangeiros — eng. Carlos Jorge Mendes Correia Gago
Agricultura e Pescas — prof. Apolinário José Barbosa da Cruz Portugal
Indústria e Tecnologia — eng. Fernando Augustos dos Santos Martins
Comércio e Turismo — eng. Pedro José Rodrigues Pires de Miranda
Trabalho — dr. António de Seixas da Costa Leal
Educação e Cultura — prof. Carlos Alberto Lloyd Braga
Assuntos Sociais — dr. Acácio Manuel Pereira Magro
Transportes e Comunicações — eng. Amílcar José de Gouveia Marques
Habitação e Obras Públicas — Almeida Pina

SECRETÁRIOS DE ESTADO:

Comunicação Social — major João António de Figueiredo
Presidência do Conselho — dr. Luís Artur Rosado Lobo

não tem a intenção de se converter num simples Governo de Gestão, apenas dedicado ao despacho dos negócios correntes e aos actos de administração ordinária» — disse Nobre da Costa no acto de posse do seu Governo, acrescentando: «a não ser que os próprios mecanismos constitucionais a tanto o obriquem».

O novo Primeiro-Ministro, que dentro de pouco mais de uma semana se apresentará ao teste da Assembleia da República, afirmou ainda ser «propósito bem determinado deste Governo assumir por inteiro as responsabilidades que lhe foram confiadas, sem hesitações comprometedoras, tibiezas condenáveis ou comodismos fáceis» lançando uma «indirecta» aos anteriores Executivos ao rejeitar «a demagogia de se afirmar capaz do que sabe não poder cumprir».

O problema da não filiação partidária dos ministros empossados foi outro dos aspectos postos em relevo por Nobre da Costa que recusou as críticas que neste âmbito vêm sendo feitas. «Este Governo está vinculado a uma Constituição que contém em si mesma princípios fundamentais que não podem ser ignorados» — afirmou dando a entender que a Lei Fundamental compensará a falta de um programa político que, a exemplo do que sucede com os partidos, tenha previamente sido sujeito ao referendo popular.

Mostrando-se, embora, na disposição de colaborar com os partidos políticos, o novo Primeiro-Ministro não deixou de focar alguns aspectos que contribuem para a sua subalternização, designadamente ao focar as vantagens da não filiação partidária dos seus ministros. Entre estas citaria «a falta de disciplina partidária mais ou menos rígida, que obrigue os membros do Governo» considerando que tal ausência

Continua na pág. 20

Mais noticiário nas págs. 4, 5 e 6



Anastasio Somoza

NICARÁGUA

Desmantelada conspiração para derrubar ditador Somoza

(Pág. 13)

INDÚSTRIA HOTELEIRA

Greve parece irreversível

(Pág. 9)

EXCLUSIVO

Os conquistadores ideológicos



Hoje há Exclusivo

A política dos «direitos humanos» do presidente dos EUA, a «conquista» imperialista da América Latina através dos meios de Comunicação Social — eis os dois temas dominantes do «Exclusivo» de hoje. No mesmo suplemento, concluímos o artigo do número anterior sobre a ameaça neonazi na RFA e a série de reportagens de Rogério Vidigal sobre a URSS. Outros temas da actualidade internacional são, como habitualmente, abordados no nosso suplemento.

O CRIME DO GRANDE HOTEL

Operação da PJ esta manhã em Campo de Ourique

Esta manhã, ao romper do dia a Polícia Judiciária montou uma operação alargada no Bairro de Campo de Ourique, com vista à captura de um ou mais elementos ligados ao crime do bar do

Grande Hotel do Estoril, onde um homem foi assassinado a tiro como largamente temos noticiado.

Embora à hora do fecho do nosso Jornal, a PJ não adian-

tasse pormenores, sobre esta operação, nos corredores do edifício daquela Polícia falava-se em «caça grossa», o que quer dizer que, a dar-se a captura como se esperava, se trate de

nomes importantes do mundo do crime. Pensava-se, igualmente, que a ter êxito, a operação montada pela Polícia Judiciária, esta estivesse terminada ao fim da manhã.

O «DL» apurou, entretanto, durante a manhã, que parte pelo menos, da acção da PJ se desenvolveu na zona circundante da Rua Tomás da Anunciação.

post-scriptum



O custo de vida

Sou viúva, tenho 42 anos de idade e três filhos menores a meu cargo. E como não tenho meios de fortuna pessoal e meu marido era um trabalhador que após prolongada doença morreu, vejo-me em palpos de aranha para me sustentar e aos meus.

A situação é esta: estou empregada num armazém e ganho 6500\$00. Pago de renda 2000\$00, tenho de me alimentar e os meus filhos, de idades entre os oito e treze anos, para além da roupa, livros, propinas, transportes, etc.

Faço um esforço tremendo, uma ginástica incrível, para que o dinheiro me chegue, mas quase sempre fico a dever na mercearia.

Por isso, quando oiço certos políticos (bem alimentados e melhor vestidos) a falarem dos trabalhadores, do custo de vida, de «políticos» alheias a esses mesmos trabalhadores, sinto a raiva a crescer-me no peito. Afinal que ideia têm eles dos sacrifícios que agora passamos, eles que ganham às dezenas de contos, que andam de jantaram em jantarada, sorridentes e anafados? Já alguma vez sentiram o «bichinho» roer-lhe no estômago e não terem mesmo nada para comer?

Por isto tudo sou uma revoltada, mas com esperança. Esperança que um dia o verdadeiro 25 de Abril ressurgirá, com todas as suas realizações por que ansiamos e que até agora não passaram de meras promessas...

Angelina C. Monteiro
— BENFICA

Os comboios da linha de Sintra

Algo vai mal com os comboios da linha de Sintra. Para além das deficientes condições em que os utentes daquela linha viajam nas horas de ponta (apertados como sardinhas enlatadas) acresce sobretudo nos últimos dias, o facto dos constantes atrasos e avarias que muito perturbam a vida de milhares de trabalhadores que utilizam aquele meio de transporte. Que eu saiba, na linha de Cascais, que serve uma zona das chamadas «pessoas de bem», isso não acontece, ou pelo menos não assume o descalabro do que se está a verificar na linha de Sintra.

Com efeito, não se compreende que após um aumento de 50 por cento nos bilhetes, o serviço não tenha melhorado absolutamente nada. Antes pelo contrário! E porquê? É fácil de «adivinhar»: como sempre, e mais uma vez, a crise e os maus resultados da gestão da empresa, são os trabalhadores que os pagam. E não têm outro remédio...

Ainda na sexta-feira passada, de regresso a casa, cerca das 15 horas, eu (e os muitos passageiros que apanharam um dos comboios na estação do Rossio), ficamos «entaldados» a meio do túnel cerca de meia hora, isto depois de o comboio ter partido com um atraso de quase vinte minutos. Com o calor excessivo que na altura se fez sentir, foram momentos de contrariedade e verdadeiramente aflitivos que ali se passaram. E como se isto não bastasse, o comboio voltou a avariar-se próximo da Amadora, onde permaneceu alguns minutos infundáveis... Quando cheguei a casa, no Cacán, já eram quase quatro e meia da tarde.

Maria Aurora dos Santos
— CACÉM

DE-NOS NOTÍCIAS PELO TELEFONE 32 02 29

Contacte a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso serviço automático de gravação de telefonemas, ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã.

PODER LOCAL

Almada: Cultura e Terceira Idade em busca de estruturas

«Quarenta e oito anos de fascismo, de obscurantismo ideológico e cultural, fizeram do nosso povo um dos mais atrasados da Europa, com um dos maiores índices de analfabetismo, desconhecido, na sua maior parte, de tudo quanto respeita à cultura e à arte» — assim se pronunciou a Assembleia Popular do Concelho de Almada, em sessão plenária, assentando a discussão em dois pontos de trabalho: «A cultura no concelho» e «Reformados, pensionistas e idosos». Aquelas primeiras palavras dizem respeito, como é óbvio, ao primeiro ponto.

mas dando grande atenção ao trabalho com as crianças e os jovens, que são os futuros homens do concelho, apoiados em pequenos cursos de formação de animadores e adaptação a novas técnicas de pessoas já com alguma prática em actividades culturais».

Para que tudo isto se venha a concretizar, o Secretariado da Assembleia ficou incumbido de constituir uma Comissão Instaladora.

MUPRI — TANTAS VOZES!

Do segundo ponto da ordem de trabalhos («Reformados, pensionistas e idosos»), resultaram, entre outras, as seguintes conclusões:

Reforçar a organização de reformados, pensionistas e idosos do concelho, dinamizando a criação da comissão unitária de freguesia, onde não existe qualquer tipo de organização.

Estas comissões...

Estas comissões a formar, bem como as organizações existentes, deverão ser apoiadas pelo movimento popular e sindical unitário e ainda pelas autarquias.

Só isto...?

Não: as conclusões pretendem ainda a instalação de centros de dia a nível de freguesia numa primeira fase, e, posteriormente, a nível de zona de uma mesma freguesia.

Ah, recomendam... Recomendam ainda às autarquias que dentro das suas possibilidades, integrem nos quadros de pessoal assistentes sociais para apoio aos idosos.

E reconhecem...

Reconhecem que a adesão ao MUPRI por parte dos reformados, pensionistas e idosos através das suas organizações representativas é condição fundamental para a realização e defesa dos seus interesses colectivos.

E porquê...?

Porque se trata de um movimento unitário de âmbito nacional, com legalidade jurídica, que exprime a voz de muitos milhares de reformados e idosos e veicula a defesa das suas aspirações.

(Neste passo, recorde-se o lema da Conferência Nacional, efectuada em 27 de Maio passado — «Só o Portugal de Abril respeitará o Outono de vida»).

...E assim foi a Assembleia Popular do Concelho de Almada: realista, agarrada às dores que nos afligem, atirada para o futuro com os pés no presente. Ah, o passado! Do passado, só o que se projecta, construtivo, na nossa vida de hoje...

Palavras que não ficaram só por ali. Pois que se afirmou que, em consequência de tal, «nos encontramos actualmente numa situação em que a manipulação cultural por parte de certos órgãos de Informação e das forças da reacção é cada dia mais fúnebre». Assim...

Assim «a actividade cultural terá de constituir uma frente de trabalho em que todas as organizações se devem particularmente empenhar».

E porquê...?

Porque «a cultura é um poderoso instrumento de luta que dá ao homem uma vontade de participação activa na vida social e política, e, neste sentido, a cultura é um meio de democratização do Estado português».

Foi afirmado que após o levantamento efectuado a partir dos contactos feitos com as diversas organizações, auscultando os seus anseios e carências, apontando ponto por ponto, a Assembleia aprovou por maioria muitas e muitas conclusões...

NOITE DE 50 ANOS

Ora que conclusões...? Estas, por exemplo:

Como objectivo central, criar um Centro Cultural no concelho. Assentou-se que a actividade cultural do concelho tem de assentar e ser dirigida pelo movimento operário e popular. Acordou-se, também, que essa actividade, numa primeira fase, tem de ser incentivada a partir de um Centro de Dinamização e Coordenação. Chegou-se à conclusão de que esse Centro necessita de uma Comissão Instaladora, que deverá integrar um mínimo de pessoas conhecedoras das realidades do concelho, com experiência de actividades culturais, merecedoras da confiança das organizações dos trabalhadores e dispostas a trabalhar a tempo inteiro neste sector. Concluiu-se, igualmente, que os vários sectores e organizações do concelho (colectividades, sindicatos, autarquias, empresas, comissões de moradores, etc.) terão de ser solicitadas a definir qual vai ser a sua participação neste movimento cultural, no que respeita a instalações, materiais, financiamento, consoante as suas possibilidades. Apurou-se, do mesmo modo, que deverá ser elaborado um plano geral de difusão e criação cultural para o concelho, que não corte o poder criador das massas e respeito as características de cada sector ou região.

No entanto...

No entanto, não se considerando o estudo efectuado como exaustivo, nem isso se pretendia, foram apontados ideais concretos acerca da dinamização cultural, nomeadamente no que diz respeito a Teatro, Dança, Música, Cinema, Artes Plásticas, Artesanato, Literatura e Edições.

Pretende-se mais coisas...?

Pretende-se.

Pretende-se que «todas estas actividades e muitas outras sejam dirigidas às várias idades,



Cultura: levar as pessoas a pensar no futuro das gerações que começam



Terceira Idade: que o Outono da vida não se perca por entre a indiferença da comunidade

Eleições em Mirandela: lista da APU com militante do PS

Sábado passado, em Mirandela, efectuou-se a apresentação da lista de candidatos da Aliança Povo Unido às eleições para a Câmara Municipal, a efectuar no próximo sábado dia 10 de Setembro.

Albino Mendo, cabeça da lista da APU, referiu-se, em sessão pública realizada na Associação de Socorros Mútuos dos Artistas Mirandenses, a 25 de Abril.

«Com o 25 de Abril — disse —, surgiu a esperança de melhores dias para todos os portugueses».

Lembrou que «da euforia que então nos assaltou, na esperança de liberdade e justiça social», muitos foram os que fizeram parte das Comissões Administrativas das Autarquias.

«Eu fui um deles» — afirmou.

Fez, com todos os pormenores, um balanço de actividade positiva em vários sectores dessa primeira CA durante 17 meses de vigência. «As administrações posteriores — declarou — foram sucessivamente caindo sem deixar atrás de si nada que posteriormente as possa fixar na memória».

De acordo com Albino Mendo, a presente candidatura da lista da APU tem em vista dar continuidade ao trabalho inicialmente encetado em benefício do concelho. «Trabalho que foi interrompido...»

«Voltamos para acudir e impedir o fim da zona da Preguiça, levando por diante a construção do centro comercial, do jardim público e do parque infantil. E

mais: lançar Mirandela no caminho do futuro.»

Concretamente, outras propostas do candidato da APU:

Completar as obras da praça do mercado, resolver os graves problemas de abastecimento de água, fazer ressuscitar e levar por diante a construção de um parque de campismo, etc.

No decurso da sessão, interveio ainda o presidente da Junta de Freguesia de Navalho (também candidato pela APU). Disse: «Sou do PS, mas considero importante a minha presença na actual lista da Aliança Povo Unido».

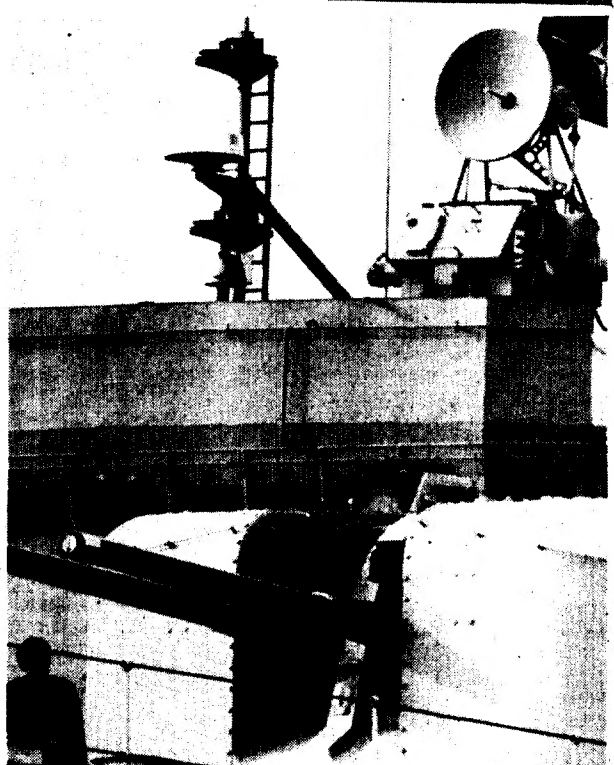
A sessão encerrou com canto livre.

ponto a ponto



O navio-escola «Sagres», que iniciou, no passado dia 25 de Junho, uma viagem à volta do mundo, encontra-se neste momento a caminho de Acapulco, no México, onde deverá chegar no próximo dia três de Setembro. O «Sagres», que já percorreu mais de onze mil quilómetros, atravessou o canal do Panamá, há dois dias, e navega agora a cento e vinte mil milhas ao largo da costa da Guatemala. Após a passagem do canal, que devido a uma avaria nas comportas se efectuou com vinte e quatro horas de atraso, o maior veleiro da Armada portuguesa entrou numa zona climática bastante favorável à navegação.

O Município da Covilhã vai construir duas ligações rodoviárias, uma entre S. Jorge e Sobral de S. Miguel, e outra entre Covilhã e Ponte Alvares. O custo das duas estradas municipais está orçado em 21 mil contos, tendo sido já entregues os respectivos projectos às entidades competentes para comparticipação governamental.



Um exército aeronaval envolvendo forças da Armada e Força Aérea será levada a efeito entre 4 e 8 de Setembro com o nome de código «Albatroz 78». São responsáveis pela sua execução o comandante da 1.ª Região Aérea general Silva Cardoso e o comandante naval do continente contra-almirante Ramos Rocha. Os objectivos deste exercício visam o aperfeiçoamento de procedimentos de cooperação aeronaval e avaliar a capacidade dos meios logísticos de apoio directo em operações.

MARX E A REPETIÇÃO NA HISTÓRIA

Em 1852, na parte inicial do 18 de Brumário de Luís Bonaparte, Marx escrevia: «Hegel afirmou uma vez que os grandes acontecimentos e personagens da história se repetiam. Mas esqueceu-se de acrescentar que da primeira vez eram uma tragédia e na segunda uma comédia». Em geral, não se tem concedido muita atenção a este livro aparentemente pouco compatível com o marxismo clássico. Se o materialismo histórico implica uma história evolutiva, que não tergiversa, de que servirá estudar a repetição? No livro que dedica a este assunto Paul-Laurent Assoun não pretende propor uma nova interpretação do marxismo. Limita-se a mostrar, com uma lógica inatacável, que essa obra de Marx fornece indicações preciosas sobre as grandes questões levantadas pelo materialismo histórico: as da função da ideologia, do estatuto da consciência, da praxis e do proletariado.

De acordo com Marx a concepção hegeliana da história é idealista. O devir histórico recorre ao verdadeiro devir, aquele que se realiza na interioridade do Conceito. Exterioriza-o sem o esgotar. O real está subordinado ao racional, o dado à ideia. Existe uma verdadeira resistência material ao poder do Espírito. É ela que conduz à repetição que permite ao Espírito realizar inteiramente o processo histórico. Esta repetição é trágica na medida em que é uma espécie de projecção mecânica da palavra primitiva que é a única verídica: é

a sombra que a contingência material lança sobre a necessidade espiritual. O Espírito tende a reviver os instantes privilegiados do passado de modo a poder esgotar a riqueza que encerram.

Para Marx, pelo contrário, não é o poder totalitário do Espírito, mas as próprias condições materiais que reproduzem, através do exercício das suas leis iminentes, os grandes acontecimentos. O devir histórico é homogêneo e unidimensional. O princípio material da luta de classes é a sua verdadeira explicação e é ele que faz com que cada classe social tenda a ressuscitar os momentos privilegiados do seu passado. Hegel não viu que ao pretender refazer aquilo que já tinha feito, como se a situação não se tivesse modificado, a classe dominante se torna ridícula. A repetição do passado não pode deixar de ser encarada pela consciência social como qualquer coisa de cômico já que a nada pode conduzir.

A lei da repetição histórica está directamente ligada ao par tragédia-comédia. É assim que o presente alemão corresponde ao passado europeu e de certo modo o representa de novo. O cômico não está na falsa duplicação da história mas no momento final do processo terminal. «A história é radical e atravessa diversas fases quando derruba uma forma antiga. A última fase de uma forma de história universal é a sua comédia». Esta característica da história permite à humanidade tomar, serene-

JEAN LACROIX

mente, consciência do seu passado.

O IMAGINÁRIO IDEOLÓGICO

Uma tal apresentação das questões mostra já a estreita ligação existente entre essa duplicação da história e a futura tarefa do proletariado que realizará a história e a ultrapassará. Na repetição verifica-se uma espécie de dialéctica das consciências que querem regressar ao tempo da sua dominação mas não podem fazer a história voltar para trás. A repetição, esse tiro de pólvora seca, é como um jogo da necessidade histórica, jogo que se manterá enquanto houver diversidade e oposição de classes, mas que não torna as consciências autónomas e que prepara, através da própria luta, a vitória final do proletariado que acabará com um tal jogo.

Mas nem todos os problemas ficam resolvidos. De acordo com Marx os homens fazem a sua própria história, mas longe de a fazerem arbitrariamente em condições escolhidas, fazem-na em condições dadas e herdadas do passado. Como é possível admitir simultaneamente o primado do dado (o presente) e a autonomia funcional da actividade representativa (do passado)? Encontramos, de facto, a proposta de uma questão concreta o problema inicial da conciliação

ao nível da praxis, do determinismo das circunstâncias e dessa actividade humana que faz a história.

A solução é fornecida pela análise do Imaginário ideológico. A classe dirigente quer impor a sua dominação não apenas no presente mas ainda em função do passado, sobretudo através da sua linguagem que obriga toda a gente a pensar, perceber e dizer o mundo conformemente ao seu património cultural. Um povo inteiro é transportado para uma época ultrapassada. O fim essencial desta classe dominante consiste em fazer do seu pensamento e da sua vivência o pensamento e a vivência de todos, de usurpar o universal através da confiscação das linguagens. Esta «fantasmagorização» do real histórico é aquilo a que chamamos o imaginário ideológico.

Marx deu um claro exemplo deste imaginário ideológico no seu livro sobre o 18 de Brumário. Como foi que a classe camponesa fez de Luís Bonaparte o seu representante político? Na medida em que o seu género de vida, os seus interesses e cultura os separavam uns dos outros e os opunham às outras classes, estes «pequenos camponeses» formavam uma classe que possuía uma unidade externa (mas que por viverem separados não

Continua na pág. 5



MAIS QUINZE DIAS DE ESPERA...

O acto político de empossar um novo Governo não vem, em si mesmo, solucionar a «crise» e remediar o vazio do Poder a nível do Executivo. Dentro de dez dias o Primeiro-Ministro nomeado e a sua equipa irão submeter-se à prova da Assembleia da República. Devem levar a lição bem estudada. Serão pelos seus títulos académicos e pela sua experiência profissional, capazes e competentes para as pastas que lhes foram confiadas. Mas, do mesmo modo que este País não se governa com a orientação e com as mesmas técnicas com que é gerida uma empresa, ou só com essa metodologia e só com essa mentalidade, também o que se vai seguir — a apreciação do Programa do Governo na Assembleia da República — terá pouco a ver com uma avaliação de currículos de gestores e de propostas de gestão.

E mais do que a solução da «crise» o que vai determinar a atitude dos diferentes grupos políticos é a conquista de posições — ou pelo jogo de alianças, ou pela ocupação de espaço político, ou pela afirmação da linha de orientação —, com vistas às campanhas eleitorais nas quais se vai decidir o futuro da jovem democracia portuguesa. Mais do que a «competência», e até que o relativo equilíbrio sectorial, da equipa constituída pelo eng.º Nobre da Costa, o que vai ser considerado é se este 3.º Governo Constitucional serve, ou não serve, para organizar a consulta eleitoral, e se, à luz da estratégia dos «partidos», valerá a pena endossar-lhes a responsabilidade — e os custos — da gestão da «crise». Para os «partidos» poderá ser interessante disputar as eleições de fora da «área-do-Poder», como forças de oposição.

Não sendo de excluir que a decisão de chubar o eng.º Nobre da Costa, no exame de admissão a S. Bento esteja já tomada e que uma parte da «classe política» se movimente para evitar as consequências previsíveis da «operação semipresidencialista». Distingamos, aqui e hoje, dois níveis operacionais: o «semipresidencialismo activo» tal como foi anunciado pelo general Ramalho Eanes na sua conferência de imprensa da semana passada e o «presidencialismo associado a um projecto de revisão constitucional». São planos diferentes, com distintos apoios civis e militares. E em qualquer dos casos, o Presidente («presidente-rei», ou só «líder institucional») não é sempre o mesmo.

A ideia de civilizar a função, de lhe restituir o carácter de suprema magistratura cívica descomprometida de ligações castrenses, de acabar com a dualidade de funções que confundem a hierarquia dos «poderes» (civil e militar, institucio-

nal e revolucionário), vai ganhando terreno. De desejar será que a institucionalização democrática, a estabilidade política, a redução ao plano civil da Presidência da República, a conversão do Conselho da Revolução em Conselho de Estado (com as inerentes modificações de composição e de estatuto que tal conversão implica) se façam com Ramalho Eanes, o Presidente associando-se, para rectamente corresponder aos compromissos que assumiu, com as forças democráticas e com os militares de Abril.

O Governo Nobre da Costa — e que não é propriamente culpa do Primeiro-Ministro e dos seus colaboradores — vai ser jogado aos dados no palco da «crise política». E sabendo-se, como se sabe, que, de acordo com uma certa estratégia deveria durar até Fevereiro ou Março, não deixará de lhe ser atribuído um papel no plano de criação do bloco político (e social) de apoio a uma política fundamentada no critério de liderança institucional. Certas reservas e algum apoio, terão explicação em função destes seis meses necessários para aquilatar o sucesso das várias operações tácticas em curso. O problema é sabermos: quem instrumentaliza quem?

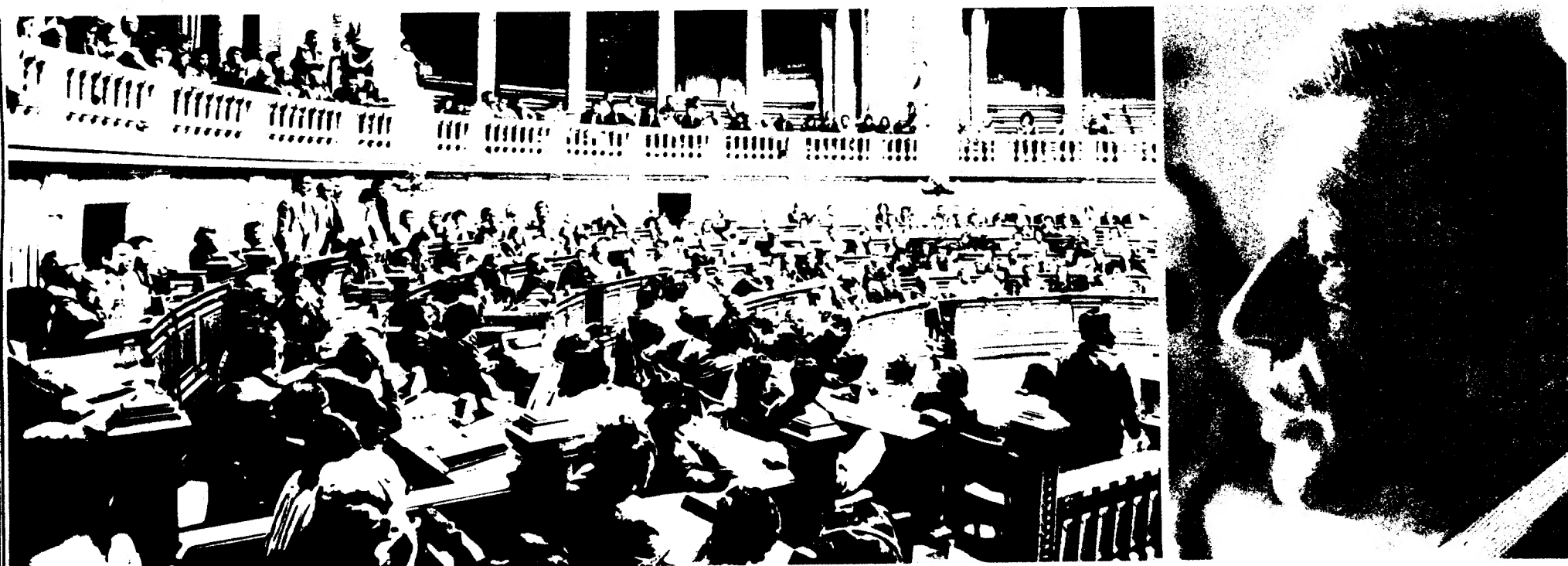
Temos tendência para esquecer depressa. Muitos portugueses e alguns homens políticos terão já esquecido que o dr. Freitas do Amaral nos prometera um Verão tranquilo e que o Primeiro-Ministro se bronzeava no Alvor, na imediata vizinhança de Francisco Sá Carneiro, quando o pacto PS-CDS que nos garantiria até 1980 a continuidade governativa, explodiu. Da origem da «crise» quem mais falou foi o sr. Amaro da Costa. E disse mais do que muitos esperariam. Mas, é óbvio, que não disse tudo.

Desenvolveram-se na gestão política, ao longo destes dois anos, esquemas de ligação, linhas de intercomunicação que surpreendem e desorientam. Não falamos já da permeabilidade de algumas reuniões do Governo e das direcções, dos «partidos» à curiosidade dos jornalistas, mas de planos em que cooperam homens de correntes diferentes, permanecendo, aparentemente, fiéis às responsabilidades que em público, para o público, assumiram. Outros lugares de reflexão, de conspiração e de decisão, existem e funcionam, que não são aqueles de que temos conhecimento e habitual notícia. E não só, como já se sabia, para a coordenação da «contrainformação» e para a «guerrilha psicossocial».

Nem todos esses «aparelhos» estão interessados no sucesso (relativo ou absoluto) do Governo Nobre da Costa. Este homem que se defende de ser «político» e que recusa a qualificação de «tecnocrata», irá ser apontado como um candidato à direcção do «bloco político» que evitaria a «bipolarização Sá Carneiro» e dispensaria a «tripolarização — Amaro da Costa». Irá aparecer como um concorrente.

O «perfil do gestor» surgiu nas conversações que precederam a designação do eng.º Nobre da Costa e até a «ruptura» entre o Presidente e o Partido Socialista, como uma imagem de contraste e não como uma escolha positiva. Tratava-se de criticar Mário Soares, e não de desenhar o «retrato-robot» de um Primeiro-Ministro.

E não terá sido este o cínico equívoco de que nasceu, como solução de recurso — o Presidente o reconheceu — este 3.º Governo Constitucional.



GOVERNO "JULGADO" NO LOCAL CERTO: A ASSEMBLEIA DA REPUBLICA

A "passagem" é possível mas não com a maioria dos votos

É duvidoso afirmar-se que com a posse, esta manhã, do III Governo Constitucional, presidido por Nobre da Costa, tenha terminado a crise política desencadeada em 28 de Julho com a exoneração de Mário Soares. Isto porque não é líquido que «este» Governo passe na Assembleia da República e, se passar, não é certo que venha a completar os 6 meses que se julgam necessários para a realização de eleições antecipadas. De qualquer modo, os problemas foram agora remetidos para o seu «lugar certo» — a Assembleia da República — que no dia 7 de Setembro começará a «julgar» o Executivo de Nobre da Costa com base no seu Programa.

Com 263 deputados (102 do PS, 73 do PSD, 41 do CDS, 40 do PCP, 1 da UDP e 6 independentes) será necessário o voto de 132 para fazer aprovar uma moção de rejeição que só poderá ser apresentada por um grupo parlamentar, o que exclui a UDP e os independentes. Se tal moção surgir contará à partida com os votos quase certos do PS, UDP e independentes (senão os 6 pelo menos 2 destes, Aires Rodrigues e Carmelinda Pereira). A dúvida reside em torno da posi-

ção do CDS e do PCP, já que o PSD é de todos os partidos o que encara mais favoravelmente o novo Executivo. Sem o apoio do CDS ou do PCP (a abstenção é insuficiente) não se conseguirá nunca a maioria efectiva dos deputados em funções, que a Constituição determina ser necessária para a reprovação do Governo. Admitindo que a moção de rejeição surgirá (por hipótese a partir do PS, que não o exclui) as combinações possíveis de voto são as seguintes: Primeira PS-

+CDS+UDP+independentes totalizando 150 votos, contra 73 favoráveis do PSD e 40 abstenções do PCP; segunda, — PS+PCP+UDP+independentes, somando 149 votos, contra os mesmos 73 do PSD e 41 abstenções do CDS; terceira, PS+CDS+PCP+UDP+independentes (hipótese de excluir) totalizando 190 votos, contra ainda os 73 favoráveis do PSD; quarta — PS+UDP+independentes, atingindo os 109 votos, contra as abstenções do CDS e do PCP, somando 81 votos, e 73 favoráveis do PSD; quinta, — PS+UDP+independentes o que dá 109 votos, contra 114 favoráveis do PSD+CDS e 40 abstenções do PCP (exclui-se sempre a possibilidade de o PCP votar favoravelmente «este» Governo).

Na primeira, segunda e terceira hipóteses o Governo reprovará; nas restantes passa. Registe-se, todavia, a

situação «curiosa» que originaria a quarta possibilidade: o Governo a passar com uma maioria de votos abertamente desfavorável e um número de abstenções que excederia a dos votos favoráveis (81 contra 73). A estas cinco hipóteses poderá ainda adicionar-se uma sexta — não haver votação, como sucedeu com o I Governo Constitucional, por nenhum partido apresentar uma moção de rejeição. Trata-se de uma eventualidade a não excluir, embora todas as declarações dos dirigentes socialistas apontem por enquanto no sentido de não deixar passar o Programa sem o sujeitar ao veredicto dos deputados.

A reter ainda, embora sem grande significado em termos do computo final de votos, que a posição do grupo parlamentar socialista não deverá ser unânime ou pelo menos será de contar com a ausência de alguns deputados (indica-se

o número de quatro, entre os quais António Barreto e Medeiros Ferreira), no que reduzirá para 98 o total de votos de que o PS disporá.

Como mera formalidade aguarda-se agora que o presidente da Assembleia da República, Vasco da Gama Fernandes, fixe a sessão parlamentar para apreciação do Programa do Governo a qual, contando o prazo de 10 dias de que Nobre da Costa dispõe a partir da sua nomeação (ontem) deverá iniciar-se, como dissemos, no dia 7 de Setembro. A partir daí os partidos disporão de um máximo de 5 dias para debater aquele documento.

A apresentação do Programa será feita pelo Primeiro-Ministro, podendo intervir outros membros do Governo para se ocuparem de assuntos específicos.

Finda a apresentação, os partidos têm um período de 15

minutos cada para pedidos de esclarecimento a que o Governo poderá responder por um espaço de tempo não superior a uma hora.

O debate inicia-se a seguir, possuindo os partidos (à excepção da UDP) e o Governo de um período global não superior a 3 horas. A UDP tem uma hora.

No encerramento do debate, haverá intervenções de um deputado por cada partido que não poderá usar da palavra por mais de meia hora e uma intervenção do Primeiro-Ministro que não dispõe de limite de tempo.

Até ao encerramento do debate qualquer grupo parlamentar poderá apresentar uma moção de rejeição, cuja votação se processará na reunião final, após uma hora de intervalo.

Durante o debate, as reuniões da Assembleia da República não terão o período de antes da ordem do dia.

NO DIA DA NOMEAÇÃO

Nobre da Costa chamou partidos a Catalazete

Nobre da Costa, conforme ontem referimos convidou os partidos políticos com assento na Assembleia da República a deslocarem-se a Catalazete para lhes dar conhecimento oficial da composição do seu Governo.

Depois de um encontro de cerca de uma hora, o secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal que fora antecedido dos representantes do PS, do PSD e do CDS, declarou à saída do fórum, que o seu partido continua a desconhecer o Programa do Governo, pelo que se limita por agora, a aguardar a evolução dos acontecimentos, esforçando-se entretanto pelo estabelecimento de contactos com outras forças democráticas, para criar condições a uma alternativa que «deverá assentar num acordo entre partidos e com base parlamentar».

A Reforma Agrária foi de novo tema de diálogo. Álvaro Cunhal reafirmou que ela é «a pedra de toque da democraticidade de qualquer Governo». Interrogado sobre o que o novo responsável pelo MAP, Vaz Portugal, aquele do PCP responde, disse: «Evidentemente que é uma opinião, mas não comentários.»

Outro jornalista quis saber da opinião do PCP sobre as indemnizações aos grandes agrários e industriais. Resposta de Cunhal: «Isso das indemnizações é mais uma decisão que tende a entregar aos capitalistas recursos do Estado, para eles depois os aplicarem como melhor entenderem, para proveito próprio. Ora, nós pensamos que os recursos do Estado devem ter outra aplicação».

«LEMBRA A ERA MARCELISTA»

Por seu turno, o último dos representantes partidários recebidos pelo Primeiro-Ministro, o deputado Acácio Barreiros, da UDP, afirmou à saída que, para o seu partido, «a solução agora encontrar a — Governo de apartidárias competências que lembra os tecnocratas da era marcelista — não é de modo nenhum original e conduziu sempre, nos tempos da Primeira República, a situações ditatoriais». Para a UDP, «o que está em causa, não é a composição do Governo, mas sim, a a subversão constitucional que está subjacente à sua formação».

Reportando-se aos recentes

encontros entre dirigentes da UDP e do PS, Acácio Barreiros justificou-as com o facto de ambos os partidos manifestarem «uma justa preocupação pelos ataques de que a Constituição tem estado a ser alvo».

«PODERES DISCRICIONÁRIOS»

Conforme ainda tivemos oportunidade de referir na nossa edição de ontem, Jorge Campinos, que, com Pedro Coelho, integrava a delegação do PS, a primeira a ser recebida por Nobre da Costa, classificou o encontro de «meramente protocolar» e acrescentou que o PS mantém a sua posição crítica quanto a este Governo de que continua a não conhecer o Programa. «Oportunamente, na Assembleia da República, o PS dará a sua opinião», disse.

Com certa aspereza, Jorge Campinos, repetiu que o Artigo 190.º da Constituição não fora cumprido, e que as consequências dele resultantes, apenas têm aplicação prática na ordem de precedência pela qual os partidos são chamados a Belém.

Perguntou um jornalista se era esta a opinião de todos os consti-

tucionalistas do PS. Campinos, respondeu que não consultara todos os constitucionalistas do PS, como certamente o Presidente da República, não consultara todos os constitucionalistas. Aquele dirigente socialista não hesitou em afirmar que tudo se passou como se a actual Constituição concedesse ao PR poderes discricionários quanto à escolha do Primeiro-Ministro, como acontecia com a de 1933.

«ALGUMAS RESERVAS»

Por seu turno, Meneses Pimentel, presidente da Comissão Política Nacional do PSD, afirmou após o encontro com o Primeiro-Ministro que, apesar do seu partido pôr «algumas reservas» em relação a nomes de ministros, não inviabilizará o Governo na Assembleia da República.

O dirigente social-democrata disse, a propósito deste Governo que a alternativa era má, mas que foi a deixada pela incompetência do PS, acrescentando que não havia outra solução.

Meneses Pimentel, revelou ainda que Nobre da Costa entregará aos partidos o programa do

Governo na véspera da sua apresentação na Assembleia da República.

«O QUE CONTA É O PROGRAMA»

«O CDS reserva a sua posição sobre o Governo até à discussão do respectivo Programa na Assembleia da República», afirmou o secretário-geral do CDS, Emídio Pinheiro depois do seu encontro com Nobre da Costa.

Segundo o dirigente centrista, que se recusou a comentar os nomes que vão integrar o novo elenco governativo, «o que conta num Governo para além da figura do Primeiro-Ministro é o seu Programa».

Convidado a comentar a notícia divulgada por um semanário segundo a qual existiria um novo acordo PS-CDS, Emídio Pinheiro limitou-se a dizer que a notícia não se confirma.

UEDS COMENTA

Comentando o teor das últimas intervenções do Presidente da República e do novo Primeiro-Ministro, a União da Esquerda para a Democracia Socialista (UEDS) lamenta, no

seu último comunicado, que tanto um como o outro, não tenham definido «uma linha de orientação clara e que claramente respeite as orientações contidas na Constituição da República».

Quanto à recente entrevista de Nobre da Costa à TV, afirma a UEDS que as afirmações produzidas se caracterizaram pela «ausência de linhas políticas em domínios fundamentais, pela manutenção da dependência político-económica face ao FMI e pelo abandono do Serviço Nacional de Saúde».

Sobre a recente conferência de Imprensa, do general Ramalho Eanes, a UEDS depois de considerar como positiva a disposição afirmada pelo PR de se manter no estrito respeito pelas normas constitucionais, considera que a sua intervenção apareceu como a abertura de uma campanha para as eleições presidenciais.

No mesmo documento, aquela organização política crítica o PS, que responsabiliza de contribuir para o desenvolvimento de um clima de «conflito e de ruptura, entre o PR e um dos grandes partidos democráticos» — o próprio PS.

É hoje votada a lei do recenseamento eleitoral

Não haverá intervenção de Soares

O plenário da Assembleia da República reabriu esta tarde com a votação final da proposta de lei sobre o recenseamento eleitoral, o qual, segundo o articulado aprovado na comissão especializada, não deverá exceder um período de trinta dias, a contar da publicação do novo diploma na folha oficial.

Por proposta do PCP, aprovada também na comissão parlamentar, a nova lei incluirá, nos seus 73 artigos, a criação de um cartão de eleitor que será entregue ao cidadão que for recensear-se, em troca do destacável do verbete anterior.

Entretanto, a novidade política da sessão de hoje, no hemiciclo, reside no aparecimento, na bancada PS, do dr. Mário Soares, acompanhado de outros ex-membros do II Governo Constitucional. Não se confirma, porém, que o principal dirigente dos

socialistas faça uma intervenção de fundo sobre a situação política.

Tal regresso ao parlamento do secretário-geral do PS tornou-se possível hoje, devido à tomada de posse, cerca das 12 horas, do III Governo Constitucional, o que libertou os antigos ministros e secretários de Estado dos respectivos compromissos no executivo agora substituído (ver caixa nesta página).

A nova lei do recenseamento prevê, entretanto, pesadas multas, de mil a doze mil escudos, a par de penas de prisão, para os elementos das entidades recensadoras que, de qualquer modo, dificultem aos eleitores o seu direito legal à verificação dos cadernos. A inclusão obrigatória de delegados de todos os partidos, com assento na Assembleia, nas operações de recenseamento,

com carácter fiscalizador, é outra das cláusulas inseridas na citada lei.

Por outro lado, os projectos de lei eleitoral do PS e do CDS deverão dar entrada esta tarde na mesa da Assembleia, juntando-se assim aos projectos, já entregues, do PCP e do PSP. De registar as analogias existentes entre os diplomas propostos pelo PS e PCP, tal como as semelhanças entre os projectos do CDS e do PSD.

Assim, os dois últimos partidos defendiam, além do voto obrigatório, a criação de 125 círculos nacionais e 125 distritais, contrariamente aos projectos socialista e comunista. Prevê-se, a não acontecerem súbitas

viragens de opinião, que a «filosofia» eleitoral dos projectos do PS e do PCP, muito próxima da lei actualmente em vigor, deverá prevalecer sobre os propostos pelo CDS e PSD.

Quanto ao calendário já aprovado para o debate e votação da nova lei eleitoral admite-se o seu alargamento, para além do dia 15 de Setembro, dado o facto de o Programa do novo Governo ter de ser apresentado à Assembleia. Em conferência, esta manhã, dos grupos parlamentares com o presidente da Assembleia, deverá ter sido encarada tal questão, não sendo porém de admitir que o debate e aprovação da Lei Eleitoral, ultrapasse o mês de Setembro.

CAMPINOS AO "DL"

Não se procura acordo com o CDS

«Não houve nenhum encontro entre o PS e o CDS tendente à busca de um acordo interpartidário» — garantiu esta manhã ao «DL» Jorge Campinos, secretário nacional do Partido Socialista e elemento que tem chefiado as delegações socialistas nas negociações com Nobre da Costa.

Esta afirmação de Jorge Campinos foi produzida quando instado a comentar as

notícias que têm vindo a lume sobre tal eventualidade. Registe-se, contudo, que esta é a posição do PS, o que logicamente nada tem que ver com outra possibilidade — a do CDS «entalado» na crise que provocou, procurar conduzir os socialistas a um acordo do tipo do assinado no início deste ano e que esteve na origem do II Governo Constitucional.

HEMICICLO PARLAMENTAR

Uns regressam outros saem

O regresso à Assembleia da República dos deputados ex-membros do anterior Governo será analisado amanhã, a partir das 10 horas, em reunião da Comissão Constitucional, a quem foi solicitado parecer sobre esse regresso, já que a permanência em funções de governantes, embora demissionários, levantaria dúvidas quanto à compatibilidade da retomada do seu mandato parlamentar.

No entanto, e dado que o novo Governo é empossado amanhã, cessando automaticamente a vigência do anterior, alguns observadores dão como certa a presença no plenário de S. Bento a realizar também amanhã, a partir das 15 horas, dos deputados que transitaram para o segundo gabinete de Mário Soares, bastando para tanto o parecer favorável da Comissão Parlamentar de Regimento e Mandatos.

Sá Machado e Correia Gago avistaram-se

Um encontro informal entre o ministro cessante dos Negócios Estrangeiros, Sá Machado, e o novo titular daquela pasta, Correia Gago, realizou-se ontem em Lisboa, no Palácio das Necessidades.

A notícia é hoje veiculada por

um matutino português que a ela se refere como «uma passagem de testemunho». Segundo a mesma fonte «o encontro serviria para que o novo chefe da diplomacia portuguesa pudesse obter do seu antecessor um quadro das principais questões que terá de enfrentar».

Marx e a repetição na História

Continuação da pag. 3

possuía nenhum tipo de unidade interna). Constituíam «uma enorme massa cujos membros se encontravam todos na mesma situação, sem estarem unidos entre si por relações variadas». É uma massa diversificada sem consciência de si. Daí resultava um desejo unitário, unidade desejada por esta classe em busca de unidade.

Um tal desejo é um tal sonho adquiriram forma em Luís Bonaparte. Foi assim que se fez Napoleão III. O processo material refracta-se na lógica do imaginário ideológico da «classe mais numerosa da França». Este imaginário mergulha as suas raízes na situação económico-social mas só possui realidade ideológica. O fantasma torna-se real. Alimenta-se de duas fontes, o exército e a Igreja apoiados na simbólica extravagância dos costumes e na imagem de grupos unidos à escala da nação.

Uma ilusão destas é a verdade da ideologia como representação. É «enganado-se» que a ideologia «triumfa». O imaginário é o princípio da eficiência imediata dessa ideologia que oculta e promove ao mesmo tempo. É a eles próprios tanto como aos outros que os burgueses dissimulam «o conteúdo estreitamente burguês das suas lutas». Em qualquer dos casos não restam dúvidas que é a luta de classes que está na origem desses fantasmas. As revoluções proletárias acabaram com eles. «A revolução social não pode começar antes de ter liquidado toda a superstição sobre o passado». Só a destruição de um passado fan-

tasmagórico pode tornar possível uma revolução social a «sério». Os aspectos simbólicos que têm uma ligação profunda com o ideológico, devem ser depurados para que se possa encontrar o caminho que conduz aquilo que se encontra escondido pelo véu das palavras.

Do mesmo modo que para Rousseau a sociedade será transformada quando tiver adoptado uma linguagem conforme à realidade, uma linguagem transparente, assim também para Marx a primazia do fundo sobre a forma será o próprio sinal distintivo da cidade comunista. «Antigamente era a forma que dominava o conteúdo, agora é o conteúdo que domina a frase». No entanto, a ideologia subsiste. Mas muda de natureza. Tal como a poesia deixará de ser trágica ou cómica passando a ser épica, isto é, virada para o futuro, assim também a ideologia estará voltada para o futuro. Será um aguilhão do progresso histórico em vez de carregar o peso de um passado ultrapassado. O imaginário continuará a ultrapassar a realidade mas para a melhorar. O real está dado e por isso o imaginário ideológico representará aquilo que ainda falta fazer.

A partir daí a natureza da temporalidade histórica, tal como foi concebida por Marx, será não transformada mas aprofundada. Dará corpo à necessidade teórica que o freudo-marxismo inverteu. É a racionalidade sócio-económica que orienta o mundo e não o imaginário. Este limita-se a traduzir funcionalmente a dialéctica agónica das classes, que fornece um fundamento ao estatuto materialista da repetição.

TOTOBOLA

18.ª época

Tempo de ganhar!



COM O NOVO BOLETIM... MELHORES PRÉMIOS!

← agora ...

TOTOBOLA

MATRIZ

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	-----

ATENÇÃO - MARQUE ASSIM

☒ 1 MARCO ASSIM

☒ 2 MARCO ASSIM

☒ 3 MARCO ASSIM

☒ 4 MARCO ASSIM

☒ 5 MARCO ASSIM

☒ 6 MARCO ASSIM

☒ 7 MARCO ASSIM

☒ 8 MARCO ASSIM

☒ 9 MARCO ASSIM

☒ 10 MARCO ASSIM

☒ 11 MARCO ASSIM

☒ 12 MARCO ASSIM

☒ 13 MARCO ASSIM

☒ 14 MARCO ASSIM

☒ 15 MARCO ASSIM

☒ 16 MARCO ASSIM

☒ 17 MARCO ASSIM

☒ 18 MARCO ASSIM

☒ 19 MARCO ASSIM

☒ 20 MARCO ASSIM

☒ 21 MARCO ASSIM

☒ 22 MARCO ASSIM

☒ 23 MARCO ASSIM

☒ 24 MARCO ASSIM

☒ 25 MARCO ASSIM

☒ 26 MARCO ASSIM

☒ 27 MARCO ASSIM

☒ 28 MARCO ASSIM

☒ 29 MARCO ASSIM

☒ 30 MARCO ASSIM

☒ 31 MARCO ASSIM

☒ 32 MARCO ASSIM

☒ 33 MARCO ASSIM

☒ 34 MARCO ASSIM

☒ 35 MARCO ASSIM

☒ 36 MARCO ASSIM

☒ 37 MARCO ASSIM

☒ 38 MARCO ASSIM

☒ 39 MARCO ASSIM

☒ 40 MARCO ASSIM

☒ 41 MARCO ASSIM

☒ 42 MARCO ASSIM

☒ 43 MARCO ASSIM

☒ 44 MARCO ASSIM

☒ 45 MARCO ASSIM

☒ 46 MARCO ASSIM

☒ 47 MARCO ASSIM

☒ 48 MARCO ASSIM

☒ 49 MARCO ASSIM

☒ 50 MARCO ASSIM

☒ 51 MARCO ASSIM

☒ 52 MARCO ASSIM

☒ 53 MARCO ASSIM

☒ 54 MARCO ASSIM

☒ 55 MARCO ASSIM

☒ 56 MARCO ASSIM

☒ 57 MARCO ASSIM

☒ 58 MARCO ASSIM

☒ 59 MARCO ASSIM

☒ 60 MARCO ASSIM

☒ 61 MARCO ASSIM

☒ 62 MARCO ASSIM

☒ 63 MARCO ASSIM

☒ 64 MARCO ASSIM

☒ 65 MARCO ASSIM

☒ 66 MARCO ASSIM

☒ 67 MARCO ASSIM

☒ 68 MARCO ASSIM

☒ 69 MARCO ASSIM

☒ 70 MARCO ASSIM

☒ 71 MARCO ASSIM

☒ 72 MARCO ASSIM

☒ 73 MARCO ASSIM

☒ 74 MARCO ASSIM

☒ 75 MARCO ASSIM

☒ 76 MARCO ASSIM

☒ 77 MARCO ASSIM

☒ 78 MARCO ASSIM

☒ 79 MARCO ASSIM

☒ 80 MARCO ASSIM

☒ 81 MARCO ASSIM

☒ 82 MARCO ASSIM

☒ 83 MARCO ASSIM

☒ 84 MARCO ASSIM

☒ 85 MARCO ASSIM

☒ 86 MARCO ASSIM

☒ 87 MARCO ASSIM

☒ 88 MARCO ASSIM

☒ 89 MARCO ASSIM

☒ 90 MARCO ASSIM

☒ 91 MARCO ASSIM

☒ 92 MARCO ASSIM

☒ 93 MARCO ASSIM

☒ 94 MARCO ASSIM

☒ 95 MARCO ASSIM

☒ 96 MARCO ASSIM

☒ 97 MARCO ASSIM

☒ 98 MARCO ASSIM

☒ 99 MARCO ASSIM

☒ 100 MARCO ASSIM

1

TOTOBOLA

MATRIZ

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	-----

1358465 Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

António Silva

R. do Sol 32

Lisboa

43

24/75.6.1978

A NÃO INDICAÇÃO DO NOME TORNA O BILHETE NULO

... antes →

Recorte biográfico dos novos ministros

Dezassete membros do III Governo tomaram hoje posse — 15 ministros e 2 secretários de Estado. Eis alguns dados biográficos dos novos governantes:

ALFREDO NOBRE DA COSTA (PRIMEIRO-MINISTRO)

Alfredo Nobre da Costa já ocupou, por duas vezes, depois do 25 de Abril, postos ministeriais: secretário de Estado da Indústria Pesada, de Janeiro a Julho de 1976, e ministro da Indústria do I Governo Constitucional. Aceitou, a 9 de Agosto, o convite que lhe foi dirigido pelo Presidente da República para formar o III Governo.

CORONEL MÁRIO FIRMINO MIGUEL (MINISTRO DA DEFESA)

O coronel Mário Firmino Miguel é já a quinta vez que vai ocupar a pasta da Defesa. Foi ele, efectivamente, quem preencheu o cargo de ministro da Defesa Nacional nos I e II Governos Provisórios e no I e II Constitucionais.

JOSÉ DA SILVA LOPES (MINISTRO DAS FINANÇAS E DO PLANO)

José da Silva Lopes estreou-se nas responsabilidades governamentais logo no I Governo Provisório, onde foi secretário de Estado das Finanças. Posteriormente, foi titular das pastas das Finanças e do Comércio Externo em diversos Governos Provisórios. Ultimamente, era governador do Banco de Portugal.

CORONEL ALMEIDA PINA (MINISTRO DA HABITAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS)

O novo ministro da Habitação e Obras Públicas, coronel na re-

serva, eng.º Almeida Pina, exerceu já as funções de titular da pasta das Obras Públicas no I Governo Constitucional, quando aquele Ministério estava separado do da Habitação.

Contando 52 anos, Almeida Pina, que é natural do concelho da Guarda, concluiu em 1951, na Escola do Exército, o curso de engenharia militar, tendo sido, mais tarde, professor catedrático das cadeiras de fortificação e organização do terreno e topografia, no mesmo estabelecimento de ensino militar.

Fez várias comissões de serviço em Angola e Moçambique, onde desempenhou funções inerentes ao seu grau académico. Passou a situação de reserva por parecer da junta médica de saúde, em Março de 1974, tendo ainda sido presidente da Junta Autónoma de Estradas.

PEREIRA MAGRO (MINISTRO DOS ASSUNTOS SOCIAIS)

O novo ministro dos Assuntos Sociais, eng. Pereira Magro, é outro dos elementos do gabinete de Nobre da Costa que sectores da direita consideram «nitidamente conotado com a esquerda».

Fez parte da comissão «ad-hoc» para as intervenções, tendo sido colaborador do Ministério da Indústria e Tecnologia, quando Marques do Carmo e João Cravinho sobraçaram aquela pasta.

Actualmente é membro do conselho de gerência da Fundação de Oeiras, onde tem desenvolvido uma actividade considerada positiva no saneamento da empresa e no aumento dos postos de trabalho.

AMÍLCAR MARQUES (MINISTRO DOS TRANSPORTES)

Amílcar Marques, licenciado com distinção em engenharia de minas pela Faculdade do Porto, tem o grau de professor catedrático de exploração de minas do Instituto superior Técnico de Lisboa.

Foi secretário-geral e administrador da Siderurgia Nacional tendo em 1973 assumido a presidência da direcção geral.

Técnico de reconhecida competência no sector dos transportes foi presidente dos TAP e exercia actualmente as funções de presidente do conselho de gerência da CP.

Amílcar Marques substituirá Ferreira Lima no Ministério dos Transportes e Comunicações.

COSTA LLOYD BRAGA (MINISTRO DA EDUCAÇÃO E CULTURA)

Trata-se duma personalidade nova na cena política portuguesa, visto que é a primeira vez que desempenhará funções governativas, visto que é a primeira vez que desempenhará funções governativas. Anteriormente fora professor catedrático na Universidade de Lourenço Marques (hoje Maputo), tendo sido em 1972 nomeado reitor da Universidade do Minho, cargo que ocupou até agora.

ANTÓNIO SEIXAS DA COSTA LEAL (MINISTRO DO TRABALHO)

António Seixas da Costa Leal, apontado para o Ministério do Trabalho, é licenciado em ciências económicas e financeiras e desempenha actualmente as funções de presidente do conselho de administração da Setenave e vice-presidente da Lisnave.

Depois da revolução de 25 de

Abril foi secretário de Estado do Orçamento durante alguns Governos Provisórios, tendo sido também vice-governador do Banco de Portugal.

Sectores da direita conotam Costa Leal com as posições do MDP/CDE.

CARLOS COSTA FREITAS (MINISTRO-ADJUNTO PARA RELAÇÕES COM A ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA)

Carlos Costa Freitas que foi oficial de artilharia, leccionou o curso de Direito, após o que ingressou na Agência do Ultramar, tendo mais tarde transitado para a Sacor onde desempenhou o cargo de director do contencioso.

Foi nessa altura que trabalhou com Nobre da Costa, tendo então colaborado nos trabalhos da fusão dessa mesma companhia.

Quando da chamada de Nobre da Costa para o desempenho de funções ministeriais no primeiro Governo Constitucional, Costa Freitas foi requisitado pelo Ministério da Indústria e Tecnologia onde exerceu o cargo de adjunto do ministro. Após a saída deste, Costa Freitas continuou nesse Ministério onde tem exercido a sua actividade.

Costa Freitas está indigitado para um cargo que poderá ter a designação de ministro-adjunto para as relações com a Assembleia da República.

PEDRO JOSÉ PIRES DE MIRANDA (MINISTRO DO COMÉRCIO E TURISMO)

Pedro José, Pires de Miranda que é natural de Leiria, tirou o curso liceal no colégio Militar, após o que ingressou no Instituto Superior Técnico onde se formou em engenharia civil em 1953.

Pires de Miranda, trabalhou em Londres numa firma de projectos de engenharia e em 1955 entrou para a companhia portuguesa de petróleo BP, onde desempenhou vários cargos nos departamentos de «operações» e «marketing».

No período de 1966 a 1970, regressou a Londres onde, na BP, exerceu funções relacionadas com operações internacionais da actividade petrolífera. Em 1972 foi director comercial na Petrogal e três anos mais tarde administrador da Sonap.

Em 1975 foi para o Brasil onde colaborou na Companhia Brasileira de Petróleos Ipiranga.

Regressado a Lisboa em 1976, foi nomeado administrador da Petrogal.

Pires de Miranda é a primeira vez que vai exercer um cargo governativo, na parte do comércio e do turismo.

CORONEL ANTÓNIO GONÇALVES RIBEIRO (MINISTRO DA ADMINISTRAÇÃO INTERNA)

O coronel António Gonçalves Ribeiro, ministro da Administração Interna, nasceu no Porto em 1933, tendo concluído o curso, de cavalaria na Escola do Exército em 1954.

Frequentou também o curso de Estado-Maior de 1966 a 1969, após o que exerceu funções docentes no Instituto de Altos Estudos Militares.

Foi um dos responsáveis pela «ponte aérea» entre Angola e Portugal, antes da independência daquele país, em 1975.

Exerce actualmente as funções de alto-comissário para os desalojados.

Entre outras condecorações, possui a medalha de mérito militar de segunda classe e a comenda da Ordem do Infante e cavaleiro da Ordem de Aviz.

MÁRIO RAPOSO (MINISTRO DA JUSTIÇA)

O ministro da Justiça, que ontem aceitou o cargo, é o dr. Mário Raposo, advogado em Lisboa.

Nascido em Coimbra há 49 anos, foi, nos anos 50, subinspector da Assistência Social e secretário do ministro das Finanças da altura, funções que deixou em 1955 para exclusivamente se dedicar à advocacia.

No triénio 72-74 foi vogal do conselho geral da Ordem dos Advogados, tendo exercido até ao final do ano passado as funções de bastonário daquela Ordem.

No meio forense, consideram-no um «homem liberal, absolutamente democrata». Foi tido como próximo do PS.

CARLOS CORREIRA GAGO (MINISTRO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS)

O novo ministro dos Negócios Estrangeiros, Correia Gago, é licenciado em engenharia pelo Instituto Superior Técnico de Lisboa e tem 44 anos de idade.

Técnico em assuntos petrolíferos, exerce as funções de presidente do conselho de administração da Petrogal.

Considerado «homem de esquerda», é defensor da ideia da integração europeia de Portugal e tem facilidade na relação com as ex-colónias.

FERNANDO DOS SANTOS MARTINS (MINISTRO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA)

Antigo secretário de Estado das Indústrias Ligeiras e Pe-

sadas, no primeiro Governo Constitucional, o eng. Fernando dos Santos Martins, que exercerá o cargo de ministro da Indústria e Tecnologia do III Governo Constitucional, é licenciado pelo Instituto Superior Técnico, cujo curso de engenharia concluiu em 1954.

Nos anos, de 1955 a 57, especializou-se em engenharia industrial na República Federal da Alemanha, tendo, em 1964, concluído a licenciatura em Economia pelo Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras.

Regeu na Faculdade de Engenharia da Universidade de Lourenço Marques (hoje Maputo), a cadeira de Economia de Empresa, exercendo diversos cargos em empresas privadas e, desde Abril e Julho de 1975, foi presidente do conselho de administração da Setenave.

APOLINÁRIO VAZ DE PORTUGAL (MINISTRO DA AGRICULTURA E PISCAS)

Secretário de Estado do Fomento Agrário no II Governo Constitucional, exerceu entre outros cargos anteriormente desempenhados o de director da Estação Zootécnica Nacional.

MAJOR JOÃO FIGUEIREDO (SECRETÁRIO DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO SOCIAL)

O major João Figueiredo, novo secretário de estado da Comunicação Social, tem desempenhado desde Setembro de 1975 as funções de presidente da Radiodifusão Portuguesa.

Nascido em Celorico da Beira há 41 anos, o major Figueiredo, depois do curso da Academia Militar, licenciou-se em Finanças. Os seus amigos consideram-no um «homem de firmes opiniões democráticas».

Após o «25 de Abril» foi membro do conselho de saneamento dos oficiais das forças armadas e director de pessoal da RTP.

LUÍS LOBO (SECRETÁRIO DE ESTADO DA PRESIDÊNCIA DO CONSELHO)

Licenciado em direito pela Faculdade de Lisboa Luís Lobo exerceu funções no Ministério da Indústria e Tecnologia. Foi chefe de gabinete de Nobre da Costa quando este exerceu funções de titular do MIT cargo em que permaneceu durante o tempo de Carlos Melancia. Durante a formação do III Governo Constitucional funcionou como chefe de gabinete e conselheiro de Nobre da Costa.

PUB.

Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores das Indústrias Químicas

MINISTÉRIO DO TRABALHO BOICOTA PUBLICAÇÃO DE NOVOS CONTRATOS!

Contratos Colectivos de Trabalho negociados entre as organizações sindicais dos trabalhadores e representantes de Empresas Públicas estão a ser entravados no Ministério do Trabalho, que vem boicotando a publicação no Boletim Oficial.

Pelo menos 3 ACTV's — EPG (Empresa Petroquímica e Gás) Portucel e Quimigal — depositados há longo tempo e que o Ministério do Trabalho face à lei da Contratação Colectiva deveria publicar 15 dias após o depósito, estão — explicação oficial — para «parecer de diversas entidades».

Isto é, os Sindicatos negociaram com representantes credenciados das Empresas, para depois vir o Ministério do Trabalho, em jeito de «homologação prévia», substituído-se aos tribunais, verificar a «legalidade» das convenções negociadas.

Principal patrono de leis reacionárias, limitativas do direito à livre negociação da contratação colectiva, o Ministério do Trabalho pretende levar ainda mais longe a sua acção, agora ao obstruir a publicação de convenções que neste caso substituem outras com mais de 3 anos de vigência.

Revelando mais uma faceta das leis burla que publica o Ministério que na teoria e com largas parangonas anunciou a revisão do DL 49/A e do prazo de vigência de 18 meses, na prática, confirma que os contratos colectivos não são para ser revistos ao fim de 1 ano, mas somente muito tempo após.

Os trabalhadores da E.P.G., por exemplo, que, por direito, em Julho de 1979 (12 meses após o acordo estabelecido este ano) deveriam ter novos salários, por força do boicote do MT, na melhor das hipóteses, só em Setembro de 1979 os poderão rever.

A Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores das Indústrias Químicas, principal organização representativa dos trabalhadores destas empresas públicas, denuncia a acção do MT, a que poderão estar ligados objectivos de destabilização das nacionalizações, e apela à mobilização de todos os trabalhadores, já que se, no prazo de dias não forem dadas garantias de publicação das novas convenções serão concretizadas formas de luta adequadas à situação.

PELA PUBLICAÇÃO IMEDIATA DOS ACTV's
PELA MELHORIA DAS CONDIÇÕES DE VIDA!
UNIDOS VENCEREMOS!

Lisboa, 29 de Agosto de 1978

PRISÃO DE SÁ LEAL

Dirigentes trotskistas vão tentar avistar-se com o presidente da A.R.

Dirigentes das duas organizações trotskistas portuguesas (LCI e PRT) vão hoje à tarde tentar avistar-se com o presidente da Assembleia da República e representantes parlamentares do PS, PC e UDP, a fim de manifestarem a sua apreensão pela prisão, no Brasil, desde a passada terça-feira, do médico português António Sá Leal, secretário-geral do PRT.

Com o mesmo objectivo, aque-

las organizações políticas vão efectuar reuniões com dirigentes da URAP, AEPPA e ainda com o Comité Português Pró-Amnistia no Brasil.

Juntamente com Sá Leal foram presos dois argentinos, Hugo Bressano e Rita Salzberg, como ele militantes da IV Internacional e 21 brasileiros.

A esposa de Sá Leal, que espera um filho, em Lisboa tentou

em vão falar telefonicamente com o marido.

Entretanto, iniciaram-se as diligências do Ministério dos Negócios Estrangeiros e a Embaixada do Brasil em Lisboa no sentido de se esclarecer por via oficial a situação do secretário-geral do PRT.

Ontem à tarde decorreram já manifestações no Brasil a favor da libertação dos presos, militantes da IV Internacional.

COMUNICAÇÃO SOCIAL

SECS desmente que "O Século" já tenha sido vendido

A Secretaria de Estado da Comunicação Social, sob a forma de «esclarecimento» desmente notícias tendentes a fazer crer que se teria efectuado a venda do sector «O Século» da Empresa Pública Século-Popular a um grupo privado». Segundo a SECS, «as referidas notícias são destituídas de fundamento, uma vez que o Conselho de Ministros do II Governo Constitucional não chegou a pronunciar-se sobre aquela proposta de aquisição da ex-SNT».

O grupo interessado na aquisição, segundo as notícias que circulam, tem por detrás o industrial Manuel Bulhosa e como intermediário o advogado Furtado Coelho. O novo «Século» chamar-se-ia «Século XX» e teria como director o jornalista Manuel Figueira, que regressaria, assim, ao posto a que tinha sido alcançado pelo banqueiro Jorge de Brito. Paulo Figueira, filho daquele jornalista, seria o futuro director de «O Século Ilustrado».

A «batata quente» passa agora para as mãos do major João Figueira, secretário de Estado da Comunicação Social do elenco Nobre da Costa.

Os trabalhadores de «O Século», que têm sido absolutamente ignorados nestas manobras escuras de bastidores, têm insistentemente manifestado a sua oposição à reprivatização do jornal. Ela não lhes oferece, à partida, quaisquer garantias de manutenção dos postos de trabalho.

Operário morre no fundo dum poço

GUIMARÃES, 29 — Quando procedia à limpeza do poço de um vizinho, na Rua José Vieira de Castro, em Fafe, o operário de construção civil Francisco da Silva Gonçalves, de 26 anos, casado, encontrou ontem à tarde a morte ao precipitar-se no abismo, quando a corda em que se encontrava suspenso cedeu inesperadamente. Um seu cunhado ainda tentou socorrê-lo, descendo ao fundo do poço, mas de nada serviu o seu esforço, já que o corpo do jovem Francisco ficara retido na profundidade das águas, com uma altura calculada em cerca de dez metros.

O corpo do infeliz operário só seria retirado, após uma brigada dos bombeiros locais terem procedido ao escoamento de toda a água do poço.

Operação limpeza em Portalegre

PORTALEGRE, 29 — Terminou, no passado dia 25, nesta cidade a «operação limpeza» que decorria desde o dia 5.

A iniciativa partiu da Câmara Municipal que contou com o apoio de uma cooperativa de iniciativas turísticas. Dezanove jovens estrangeiros limparam as paredes e inscrições que as cobriam, tendo a campanha sido considerada pela edilidade como «cem por cento positiva».



Taxas de campismo em Monsanto suspensas em Setembro e Outubro

Por deliberação da Câmara Municipal de Lisboa, as novas taxas a vigorar para utilização do Parque Municipal de Campismo de Monsanto vão manter-se até quinta-feira, sendo suspensas nos meses de Setembro e Outubro, entrando novamente em vigor definitivo a partir de 1 de Novembro. As novas taxas que vigoraram no Parque Municipal de Campismo de Monsanto levaram à sessão do Município muitos campistas que estão em desacordo com os aumentos que, segundo eles, oscilam entre os 125 e mil por cento.

Muitas das pessoas que se sentem lesadas, foram, perante a vereação de Lisboa, pôr problemas, esclarecer dúvidas e interrogar-se sobre a razão de tão grandes au-

mentos. Um elemento da Comissão de Utentes do Parque ao provar que as novas taxas são excessivas e gravosas para a maioria dos utentes, apresentou números comparativos entre taxas aplicadas por uma empresa privada e as da CML.

Assim, na Orbitur, diariamente, as crianças de quatro anos a dez anos pagam 7\$50 e em Monsanto, 10\$00, com mais de 10, 15 e 20, respectivamente; visitantes pagam na Orbitur 15\$00 e em Monsanto 35\$00. Astendos até 3 metros quadrados pagam 15\$00 na Orbitur e em Monsanto 20\$00; entre 3 a 12 metros quadrados de 18 e 30\$00; de 2 a 20 metros quadrados na Orbitur, 21\$00 e em Monsanto, 40\$00.

Por sua vez as caravanas

até 4 metros de comprimento pagam na Orbitur 18\$00 e em Monsanto 30\$00; as de 4 a 6 metros, 24 e 40\$00; as de mais de 6 metros de 30\$00 e 80\$00 e as de mais de 6 metros de comprimento e 3 de largura, 30\$00 na Orbitur e 250\$00 em Monsanto.

O vereador do CDS, Pedro Feist, denunciou uma série de irregularidades que estavam a ser cometidas no Parque de Monsanto tendo perguntado: «Como é que a Câmara pode querer combater o residencialismo no Parque se autoriza que 473 dos seus funcionários ali residam?». O mesmo vereador apresentou uma proposta que veio a ser aprovada com uma abstenção, para a aquisição de mil bancas destinadas a vendedores ambulantes e que custarão 12 mil contos.

O REGRESSO DO "BAILARINO" Cenas chocantes no Camões

Um cidadão sai calmamente do emprego, ansioso por uns momentos de evasão que façam esquecer a miséria do seu quotidiano (metade do ordenado do mês seguinte já se foi...) e assiste na rua a cenas verdadeiramente chocantes, implicando a nossa Polícia.

Aconteceu com o repórter do «DL» quando passava, ontem, por volta das seis horas, no Camões, onde a ordem pública tinha sido alterada. E por quem? Pela Polícia da esquadra das Mercês. Dezenas de pessoas comentavam indignadas a acção da Polícia, por quem não se morre de amores, dado que o seu comportamento antes e, mesmo, depois do 25 de Abril, justifica a má vontade do povo contra aquela corporação.

Final, o que aconteceu no Camões? Muito simplesmente: mais uma prepotência da Polícia...

Há um jovem bastante perturbado (talvez por droga ou vinho) que num total descontrolo desata aos pontapés aos carros estacionados na rua, gritando palavras sem nexo. Via-se, no entanto, que algo de anormal estava a determinar o seu comportamento. Saltam, à má-fé, de um veículo, alguns policiais da esquadra das Mercês do célebre «Bailarino» com as metralhadoras em posição de tiro e avançam para o rapaz. E, sem o mínimo pudor, sem inquirir sobre o que se passava, agrediram barba-

ramente o jovem.

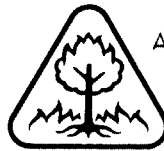
Entretanto meteu-se de perna, entre a Polícia e o agredido, um militar que por acaso se encontrava no local. Não respeitando sequer o elemento das Forças Armadas, a Polícia não só continua a massacrar «a presa» como ainda se vira contra o soldado. Acabam ambos por ser levados para a esquadra, perante a indignação geral. Enfim!... As pessoas sentiam-se revoltadas e muitas delas falavam do 25 de Abril com o qual julgavam ter chegado a altura de ser tratadas de outra maneira.

«Não podem prender um militar» — diziam alguns. É curioso que quando souberam que um jornalista estava ali no local dos acontecimentos muitas pessoas ofereciam-se para prestar declarações e pediam para pôr no jornal o nome delas. «Isto tem de acabar! O povo não pode permitir que a Polícia tome estas atitudes». Todos tinham histórias para contar. Um vendedor ambulante relatou as tristes peripécias com o chefe «Bailarino» no Bairro Alto onde «ganho a vida na venda de fruta». Acrescenta: «Ainda ontem tive de pagar 1600 escudos, senão apreendiam-me o material e estava sujeito a levar uma coça».

Outro indivíduo, a propósito, comentava: «Um dia destes posso-me embebedar (acontece a qualquer um) e começo a fazer disparates... Então eles matam-me?»

As Florestas são uma riqueza nacional.

Ajude a protegê-las não acendendo fogueiras.



NÃO FAÇA LUME

PROTEJA AS FLORESTAS

Estrangeiros pescam em águas portuguesas

PORTO — O Sindicato dos Pescadores da Póvoa de Varzim e de Vila do Conde e a Associação dos Mestres Proprietários da Pesca Artesanal da Zona Norte enviaram um telegrama aos órgãos governamentais dando conta da grave situação em que os pescadores se encontram devido à presença em águas territoriais portuguesas de barcos estrangeiros, que têm impedido os barcos nacionais de pescar, exigindo «imediata e enérgica in-

tervenção no sentido de ser posta a legalidade, sob pena de conjuntamente encontrarem as formas de luta que se julguem convenientes».

Recorde-se que já em Março último as mesmas entidades expuseram as suas dificuldades provenientes da presença de barcos estrangeiros em águas portuguesas, que na ocasião causaram prejuízos materiais que ultrapassaram os 2 mil contos.

SERVIÇO NACIONAL DE SAÚDE Um "ponto de honra" para António Arnaut

Em nota ontem divulgada o Ministro cessante dos Assuntos Sociais, António Arnaut, assegura ao povo português que a criação do Serviço Nacional de Saúde continua a ser para si «um ponto de honra» e que «como deputado tudo fará para a rápida concretização desse imperativo constitucional e patriótico».

António Arnaut, que ao abandonar as suas funções, agradece a todas as pessoas ou entidades, às autarquias, aos sindicatos e aos profissionais do sec-

tor o «apoio em manifestado à política seguida e, em particular, à criação do Serviço Nacional de Saúde», manifesta, igualmente, o seu «apeço» pela importante contribuição dada pelos órgãos da Comunicação Social, os quais, segundo a nota distribuída pela Direcção-Geral de Informação, «souberam assumir as suas responsabilidades perante o País e trataram objectivamente os problemas da segurança social e da saúde, com destaque para o grande debate nacional das Bases Gerais do SNS».

Adesão de Portugal à CEE considerada "desastrosa"

A revista da economia e negócios franceses «Impact» inseriu no seu último número um artigo da autoria de H. F. Jaspers dedicado à problemática da adesão de Portugal ao Mercado Comum.

De acordo com o articulista, esta adesão seria desastrosa,

afirmando que o alargamento da CEE a Portugal, Espanha e Grécia significava um aumento de 55 por cento da mão-de-obra rural, 49 da área cultivável e de 24 da produção agrícola. De acordo com o artigo do «Impact» a questão essencial «é Portugal chegar a uma abertura total do seu mercado».

LISBOA-ALGARVE-LISBOA

Serviços cada vez melhores

Rápido Sotavento

Só 1.ª classe — ar condicionado — snack-bar
Agora ainda 'mais rápido, chegando mais cedo

Directos diurnos

Melhores horários e marchas
minibar

Directo nocturno

Com camas, porta-automóveis, 1.ª e 2.ª classe
entre Santa Apolónia e Algarve

Sotavento e Directos ligados por autocarro
à Área Turística de Albufeira

Sexta-feira. — Directo especial para Barlavento, com partida do BARREIRO às 19 horas e chegada a LAGOS às 23-30 horas.

Consulte os Cartazes-Horários e as Informações da C. P.



Caminhos de Ferro
Portugueses

Ministério da Habitação e Obras Públicas
Secretaria de Estado da Habitação

FUNDO DE FOMENTO DA HABITAÇÃO
DIRECÇÃO DE HABITAÇÃO DO SUL

ANÚNCIO

CONCURSO PARA ARREMATACÃO DA EMPREITADA N.º 1/78/DHS — «CONSTRUÇÃO DE 20 FOGOS EM REGUENGOS DE MONSARAZ»

1 — Preço base 13 957 530\$00
Caução provisória 348 938\$30
Prazo de execução 360 dias

2 — Alvarás exigidos:
— 1.ª Subcategoria da Categoria I para empreiteiros de Obras Públicas.
— Categoria única para industriais da Construção Civil
— Classe e subclasse correspondentes ao valor da proposta apresentada.

3 — Data, hora limite e local para entrega das propostas:
Até às 17,00 horas do dia 26 de Setembro de 1978, no Fundo de Fomento da Habitação/D.H.S., Quinta da Vista Alegre, lote 38, em Évora

4 — Local, dia e hora do acto público do concurso:
No Fundo de Fomento da Habitação/D.H.S. em Évora, Quinta da Vista Alegre, lote 38, pelas 15,00 horas do dia 27 de Setembro de 1978.

5 — Local e horário para exame do processo:
No mesmo edifício do F.F.H./D.H.S. em Évora, no F.F.H. em Lisboa, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, n.º 5-1.º andar e na Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz.

Fundo de Fomento da Habitação, em 23 de Agosto de 1978

O Director da Habitação do Sul
Mário Fernando Costa Santos de Sá
Engenheiro

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

Serviço de Aquisições

Anúncio

Concurso n.º 3-1910/78

Obras de alteração e beneficiação para instalação e montagem de um monta-cargas no Hospital de S. José.

Recebem-se propostas até às 9.30 horas do dia 19 de Setembro próximo para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91), todos os dias úteis das 9 às 11.30 horas e das 14 às 16 e aos sábados das 9 às 12 horas, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 14 de Agosto de 1978.

Pel' O Chefe do Serviço

a) Júlio José Mendes

S.  R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS
DIRECÇÃO-GERAL

DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

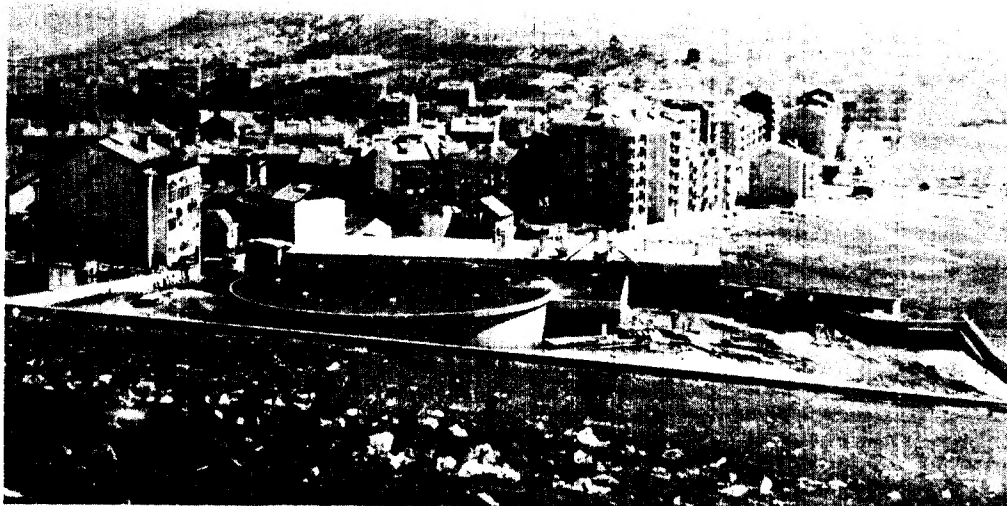
EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 1.º, do Regulamento de licenças para instalações electricistas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP (ex: Ceal) a que se refere o

processo 8/62217, arquivo 5460 para o estabelecimento na freguesia e concelho de Ourique, de uma linha aérea a 15 kv, com 358 metros, do poste nº 52 da linha Ourique-Santana da Serra ao posto de transformação de Monte da Mata.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção Geral dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 18 de Agosto de 1978
Pelo Engenheiro Chefe
A. Pires dos Santos



Brandoa: a pedir mesmo reconversão

MHOP projecta reconversão da Brandoa e Quinta do Conde

Com a criação de um departamento de realizações integradas para a área de Lisboa, no âmbito do Gabinete de Programas de Emergência, no Ministério da Habitação, começaram já a actuar os técnicos na zona da Brandoa-Falagueira e Quinta do Conde.

Esta intervenção em zonas de habitação clandestina pretende a recuperação e reconversão urbanística de áreas livres e espaços verdes, correcção da deficiência dos edifícios existentes no que se refere às condições de solidez, segurança e salubridade, complementamento das malhas urbanas e apoio aos moradores comprovadamente carecidos.

Assim, no que concerne à Brandoa-Falagueira, o secretário

de Estado da Habitação e o presidente da Câmara Municipal de Oeiras procederam à assinatura do protocolo que cria um gabinete de realização integrada para aquela zona.

Em relação à Quinta do Conde, o Ministério da Habitação e Obras Públicas, em colaboração com as Câmaras Municipais de Sesimbra e Seixal, DGPU e Comissariado, procedeu à elaboração de um projecto de reconversão urbanística para aquela zona.

CONCURSO PARA ARQUITECTOS

A Secretaria de Estado da Habitação abriu um concurso público de arquitectura com o ob-

jectivo de dinamizar o sector de projecto no domínio dos edifícios de habitação, divulgar e aplicar as instruções, normas, especificações e estudos já realizados, evoluir sobre as formas tradicionais de encomenda e de concepção do projecto de edifícios de habitação e, sobretudo, criar condições para uma efectiva disponibilidade e fácil aplicação de estudos qualificados de habitação.

A abertura da inscrição está prevista para o princípio do mês de Outubro.

No referido concurso, em todos os empreendimentos de promoção directa ou indirecta do Estado, deverão ser aplicadas as instruções para projectos de habitação promovida pelo Estado.

Eanes saúda novo Papa

O Presidente da República, general Ramalho Eanes, enviou ao novo Papa da Igreja Católica, João Paulo I, antigo Patriarca de Veneza, um telegrama de saudação cujo teor é o seguinte: «No momento da eleição de Vossa Santidade, associando-me ao júbilo da Cristandade universal e, em particular, dos católicos portugueses radicados na pátria de origem ou dispersos pelo Mundo, felicito vivamente Vossa Santidade, ao mesmo tempo que, em consonância com a consciência cristã da Nação portuguesa, exprimo a confiança e a esperança de que, sob o vosso pontificado, a Igreja Católica continuará a projectar a sua permanente renovação na elevação espiritual e na defesa da dignidade do Homem, bem como na promoção da Paz

e da Justiça entre os povos, prosseguindo tradições que engrandeceram na história os sucessores de Pedro e distinguiram especialmente a acção apostólica dos vossos imediatos predecessores».

COMOÇÃO DO EX-BISPO DE LEIRIA

«Sim, sim, concelebrei missa com o cardeal Luciani — ou devo dizer com Sua Santidade o Papa?» — hesitou a voz comovida do velho bispo resignatário de Leiria, D. João Pereira Fernandes, a quem um contacto episódico com o actual Papa manteve na noite de sábado de velada ao telefone do seminário

onde reside agora.

O cardeal Luciani veio ao Santuário de Fátima em Julho de 1977, presidindo a uma peregrinação de católicos de Veneza.

«Concelebramos missa no Santuário, mas não tivemos além disso nenhuma conversa especial», disse o antigo bispo de Leiria que revive a efémera recordação apenas para manifestar «um grande contentamento por a Igreja Católica ter Papa» e um Papa «com quem estive no mesmo altar».

MOVIMENTO DE LEIGOS

O Movimento (Independente) de Leigos Católicos da Freguesia da Graça saudou o Papa João Paulo I e «faz votos para que a actuação do novo Pontífice seja reformadora no sentido de que a Igreja, sem demagogia, não esqueça a lição mais profunda dos Evangelhos, seja fiel à solidariedade com os oprimidos e trabalhe no empenhamento da libertação do homem».

O comunicado dos leigos sublinha ainda que a «Igreja portuguesa só conseguirá recuperar o perdido através de uma adaptação à nova sociedade, abraçando como filhos e não como enteados, a classe trabalhadora e a juventude e abrindo-se completamente às reformas preconizadas pelo Concílio Ecuménico Vaticano II. Caso contrário continuará a ser um sepulcro por fora caiado de branco».

Novo Hospital de Coimbra orçamentado em três milhões de contos

COIMBRA, 29 — A construção do novo Hospital Central de Coimbra orçamentado em cerca de três milhões de contos integra-se num conjunto de instalações hospitalares em que se incluem o Hospital de Celas, Clínica de Santa Teresa, o Hospital Pediátrico, o Instituto de Oncologia e o Hospital Psiquiátrico Sobral Cid.

O novo bloco hospitalar de Coimbra comportará quase mil e duzentas camas, num imóvel que abrangerá uma área de 110 mil metros quadrados sendo apetrechado com equipamentos sofisticados e instalações modernas. O novo Centro incluirá toda a espécie de serviços, nomeadamente uma unidade de queimados e de reabilitação que preencherá lacunas que desde há muito se fazem sentir naquela cidade.

A obra terá um prazo de execução de 44 meses, sendo os primeiros oito para aprovação do projecto, pensando-se que poderá estar concluída em 1982.

Ecomuseu em Videmonte

GUARDA, 29 — Vai entrar brevemente em funcionamento, em Videmonte, o primeiro ecomuseu português, uma iniciativa do Parque Natural da serra da Estrela para colocar trabalhadores e estudantes dos meios urbanos em íntimo contacto com a vida rural.

De acordo com uma nova concepção de museu, esta experiência pretende que cada visitante seja um participante da vida da comunidade. Neste sentido, será estabelecido um calendário de actividades a que os visitantes terão acesso, tomando contacto com a forma como se fazem as culturas, colheitas ou diferentes momentos da criação do gado.

Preços das frutas e dos legumes

De acordo com uma nota da Secretaria de Estado do Comércio Interno, na semana de 28 de Agosto a 2 de Setembro os preços a praticar nos postos reguladores da Junta Nacional das Frutas são os seguintes:

Bananas 45\$00/kg, limões 17\$00/kg, melancia 11\$00/kg, melão 12\$00/kg, pêra (superior a 55mm) 24\$00/kg, pêra (inferior a 55mm) 18\$00/kg, pêssegos (tipo 3) 30\$00/kg, uvas 27\$00/kg, alfices 13\$00/kg, alhos 65\$00/kg, batata nova 5\$00/kg, cebolas 7\$50/kg, cenouras 15\$00/kg, couve portuguesa 8\$00/kg, couve lombardo 9\$00/kg, feijão verde 14\$00/kg, pepino 9\$00/kg, pimentos 11\$00/kg, tomate 9\$00/kg, feijão catarino 40\$00/kg, feijão fidalgo branco 36\$00/kg, feijão manteiga 48\$00/kg, feijão riscado redondo 31\$50/kg, feijão verdinho chumbo 31\$50/kg, miolo de amêndoa inteiro 165\$00/kg.

Em OLHÃO o

Diário de Lisboa

vende-se na

PAPELARIA
FARRACHA

ACORDO PESQUEIRO

Comandante venezuelano em Lisboa e Aveiro

O presidente da Comissão para a Indústria Pesqueira e da Sociedade Tecnológica da Indústria Naval Venezuelana, comandante Hernandez, chega amanhã a Lisboa para uma visita de três dias a Portugal.

O comandante Pedro Hernandez, durante a sua estadia

em Lisboa e Aveiro, terá contactos com elementos da Secretaria de Estado das Pescas e visitará instalações da indústria naval.

Esta visita está integrada no programa de estreitamento das relações bilaterais, assinado em Maio passado pelos presidentes Andrés Perez e Ramalho Eanes.

NO BPA

**"Surdas" voltam
à ordem do dia**

Acalentados pelo rumo que as coisas levam nos últimos tempos, os antigos privilegiados da banca começam a exigir que lhes paguem de novo as «surdas» que o 25 de Abril lhes retirou.

Passa-se no Banco Português do Atlântico: alguns funcionários apresentaram um abaixo-assinado ao conselho de gestão, onde exigem a reposição das gratificações secretas que dantes recebiam, e o seu pagamento com efeitos retroactivos a 1975... As comissões de trabalhadores e sindical daquele banco (Zona Sul) têm uma posição firme sobre o assunto. «Não podemos pactuar com esta situação», afirmam, pois ela insere-se «numa política de contestação à banca nacionalizada».

E recordam: «As 'surdas' antes do 25 de Abril eram imorais, resultantes de uma estrutura vinculadamente capitalista, porque representavam uma benesse aos órgãos de chefia em prejuízo dos restantes trabalhadores. Após a nacionalização da banca, atitudes destas representam um gesto ganancioso e oportunista que os trabalhadores desta casa não podem deixar de repudiar».

Greve à vista na hotelaria

• patronato desrespeita os prazos marcados

Se até amanhã, não chegarem a acordo as entidades patronais e os representantes sindicais de hotelaria nas negociações contratuais, os sindicatos decidirão em plenário marcado para quinta-feira, 31, a data da greve de 42 horas já aprovada em plenários de trabalhadores.

A decisão foi divulgada ontem, em conferência de imprensa da Federação dos Sindicatos de Hotelaria, para tornar públicas as conclusões do plenário da Federação realizado na passada sexta-feira.

O plenário da Federação considerou que foram atingidos os objectivos da jornada de luta do dia 29, pois finalmente o patronato sentou-se à mesa das negociações e ficou reforçada a unidade dos trabalhadores.

As negociações da revisão contratual iniciaram-se no passado dia 7, tendo sido acordado entre as partes que até ao dia 30 do corrente ficariam concluídas as negociações relativas à carreira profissional e ao clausulado

de incidência económica, devendo a restante matéria ser negociada até 30 de Setembro.

A carreira profissional está negociada, mas segundo as informações prestadas na conferência de imprensa de ontem apresenta-se muito difícil o acordo sobre as cláusulas de carácter económico e sobre o horário de trabalho.

Nesta última matéria o patronato apresentou propostas irrealistas, que se traduzem na prática, para os trabalhadores, em perda de direitos adquiridos. Assim, os patrões pretendem que os trabalhadores permaneçam no local de trabalho cerca de 14 horas diárias, introduzindo, nas nove horas de trabalho, dois intervalos que totalizam cinco. Até agora, a prática é de um único intervalo, de 4 horas, ou, então, o cumprimento do horário seguido sem intervalo.

Também há divergências quanto ao estabelecimento da chamada «semana inglesa» que actualmente se pratica com dia e

meio de folga ao fim-de-semana, pretendendo agora os patrões que o meio-dia seja gozado separadamente do dia inteiro de folga.

«São matérias de acordar, mas não é possível o acordo», sublinhou ontem, um dos membros do secretariado da Federação que acrescentou, defende a Comissão Sindical Negociadora, no que toca a horário de trabalho, o que está em vigor, pelo menos.

No seu comunicado o plenário de sindicatos considerou que as negociações do ACTV se têm caracterizado por um arrastamento «de que apenas o patronato se torna responsável face ao irrealismo que caracteriza as suas propostas».

O plenário considerou ainda que as ofertas de aumento feitas por algumas entidades patronais são manobras desmobilizadoras, tendo concluído que a tarefa de momento é intensificar a mobilização dos trabalhadores para a luta.

NUMA AGÊNCIA DE VIAGENS

Dirigente sindical despedido por cumprir as suas funções

Um dirigente do Sindicato dos Trabalhadores da Marinha Mercante, Aeronavegação e Pesca foi despedido da agência de viagens onde trabalhava há dez anos porque a entidade patronal não reconheceu o direito de o Sindicato requisitar a tempo inteiro para desempenhar funções na Escola de Hotelaria e Turismo de Lisboa, ao abrigo da Lei Sindical.

Carlos Teles Marques, o trabalhador despedido, foi nomeado como director do Sindicato da Marinha Mercante, Aeronavegação e Pesca no Conselho Directivo da Escola de Hotelaria e Turismo de Lisboa.

A Portaria 159/75, que reestruturou aquela escola, estabelece que um dos membros do seu Conselho Directivo tem de ser um representante daquele Sindicato, ligado às agências de viagem, pelo que a nomeação de Teles Marques se apresenta per-

feitamente legal. Mais tarde, foi eleito para o Secretariado do Conselho Directivo, funções que passou a desempenhar por exigência das mesmas, a tempo inteiro, a partir de 5 de Junho.

Também estas condições de trabalho são determinadas pela Portaria citada.

O Sindicato dos Trabalhadores da Marinha Mercante, Aeronavegação e Pesca oficiou em 2 de Junho à agência Paneuropa, onde Teles Marques trabalhava, que o dirigente sindical estava impossibilitado de «temporariamente» desempenhar serviço efectivo na empresa. A Paneuropa não aceitou a requisição do trabalhador, em consequência do que o Sindicato, em novo ofício, voltou a explicar à Paneuropa a situação e as bases legais que a sustentam.

Entretanto Carlos Teles Marques entrou de férias, e já em Julho recebeu uma nota de culpa

da Paneuropa em que a gerência lhe manifestava a intenção de o despedir por faltas injustificadas.

O despedimento concretizou-se recentemente, insistindo a gerência da referida agência de viagens em que a «justa causa» se baseia no facto de Teles Marques ter dado mais de cinco faltas seguidas, sem justificação.

Este atropelo à Lei da Greve é tanto mais grave quanto a empresa estatal deste sector — a Enatur — é detentora de 80 por cento do capital da Paneuropa.

Por outro lado, as consequências do despedimento deste activista sindical podem perturbar gravemente as relações entre o Sindicato e a Associação Portuguesa das Agências de Viagem e Turismo — salienta o Sindicato em comunicado — dado que um dos gerentes da Paneuropa é o presidente da Direcção da Associação Portuguesa das Agências de Viagem e Turismo e Carlos Teles Marques é dirigente do Sindicato da Marinha Mercante.

«Clara tentativa de intimidação» é como o Sindicato classifica o despedimento de Teles Marques, pois que «o que a APAVT ou o seu presidente pretende, é que os trabalhadores pensem duas vezes antes de

aceitarem ser dirigentes sindicais, já que o desempenho das suas funções neste cargo poderá acarretar-lhes gravíssimas consequências como seja a perda do seu posto de trabalho (...)

Na verdade, não deixa de ser sintomático o facto de a ameaça de despedimento se concretizar só poucos dias depois de terem sido concluídas as negociações do CCT para as agências de viagens, de cuja comissão Negociadora Sindical Teles Marques fez parte.

Entende a Direcção do Sindicato da Marinha Mercante que o despedimento visará também eliminar, antes de nascer, qualquer tentativa de reivindicação por parte dos trabalhadores no caso de o novo CCT não ser cumprido.

«A intimidação não resultará», prossegue a Direcção sindical. «Esta Direcção está disposta a ir até às últimas consequências para que a gerência da Paneuropa e a APAVT compreendam que ser dirigente sindical e desempenhar estas funções é, em 1978, em Portugal, um direito dos trabalhadores que poderá não lhes agradar muito, mas é mesmo um direito dos trabalhadores».

Panificação (Porto) prossegue luta pela renovação do CCT

O Sindicato Livre dos Trabalhadores de Panificação, Moagens, Massas e Similares do Distrito do Porto prossegue o seu trabalho de esclarecimento e discussão das novas formas de luta a adoptar caso continue a manter-se o impasse nas negociações com as entidades patronais, que romperam as negociações no passado dia 2 de Agosto.

As entidades patronais recorrem nessa altura ao Ministério do Trabalho «com o objectivo de conseguirem aquilo que não alcançaram nas negociações directas com o Sindicato — retirar os importantes regalias como a do subsídio de doença e negarem os aumentos salariais pedidos», denunciam os trabalha-

res da panificação em comunicado.

No entanto, contrariamente ao previsto, a reunião prevista para o passado dia 21 não se realizou «porque o Ministério do Trabalho não acelerou o processo e não convocou as partes», sendo, assim, neste momento, o MT quem está a entrar o processo, favorecendo as entidades patronais, que estão interessadas em ganhar tempo.

Uma nova reunião entre o patronato e o sindicato está marcada para o MT no próximo dia 30, pelas 14.30, aguardando, no momento os trabalhadores o resultado dessa reunião para decidirem das novas formas de luta a adoptar no caso de a intransigência patronal se manter.

CGTP-IN contra condenação à morte na África do Sul

A Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses — Intersindical Nacional enviou ao primeiro-ministro da África do Sul um telegrama de protesto contra a condenação à morte de um jovem activista negro, exigindo a comutação da pena.

A única acusação que impen- de sobre Solomon Mahlangu é a de ser activista do Congresso

Nacional Africano, facto que mostra «o carácter exclusivamente político da condenação».

Na circunstância a CGTP-IN manifesta, em nome dos trabalhadores portugueses, «o seu apoio à luta dos trabalhadores da África do Sul pela liberdade, e denuncia a criminosa política de 'apartheid' desenvolvida pelo seu governo».

resto de colecções

**SALDOS
ITALIANS**

alta sapataria

Rua Garrett, 98 - Lisboa

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA S.M.S. E PREVIDÊNCIA CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os trabalhadores dos S.M.S. e Instituições de Previdência, sócios deste Sindicato, para um Plenário a realizar no dia 29 do corrente, pelas 21 horas, na sede dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses, Rua Camilo Castelo Branco — Lisboa, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

1. Informações sobre o andamento dos trabalhos de revisão da regulamentação de trabalho.
2. Análise da Portaria 475/78.

POR UM SINDICATO DEMOCRÁTICO E INDEPENDENTE!

Lisboa, 25.8.78

A DIRECÇÃO

BICICLETAS "VILAR"



para homem,
senhora e criança

DISTRIBUIDORES

CICLO AREEIRO

Av. Alm. Gago Coutinho 3-B Tel. 886870-890342 LISBOA

DESDE SÁBADO POR TERRA

De uma forma um tanto inesperada, os agricultores que se mantiveram durante uma semana acampados junto às terras da herdade do Monte Branco, em Ferreira do Alentejo, decidiram dispersar, por volta das 11 horas de sábado. Antes, porém, percorreram em caravana de tractores as aldeias de Ruins e Olhas onde foram recebidos com soberana indiferença. Nem gritos de vitória, nem gestos agressivos assinalaram a sua passagem. Os habitantes daquelas povoações, separadas por 500 metros de distância, manifestaram apenas curiosidade. Porque razão os invasores das terras da UCP «Planície Dourada» tinham recuado nos seus propósitos? era a interrogação que muitos faziam.

Mais tarde, numa taberna da Aldeia dos Ruins, encontramos a resposta para a questão que nos intrigava. Em conversa com alguns dos participantes na invasão, que seguiram todo o processo do princípio ao fim, soubermos que tinham resolvido parar até à formação do novo Governo. Depois se veria... Tudo depende da concretização das promessas feitas por um representante do Presidente da República com quem tivemos uma entrevista. Será assim?

A história parece-nos um pouco mais complicada... É possível que as organizações políticas que os mandaram avançar para a luta, por uma questão tática, tenham agora resolvido que a altura não era a mais oportuna. A propósito a secção do CDS de Ferreira do Alentejo divulgou um comunicado sobre os acontecimentos, sob o título de «Contra a Mentira e Repressão nos Campos Alentejanos» em que afirma que apesar de não concordar que se faça justiça pelas próprias mãos, considera que a luta dos agricultores da Aldeia dos Ruins-Olhas, não pretende mais do que pressionar o cumprimento da Lei da Reforma Agrária. Depois de anunciar o seu apoio àquela luta patriótica, o CDS sublinha a maneira ordeira como os agricultores cumpriram todas as determinações das autoridades competentes. E termina com uma estocada ao PS: ... tanto mais que foi o PS o autor da lei cujo cumprimento agora procura contestar.

NA ALDEIA DOS RUINS

Na taberna de José Marques ouvimos a versão dos agricultores que o CDS defende com tanto calor. Curiosamente aqueles, com quem falámos, tinham todos sido militantes do Partido Socialista. Activistas, mesmo. A sua ligação àquele partido data do tempo do VI Governo Provisório, na altura em que Lopes Cardoso «descobriu» que os pequenos agricultores poderiam ser uma boa «tropa de choque» contra os comunistas do Alentejo.

Queremos que distribuam a terra pelos pequenos agricultores e trabalhadores rurais, diz Vargas, um deles. Falou, ainda, das divergências feitas, ao longo de dois anos, no sentido de se resolver o problema dos pequenos agricultores (com pouca terra), seareiros e rendeiros. O próprio Vargas é rendeiro de 35 hectares.

As suas reacções, porém traduziam todo o ódio sentido contra as UCP's e cooperativas. Ódio insuflado pelo PS e que, agora, atingiu proporções desmesuradas depois do amplexo da direita, nos braços de quem caiu (ele e alguns dos outros), depois dos socialistas não terem cumprido as promessas que convictamente faziam... o resultado desastroso de uma política «sem espinha dorsal» está à vista na atitude tomada pelos pequenos agricultores. Do PS não querem mais saber. Hoje é Freitas do Amaral, o «salvador» que lhes indica o caminho.

Não aceitamos que 50 homens estejam a explorar cinco mil hectares de terra, diz Vargas, numa referência à UCP «Planície Dourada». Os dados

em que baseia as suas palavras são incorrectos: Não são 50 mas 75 pessoas que trabalham como efectivos naquela unidade e a UCP não tem cinco mil hectares mas cerca de três mil. Vargas não fala dos milhares de hectares explorados por um único homem. Contra os grandes proprietários não se insurge. A esses não quer ocupar a terra. Incomoda-o, sim, a terra nas mãos dos trabalhadores.

Motivações fundas não faltam aos pequenos agricultores, seareiros e rendeiros das aldeias dos Ruins e Olhas. Só que escolheram o campo de luta errado.

Queremos a terra dividida individualmente — insiste Vargas. Entretanto o dono da taberna mostra a sua concordância com as posições defendidas. Outros protagonistas da «cena»: João Hilário, trabalhador rural na Herdade do Outeiro (estatizada) e um pequeno agricultor cuja ingenuidade é transparente, assistem em silêncio ao diálogo.

Deviam ter posto lá uma mulher que pelo menos usava saias. Assim evidencia Vargas o seu desprezo pelas mulheres ao opinar sobre o ex-ministro da Agricultura.

Se nos dessem a terra podíamos depois pensar em formar uma cooperativa de pe-

a tentativa de assalto à UCP Planície Dourada

quenos e médios agricultores, admite o pequeno agricultor ingénuo. A sua opinião foi de imediato contestada pelos outros. E o agricultor ingénuo remete-se, de novo, ao silêncio.

AMEAÇAS

Temos esperanças que o novo Governo venha resolver os nossos problemas. Se por acaso tudo continuar na mesma fazemos novo ataque. Não explodiu desta vez, mas da próxima vai certamente explodir (Vargas, João Hilário Duarte, e José Marques).

— Porque escolheram esta altura em que não havia Governo? — perguntámos.

Cruzam-se os olhares de Vargas e do dono da taberna. Eis a resposta:

Andávamos fartos de promessas. Não pensámos nisso. Só pensámos que precisamos de trabalho e que temos as prestações das máquinas para pagar.

Disseram-nos que não viviam bem, embora «fossem vivendo». Que no tempo dos agrários tinham mais possibilidades do que «agora». Pídera...

Acerca da GNR:

Não nos trataram mal. Nós somos cumpridores. (Vargas). Para João Hilário, trabalhador rural na Herdade Experimental do Outeiro o problema é este: reivindica um bocado de terra para ser como os outros. O salário de 180 escudos diários não o satisfaz. Quer ser proprietário, pronto. Isso de subsídio de férias, 13.º mês e outras regalias

socialis não lhe interessam. As suas aspirações são outras: trabalhar 24 horas por dia para juntar uns tostões.

As cooperativas são para os comunistas. Quem não for comunista não arranja trabalho — afirma Vargas como quem recita um recado.

EM OLHAS

Na aldeia de Olhas, numa taberna onde entrámos, o ambiente era totalmente diferente. A começar pelo dono. A maioria (ali) condena a actuação dos agricultores que invadiram a herdade do Monte Branco. De início o nosso contacto com os trabalhadores que ali se encontravam foi um tanto difícil. Receberam-nos com desconfiança. Só depois de a pedido do metalúrgico Joaquim Pirocas termos provado que pertencíamos ao «DL», o gelo se quebrou.

Sou contra esses indivíduos. Acho que têm direito a um bocado de terra, mas nem todos. Tomaram essa atitude porque se tratava de uma UCP. Contra os patrões nada fazem. Na minha opinião a Reforma Agrária veio resolver o problema do desemprego e melhorar as condições de vida dos trabalhadores. Os tipos nunca estiveram de acordo com a Reforma Agrária. Criticavam os comunistas, chamavam-lhes ladrões...

Entretanto alguém nos avisou de que ali, na tasca, estavam dois pequenos agricultores que também tinham participado na «luta». Recusaram-se a revelar o

nome. Prestaram, no entanto, declarações que transcrevemos o mais fielmente possível. Não acreditavam que o fizéssemos, pois não? Meus amigos: nós não escamoteamos a informação. Cumprimos, portanto, a promessa.

Antes do 25 de Abril éramos explorados. Mas a nossa vida, depois do 25 de Abril, também não mudou. Eu e o meu irmão exploramos 33 hectares e pagamos, segundo a qualidade da terra, um, dois ou três contos de reis por hectare, ao ano. Não temos horário de trabalho. Todos os dias nos levantamos às 4 ou 5 horas da manhã. Ninguém nos convidou para ir para a luta. Soubemos do que se passava e como precisamos de terra decidimos participar...

Os pequenos agricultores, disseram, ainda, estar de acordo com as cooperativas. Não eram contra, de maneira nenhuma. Mas criticam-nas.

Decepcionados com a política, para eles, nenhum partido serve. Afirmaram-se independentes. Duvidamos, no entanto, dessa independência. Para já tomaram uma posição. Optaram. Colocaram-se ao lado de uma manobra política de grande envergadura. Passaram pela Liga dos Pequenos e Médios Agricultores, que muito prometeu e nada fez. Votaram no PS... Agora defendem a abstenção.

Com votos nossos nenhum partido vai ganhar... Esta demissão do acto eleitoral mereceu o comentário da parte de um trabalhador rural que se afirmou na disposição de votar até mor-

rer.

Também o metalúrgico Joaquim Carlos Pirocas, sublinhou sorrindo: Dizem que são independentes mas nós vimos lá os dirigentes da CAP de Figueira de Cavaleiros...

PROVOCAÇÕES

Na delegação do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas, em Olhas, José Pais Carrilho, funcionário da Cooperativa de Consumo e António Matias, delegado sindical, garantiram-nos que certos agrários da região estavam envolvidos no assunto. Por exemplo o dr. Vitorino, juiz suspenso das funções por «corrupção» e que chegou a ser preso no 11 de Março. Ocuparam-lhe uma herdade que hoje faz parte da «Planície Dourada».

Esses agrários, que manobravam na sombra, apareciam no local onde os agricultores estavam concentrados, mas sempre de noite. Evitavam ser vistos. Sabemos também que os agrários Conduto e Pitas ofereceram borregos para os invasores comerem. E há o João Parreira, conhecido pela alcunha de «Besoiro» que dirigia as operações. Um industrial com cerca de 60 hectares de terra.

O funcionário da Cooperativa de Consumo conta as provocações que lhe fizeram quando se aproximou do acampamento improvisado:

Procuravam que a gente perdesse a cabeça e se atirasse a eles. Mas nós estamos

muito conscientes... A mim até me chamaram KGB. Uma vergonha! Eles querem acabar com a sede do PS na aldeia de Ruins. Bem... até já lá puseram uma fotografia do Freitas do Amaral. Eu apareço numa fotografia do «Jornal Novo» porque estava lá quando os jornalistas apareceram. Quem lhes deu as informações foi o Pinotes, um tipo da CAP. Escolheram-no para isso porque é dos mais «adiantados» em política. Os jornais... desses jornais reaccionários, davam-lhes conselhos. Um deles aconselhou-os a comprar pimenta para atirarem aos cães se estes os atacassem. E um desses jornalistas até foi comer a casa do José Matias, outro «capista». Quanto à GNR pareceu-nos estar do lado deles. Alguns dos tipos levaram melancias para a guarda comer...

Segundo José Matias, delegado sindical, o jornalista do «Dia» falou com ele mas nada do que lhe disse apareceu nas páginas do jornal. Pelo contrário: foi para o jornal dizer que aquilo aconteceu por causa do desemprego quando eu afirmei que não havia desemprego, que para arranjar um trabalhador era o cabo dos trabalhos.

Por outro lado o funcionário da Cooperativa de Consumo insiste em salientar o carácter político da manobra. Acusa a CAP, o CDS e outros partidos reaccionários de montarem a provocação...

Chamam campos de Moscovo às UCP's e Cooperativas. Quando viam passar um traba-



RAS DE OLHAS E RUINS

CAP

ador de alguma cooperativa. Lá vai mais um colono, não queremos canalha aqui...

José Matias, delegado sindi-

Achamos correcto que os pequenos agricultores recebam terra nos termos da lei. Vamos a elaborar uma lista com os nomes dos pequenos agricultores e seareiros do distrito para ser apresentado ao novo ministro no sentido de receberem terras nas herdades por expropriar. Quando os querem a terra que está nas mãos dos trabalhadores a essa posição é de contrariar as intenções. A herdade da Beira, integrada no Plano da ga é boa. Porque não reivindicam terra nessa herdade?

CP «PLANICIE DOURADA»

Apesar das dificuldades económicas agravadas pelo corte temporário do Crédito Agrícola Emergência, os dirigentes da CP, pensam que o seu trabalho é positivo. Em máquinas e ferramentas já se investiu na «Planície Dourada», mais de 15 mil contos. Concretamente: compraram duas vacadas, dois rebanhos de ovelhas, máquinas ceifadoras, tractores e alfaías; repararam malhadas e máquinas agrícolas. E embora continuem agarrados às culturas tradicionais, alargaram a área de girassol em cerca de 200 hectares.

Se não fomos para outro lado de culturas deve-se às dificuldades de escoamento. Ainda tentámos o pimentão e couves...houve grandes dificuldades para a sua colocação no mercado.

Cinco herdades constituem a CP «Planície Dourada». Dessa forma os trabalhadores já cedem 300 hectares a 40 pequenos agricultores, alguns dos quais laboraram na invasão da herdade do Monte Branco. Alguns sentendimentos pontuais entre os trabalhadores e os pequenos agricultores vêm de longe. Desde as ocupações. No caso da herdade do Monte Branco não houve ocupação. Foi o próprio proprietário que entregou a terra ao ex-IRA. A expropriação consumou-se depois, de acordo com a lei da Reforma Agrária.

O objectivo deles é destruir a UCP. Sempre nos declararam guerra. Quando pertenciam ao PS passavam a vida a fazer listas de pessoas que reivindicavam terra e deslocavam-se frequentemente aos departamentos locais. E segundo ouvimos, na véspera da invasão uniram-se na aldeia dos fins com o governador civil (o PS) a quem comunicaram o plano. Mas tanto quanto sabemos este aconselhou-os a irem para a frente as suas ideias.

Depois da ocupação dos latifúndios deu-se uma proliferação de pequenos agricultores e seareiros. Com as «cosas quentes», pelo PS, muitos nunca foram agricultores e passaram na aventura. Nesta infusão destacam-se os aludores de máquinas ou «faleiros» que também reamam terra. E no fim de conta esses indivíduos explora-

ram descaradamente os pequenos agricultores. Levam-lhes os olhos da cara pelos serviços que lhes prestam...

Comprar uma máquina tornou-se fácil. Basta fazer dois hectares de tomate. Adquirem-na a prestações com todas as facilidades. Os que compram uma máquina empregam logo um homem para se sentirem patrões. Esses alugadores de máquinas nunca trabalharam. São uns parasitas. Quanto aos pequenos agricultores não percebemos porque estão contra nós. Até já lhes fizemos vários trabalhos de graça. Ainda este inverno andámos a trabalhar para eles, com o intuito de os ajudar a libertarem-se dos fiquinhos. Deixámos muitas vezes o nosso serviço para fazer o deles. Mas isto é uma questão política. Assim se explica a atitude dos pequenos agricultores. O ano passado, na altura da falta de palha, vendemo-lhes a nossa palha a 40 escudos o fardo. No

entanto, eles já tinham vendido a sua palha a 60 escudos. Celámos-lhes as searas e carregamo-lhes o trigo...

Os trabalhadores da UCP «Planície Dourada» lamentam que os pequenos agricultores não compreendam como estão a ser manobrados pelos grandes agrários que na primeira altura lhes vão cravar um punhal nas costas. Porque se preocupam tanto com a reserva do antigo proprietário da herdade do Monte Branco? Reserva, aliás, que não foi pedida. É ou não uma manobra política?

Se em vez de partirem para as terras do Monte Branco, tivessem ido ocupar as herdades do Pardieiro ou da Broeira nós juntávamo-nos a eles. Quando quiserem estamos à disposição...

CONCLUSÕES

Do acto desencadeado pelos «agricultores» da região de Ferreira do Alentejo, contra uma UCP legalmente constituída, há muitas conclusões a

tirar. Trata-se de uma manobra política que vem na sequência da contestação aos últimos responsáveis do MAP.

Cérebros: CAP e CDS. Nela encontram-se envolvidos grandes agrários. Aliás algumas personalidades ligadas à CAP, e conhecidas como tal no Alentejo, regressaram inesperadamente do Algarve, onde estavam a passar férias, logo que começou a invasão. O dr. Vitorino, proprietário, por herança, e advogado de profissão, foi visto no local - o que não é para admirar porque as suas ligações com o «Be-soiro», comandante das operações, são do conhecimento geral. Igualmente a presença do veterinário Dias foi detectada por alguns observadores.

É evidente que muitos dos que participavam na invasão eram pequenos agricultores: «carne para canhão» nas unhas da direita. Gente que militou ou simpatizou com o PS. Gente flutuante nas suas convicções que encontrou,

agora, na CAP, o ombro «amigo» para desabafar as suas mágoas. Elucidativo é o comunicado da Comissão de Agricultores das Aldeias de Ruínas e Olhas que afirma: Fatos de esperar que a justiça lhes seja feita, os pequenos proprietários resolveram iniciar este movimento, que pretendem ordeiro, a fim de que lhes sejam entregues terras para trabalhar...

E mais adiante acrescenta-se (e aqui a marca da CAP é visível) que não pretendem proceder como as UCP's, que tendo-se na sua maior parte, apropriado indevidamente de grandes número de hectares das melhores terras, se negam a pagar rendas, não pagam contribuições e ainda vão ao CAE buscar o capital para aquisição de material agrícola e pagamento de salários.

Manifestam ainda o desacordo com a política agrícola do PS.

Por sua vez a Federação Distrital de Beja, do PS justifica-se

salientando o esforço desenvolvido pelos dois Governos de responsabilidade do PS no sentido de devolver terras a centenas de pequenos agricultores e seareiros que delas tinham sido ilegalmente expulsos. Numa crítica à «traição do CDS» o partido em questão refere as intenções dos últimos responsáveis do MAP de distribuírem cerca de 300 hectares na herdade do «Monte da Vinha» aos pequenos agricultores e seareiros tendo para o efeito sido consultada a Liga.

Embora prometa voltar à carga a CAP desistiu, em Ferreira do Alentejo. Aguarda a formação do novo Governo ao qual o CDS já começou a pôr umas certas reticências. É significativo que a CAP e o CDS tenham perdido um pouco do entusiasmo com que de início aceitaram a formação do «governo Nobre da Costa»...

Isto explica o recuo em Ferreira do Alentejo.

Lourdes Féria

FAÇA COMO 1 MILHÃO DE PORTUGUESES!
FAÇA VOCÊ MESMO COM
Black & Decker[®]
E FAÇA A SUA MELHOR COMPRA DESTE VERÃO:

UM BERBEQUIM PRÁTICO E VERSÁTIL! VÁRIOS MODELOS! MUITAS UTILIDADES!

DNJ 50 899. **DNJ 70 1099.** **DNJ 52 1699.** **DNJ 64 1899.**

COM QUALQUER DELES 1 LIVRO "FAÇA VOCÊ MESMO" 1 CONJUNTO DE ACESSÓRIOS 10 PLANOS DE CONSTRUÇÃO

GRÁTIS

LIVRO «FAÇA VOCÊ MESMO»

- Tudo sobre como se usam os berbequins.
- Todos os segredos de fazer furos em qualquer material sem problemas.
- Como montar e utilizar os famosos dispositivos e acessórios.

* Instruções de conservação e cuidado.

CONJUNTO DE ACESSÓRIOS PARA LIXAR E POLIR

- 1 flange de borracha
- 10 discos de lixa grossa, média e fina para desbaste e acabamento em madeira, plásticos, etc.
- 1 boina de polir para dar lustro ao seu carro ou aos seus móveis

PLANOS DE CONSTRUÇÃO

- Esquemas para ajudar a fazer imensas coisas novas para sua casa: armário de sala, mesa de centro, móvel de gavetas, secretária, estante de módulos, etc.
- Completíssimos, com desenhos das peças, medidas, indicação dos materiais a usar e instruções de construção, montagem e acabamento.
- Use-os tal e qual ou apenas como base para as suas ideias

FAÇA VOCÊ MESMO COM Black & Decker ... E FAÇA UMA VIDA MELHOR PARA SI.

PUB.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDUSTRIA HOTELEIRA E SIMILARES DOS DISTRITOS DO PORTO, VILA REAL E BRAGANÇA AOS TRABALHADORES HOTELEIROS

CAMARADAS

Vem esta Comissão Directiva, a propósito de um comunicado da Lista B, candidata às eleições do nosso Sindicato, alertar e esclarecer os trabalhadores hoteleiros para as seguintes questões:

- 1 — Que, a par da extensa campanha de calúnias de que de início temos sido alvo por parte dos camaradas que compõem a Lista B, o comunicado em referência ultrapassa em vileza, oportunismo e baixeza moral tudo o que se poderia esperar.
- 2 — As eleições para o nosso Sindicato são devidamente contempladas nos nossos estatutos, que prevêem prazos, normas de candidatura, localização das mesas de voto, legalidade dos eleitores, etc.
- 3 — Assim não entendem os camaradas da Lista B.
Segundo a sua opinião dever-se-ia dar pura e simplesmente um «pontapé» nos estatutos e fazer as eleições de qualquer maneira. A avançarem para a revisão unilateral dos estatutos, estes nossos camaradas qualquer dia estariam, quem sabe, a exigir que os patrões também pudessem votar.
- 4 — Quanto às acusações de que temos medo do voto dos trabalhadores, está esta Comissão Directiva à vontade, pois que, todo o seu trabalho tem sido orientado no sentido da defesa e dos superiores interesses de todos os trabalhadores. A honestidade do nosso trabalho não pode ser posta em dúvida, o mesmo não se podendo dizer dos elementos da Lista B que, para conseguirem as assinaturas suficientes, tiveram que falsificar algumas, facto que podemos perfeitamente provar.
- 5 — Quanto à referência já muito gasta de que recebemos ordens da Inter, queremos esclarecer que não é verdade. Todos os trabalhadores sabem que o nosso Sindicato não está filiado em qualquer central sindical. No entanto, e no superior interesse de todos os trabalhadores temos colaborado e participado em reuniões com outros sindicatos e mantemos as melhores relações de colaboração com a C. G. T. P. — IN que, reconhecemos, com todos os seus defeitos e virtudes, ser a única estrutura de cúpula do movimento sindical, verdadeiramente representativa do interesse dos trabalhadores portugueses. Será que os nossos camaradas da Lista B entendem que devemos virar as costas aos trabalhadores e participar e colaborar com os divisionistas da «Carta Aberta», da C. D. T. ou do sindicato fantoche? Se pensam isso, tirem daí as suas ideias. Esta Comissão Directiva, enquanto for o legítimo representante dos trabalhadores hoteleiros há-de tudo fazer para isolar e desmascarar os inimigos de classe dos trabalhadores.
- 6 — Finalmente, não pode esta Comissão Directiva deixar de alertar os trabalhadores para o facto de não se deixarem ir na conversa fácil e demagógica, não se deixarem ir nas lindas promessas e falas mansas daqueles que, durante mais de 2 anos, mais não fizeram do que destruir parcialmente o Sindicato, colaborar activa ou disfarçadamente na criação do sindicato paralelo, contribuir para a desmobilização dos trabalhadores e desviar parte do património do nosso Sindicato.
- 7 — Informamos ainda que tudo o que dizemos o podemos perfeitamente provar.

Camarada:

No próximo dia 4/9/1978,
VOTA!

FÁ-LO CONSCIENTEMENTE!
NÃO DEIXES QUE OS OUTROS PENSEM POR TI!
DAQUI LÁ REFLECTE E DECIDI-TE!
O SINDICATO É TAMBÉM TEU!
POR UM SINDICATO FORTE E DEMOCRÁTICO AO SERVIÇO DOS TRABALHADORES HOTELEIROS
NA UNIDADE VENCEREMOS

Porto, 24 de Agosto de 1978

A COMISSÃO DIRECTIVA

FEIRA DE LEIPZIG:

Ponto de encontro do comércio internacional

O papel mundialmente reconhecido que Leipzig desempenha como intermediário no comércio entre o Leste e o Oeste será de novo acentuado na próxima Feira de Leipzig, que se realiza naquela cidade lendária da República Democrática Alemã de 3 a 10 de Setembro.

Participam neste grande encontro da economia internacional, subordinado ao lema «Por um comércio aberto ao mundo e pelo progresso técnico» mais de 6 000 expositores de 50 países, que apresentarão a sua oferta em bens de investimento e de consumo numa área total de 280 000 metros quadrados.

Esperam-se visitantes de 100 países, entre os quais muitos compradores, assim como especialistas dos sectores da investigação e da produção. Nas novas instalações da Universidade Karl-Marx, a Feira de Leipzig reúne agora pela primeira vez, num amplo Centro de Informação, vários serviços, estando igualmente prevista a inauguração de um Ponto de Encontro para estrangeiros. Para colóquios, reuniões e conferências de imprensa, o novo complexo dispõe de salas de reuniões e de conferências com uma capacidade total de 2 600 pessoas.

No sector dos bens de investimento, salienta-se a seguinte participação: química e complexos químicos com os sectores especializados de produtos químicos agrícolas e de máquinas plásticas, reunindo ofertas de mais de 20 países; máquinas têxteis; máquinas para o fabrico de sapatos, incluindo o grupo especializado da técnica têxtil progressiva, com expositores de 20 países, e veículos, com expositores de 16 países. Também os ramos de técnica de medicina, máquinas poligráficas e máquinas para trabalhar madeira despertarão o interesse dos especialistas.

Os 20 ramos da feira de bens de consumo ocupam uma área de exposição de 130 000 metros quadrados, inteiramente situada no centro da cidade da feira. Também estes ramos se caracterizam por uma forte representação internacional. No ramo de têxteis e vestuário, que inclui o grupo especializado de «Confeções», far-se-ão representar expositores de 30 países. Estarão patentes ao público produtos alimentícios e estimulantes de 35 países, produtos químicos para o lar, cosméticos e produtos farmacêuticos de 18 países, e ainda vidraria e cerâmica, electrodomésticos e outra aparelhagem para o lar e para a hotelaria, brinquedos e móveis, sectores estes com representação de cerca de 16 países. Tal como em todas as feiras de Outono, os ramos dedicados aos temas ocupação de tempos livres e artigos de desporto (incluindo a Expovita 78 da RDA), assim como a interscola — artigos didácticos, equipamentos e mobiliário para instituições de ensino — constituirão pólos de atracção especial para os visitantes.

LARGA PARTICIPAÇÃO INTERNACIONAL

A Feira de Leipzig — principal realização da República Demo-

económica socialista, que são particularmente significativos nos ramos da química, complexos químicos, máquinas têxteis, veículos, técnica de medicina, máquinas poligráficas e bens de consumo. O maior expositor de entre os países socialistas estrangeiros é a URSS, com uma exposição colectiva numa área total de 12 000 metros quadrados. Dos países em vias de desenvolvimento anunciaram a sua participação na Feira do Outono de Leipzig de 1978 expositores da Índia, Paquistão, Irão, Síria, Líbano, Marrocos, Brasília, México e Equador.

Do campo capitalista virão 500

cias especializadas sobre outros ramos da técnica expostos, como complexos químicos, veículos e técnicas de medicina.

UMA TRADIÇÃO DE 800 ANOS

A Feira de Leipzig assenta numa tradição de 800 anos. Desde 1165 que se realizam duas a três feiras por ano, com excepção do período da II Guerra Mundial.

Leipzig foi um animado ponto de encontro e de trocas comerciais desde os primeiros séculos



Centro de Leipzig, na RDA, reconstruído depois da Segunda Guerra Mundial. À esquerda, no primeiro plano, o novo edifício da ópera (um dos quatro mais vastos e mais bem apetrechados tecnicamente, em todo o mundo); no segundo plano, o arranha-céus da Universidade Karl-Marx

crática Alemã no âmbito do comércio externo — apresentará toda a gama de produtos de exportação da RDA, distribuídos por 2 800 empresas. Estarão representados também todos os estados membros do Conselho para o Auxílio Económico Mútuo: os seus «stands» de exposição documentarão os avanços e os êxitos do processo de integração

expositores de 24 países industrializados e de Berlim Ocidental. Conhecidos consórcios, associações industriais, empresas de importação e exportação, assim como numerosas empresas especializadas de dimensões médias apresentam a sua oferta em todos os ramos da indústria de bens de investimento e de consumo. A Bélgica, a França, a Grã-Bretanha, a Itália, os Países Baixos, a Áustria, a Suécia e, pela primeira vez, a Finlândia, estão presentes com «stands» de informação oficiais.

Também estão representados, com «stands» por ramos, expositores da Austrália, Dinamarca, Grécia, Irlanda, Canadá, Liechtenstein, Nova Zelândia, Noruega, Portugal, Espanha, Turquia e Chipre.

O ponto alto do programa de realizações científico-técnicas da Feira do Outono de Leipzig 1978 será o 3.º Simpósio Internacional de Catalisadores, de 4 a 6 de Setembro. O programa inclui, entre outras coisas, séries de conferências sobre os temas «Máquinas plásticas de alta produtividade», «Técnica têxtil progressiva» e «Processos agroquímicos», nas quais os expositores prestarão informações sobre novas tecnologias e novos produtos.

Também se realizarão, no Pavilhão 7 da Feira, conferên-

de existência da Feira de Mercadorias.

De meados do séc. XV até princípios do séc. XVII, a Feira de Leipzig converteu-se num dos principais mercados do comércio internacional, vindo a assumir uma posição de destaque no comércio entre o Leste e o Oeste. Um factor de importância decisiva para a génese da Feira de Leipzig foi a situação geográfica privilegiada da cidade, situada no cruzamento das importantes rotas comerciais Via Regia e Via Imperii.

A feira de mercadorias foi substituída, cerca de 1840, pela criação de sortidos de amostras. Começou assim o desenvolvimento da Feira de Amostras, em alemão «MusterMesse», palavra que dá origem ao símbolo da Feira de Leipzig «MM».

No dano de 1895, realizou-se em Leipzig a primeira feira de amostras do mundo.

Em mais de oito séculos de história, a Feira de Leipzig deu provas da sua importância para o comércio internacional. Especialmente nos últimos decénios, desenvolveu-se de acordo com as necessidades internacionais e, hoje em dia, sendo internacionalmente reconhecida como centro de comércio mundial, contribui significativamente para o alargamento das relações comerciais.

ATAQUE

REVISTA MENSAL 30\$00

UMA REVISTA APARTIDÁRIA QUE INFORMARÁ O PÚBLICO DE TODA A VERDADE E SÓ A VERDADE!

CRÍTICAS • CRÓNICAS • COMENTÁRIOS • DESPORTO • SAÚDE • PASSATEMPOS • SABER • OBSERVAÇÃO • ATAQUE!

SAI DIA 30-8-78 O N.º 1

ASIA

Violentos combates no "Bico de Papagaio" entre exércitos vietnamitas e cambojanos

Forças vietnamitas cercaram duas divisões do Exército cambojano, parecendo ter-lhes infligido perdas irreparáveis — noticiaram ontem jornais franceses, advertindo que a situação no Sueste asiático se tornou verdadeiramente explosiva.

Relatando os acontecimentos a partir da Tailândia, os jornais referem que uma força estimada em dezasseis mil cambojanos foi — ao que se sabe — apanhada pelos vietnamitas 150 quilómetros a nordeste de Phnom Penh, estando a ser flagelada por aviões americanos capturados pelo Vietname durante a guerra.

Segundo «L'Aurore», encontram-se na área da batalha nove divisões de elite vietnamitas, tendo estas infligido perdas «insuperáveis» aos cambojanos. O jornal acrescenta, que as relações entre Hanói e Pequim estão extremamente tensas, após o recontro fronteiriço ocorrido entre os dois países na sexta-feira passada.

«Le Figaro» prevê que «o Vietname se veja proximamente forçado a abrir guerra em duas frentes: no Norte, contra o seu poderoso vizinho, a China, e no Sudoeste, onde o Exército vietnamita tem mantido há oito meses uma guerra fronteiriça assassina, com o Camboja».

«Le Matin», por seu lado, diz que, enquanto Moscovo se mostra cada vez mais irritado com a política seguida pelo presidente Hua Kuo-feng, Hanói e Pequim debatem-se numa «corrida aos favores dos EUA».

«Os chineses receiam estar equidistantes com os vietnamitas para a normalização das relações diplomáticas com os EUA», diz «Le Matin».

«L'Humanité» — órgão do PCF — diz que Moscovo está seria-

mente preocupado com o «papel da China», citando o último ataque público desferido pelo Partido Comunista Soviético contra a «política de dominação de grande potência» que Pequim vem seguindo.

Entretanto, a rádio cambojana confirmou indirectamente hoje a violência dos combates opondo os Exércitos do Camboja e do Vietname, mas sem dar pormenores sobre a situação que, segundo fontes bem informadas, ter-se-ia deteriorado seriamente nas últimas semanas para o Camboja na sua Frente Oriental.

«As tropas revolucionárias e o povo cambojano, conduzidos por Pol Pot, primeiro-ministro e secretário do Partido Comunista (PCK) prosseguem o seu combate heróico contra o invasor vietnamiano», relata a «Voz do Camboja» captada na capital tailandesa.

As últimas informações da Frente difundidas pela emissora cambojana, datando de 16 de Agosto, anunciavam que cinco divisões vietnamitas tinham tentado atacar ao norte da região do «Bico do Pato» (também conhecida por «Bico de Papagaio» — NDR) a partir da região dos Planaltos. A rádio revelara anteriormente bombardeamentos intensivos vietnamitas ao norte e ao sul desta zona, situada a 160 km a nordeste de Phnom Penh.

A Rádio Camboja insiste todavia na solidariedade «entre o povo, o Exército e o Partido dirigido por Pol Pot», rejeitando implicitamente as informações segundo as quais a linha radical imposta pelo primeiro secretário do PCK seria contestada por uma fracção do gabinete político.

Além disso a rádio desmente que «o Camboja tenha sido impedido pela China Popular a agredir o Vietname». «Isso é mentira», afirma a rádio.

OFENSIVA DIPLOMÁTICA CHINESA

Hua Kuo-feng chegou hoje a Teerão

O presidente Hua Kuo-Feng, o «número um» chinês inicia esta tarde uma visita difícil de três dias ao Irão. O sucessor do presidente Mao Tsé Tung, que vem de Belgrado onde se avistou longamente com o marechal Tito, será recebido com todas as honras devidas a um chefe de Estado.

Acolhido pelo xá do Irão à sua descida do avião, prevista àr as 17.00h locais (13.00h tmG), o presidente Hua irá, na caleche imperial puxada por oito cavalos até ao monumento «Chahyad», erigido no centro de Teerão «ao Futuro do Irão», onde receberá as chaves de ouro da capital da antiga Pérsia.

No total, o chefe de Governo e do Partido Comunista Chinês terá três horas de conversações a sós com o soberano iraniano, e está previsto que na próxima sexta-feira será publicado um comunicado sobre o teor destas

conversações, pouco depois da partida do dirigente chinês para Pequim.

O presidente Hua avistar-se-á também, na sua residência ao sul de Teerão com o novo primeiro-ministro iraniano Cjafaar Charif Emami.

Nesta primeira visita de um «número um» chinês a um país capitalista, o presidente Hua chega ao Irão num momento difícil para este país, perturbado por várias semanas de motins que culminaram nestes últimos dias com a morte de várias centenas de pessoas, 400 das quais vítimas de um atentado bombista no cinema «Rex» de Abadan.

Hua, presidente do Partido Comunista e primeiro-ministro da China, terminou ontem à noite, as suas conversações com o presidente Tito da Jugoslávia desferindo outro, ataque contra o que Pequim considera como política expansionista so-

viética e tentativas para conseguir o domínio do Mundo.

Numa ceia de despedida no retiro do marechal Tito nesta ilha ao Norte do Adriático, Hua condenou o «hegemonismo», a palavra usada por Pequim para designar o domínio soviético de outros países.

O presidente Hua, defendendo a política independente da Jugoslávia comunista, mas não alinhada, salientou o direito de cada país à soberania e à igualdade.

«Existe uma grande identidade de semelhança de opiniões, entre a Jugoslávia e a China em questões básicas. Nós, como vós, amamos a paz, pretendemos dispor de condições de sossego, a fim de edificar o nosso país, e desejamos que nações grandes e pequenas sejam iguais», declarou ao presidente Tito.

Exército indiano em estado de prevenção

O exército indiano foi ontem colocado em estado de prevenção após motins na cidade de Hyderabad, no sul do país, em que 23 pessoas foram feridas e alguns edifícios incendiados, anunciou o ministro do Interior de Andra Pradesh, M. Hashim.

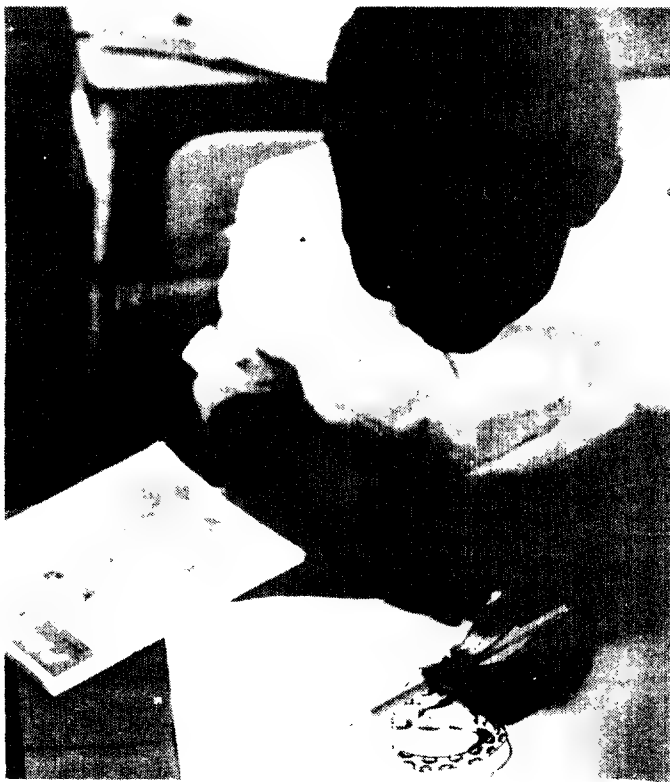
Cerca de 46 pessoas foram presas e a polícia estava a patrulhar algumas partes da cidade. Disse que sete polícias figuravam entre os feridos.

A agência «Press Trust of India» (PTI) anunciou que multidões saquearam e incendiaram lojas e casas. Foi imposto um recolher obrigatório em parte da cidade velha.

O ministro declarou que os recontros começaram após uma violenta disputa entre dois grupos a noite passada.

Foi também imposto um recolher obrigatório na cidade portuária de Visakhapatnam na sequência de uma disputa entre bêbados.

AFRICA



GUINÉ-BISSAU

População escolar cresce em ritmo empolgante

Nos últimos quatro anos a população escolar da Guiné-Bissau cresceu mais de 100 por cento. Dos cerca de 45 000 estudantes matriculados em 1973/74, nos dois níveis de ensino (básico e secundário), passou-se no último ano escolar para mais de 100 000 — estimativa que representa 11 por cento do total da população.

Para um país de acanhados recursos, que tem também de acudir as solicitações de outros sectores igualmente prioritários na estratégia do desenvolvimento nacional — e todos eles atingidos pelos efeitos devastadores ou simplesmente modorrentos de uma guerra longa de

onze anos — foi um esforço que os especialistas consideram, no mínimo, notável, aquele que se fez no domínio da educação.

Nos últimos anos da administração colonial, as estruturas ainda funcionais do ensino estavam praticamente reunidas nos centros urbanos e os professores eram em grande escala recrutados entre os militares portugueses e suas famílias.

Nas zonas rurais, que em grande parte correspondiam às áreas não controladas pela administração colonial, a escolarização das crianças e a alfabetização dos adultos eram asseguradas por quadros e meios do PAIGC.

RACISMO

Potências ocidentais responsabilizadas

Importantes potências ocidentais e empresas multinacionais são as principais responsáveis pela resistência da África do Sul em alterar as suas políticas de segregação racial, declarou ontem o presidente da Comissão Anti-«Apartheid» das Nações Unidas.

Leslie O. Harriman, declarou na sessão de abertura de uma conferência Anti-«Apartheid» organizada por movimentos de direitos humanos não governamentais que Israel, o Uruguai, o Paraguai e o Taiwan se tinham tornado a «segunda linha de Defesa» sul-africana.

Harriman, um nigeriano, pediu à comunidade internacional que elaborasse uma estratégia contra a cooperação com o «regime criminoso e racista» do primeiro-ministro John Vorster.

Importantes nações industrializadas reclamaram o crédito pela organização de um acordo de independência pacífico para a Namíbia (Sudoeste Africano), até agora administrada pela África do Sul.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Press, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

Excepção ao "apartheid": só no crematório

Os negros não podem viver com os brancos nas mesmas áreas, na África do Sul, nem podem ser sepultados ao lado deles. Contudo, em Joanesburgo, regista-se agora nívelamento, num certo aspecto: indivíduos de todas as raças podem ser cremados no mesmo local.

Um informador do administrador do Transval, Sybrand Van Niekerk, revelou ontem que, a seguir a pedidos de grupos religiosos, autorizara que pessoas de todas as raças utilizem o grande crematório da cidade de Braamfontein.

AMÉRICA LATINA

Desmantelada uma conspiração para derrubar o ditador Somoza

Foi aniquilada uma tentativa de golpe de Estado levada a cabo por soldados e civis — anunciou a noite passada o Governo da Nicarágua.

Um comunicado da sede da Guarda Nacional, a força de segurança do país, dizia que as pessoas ligadas à tentativa do golpe haviam sido presas.

O comunicado não fornecia pormenores nem quantas pessoas estavam envolvidas na conspiração.

A intenciona foi mais um golpe vibrado a esta nação da América Central, a braços já com uma greve nacional visando a derrubar o ditador Anastasio Somoza.

Na semana passada, guerrilheiros sandinistas de esquerda atacaram o Palácio do Congresso, fazendo reféns centenas de pessoas e conseguindo a liberdade para cerca de 60 camaradas presos.

Ninguém ficou ferido durante a prisão dos conspiradores, prosseguia o comunicado, que acrescentava que o Governo sabia da intenciona já há algum tempo.

Um tribunal militar de quatro membros foi criado para julgar a responsabilidade pela conjura, revelava o comunicado.

A greve foi declarada na sexta-feira passada por uma vasta coligação da oposição, desde direita a marxistas.

Essa coligação, a Grande Frente, afirma que a greve continuará até o presidente se demitir e ser formado um Governo de Unidade Nacional.

O Governo do presidente Somoza, cuja família ocupa o poder neste país, de dois milhões e meio de habitantes, há quase 45 anos enfrenta uma situação económica cada vez mais grave, havendo falta de dinheiro para investimentos e fuga de capitais do país devido à agitação política.

A Guarda Nacional é uma força policial e militar e a revelação de que soldados estavam envolvidos na conspiração foi a primeira

indicação oficial, nos últimos anos, de descontentamento nas suas fileiras com a família Somoza.

A Guarda, treinada e equipada nos Estados Unidos, tem sido a base do poder da família do ditador. Contudo, adversários têm acusado a Guarda de brutalidade e os guerrilheiros sandinistas exigem a sua dissolução.

GREVE NACIONAL TEVE FRACA ADESAO EM MANÁGUA

A greve nacional convocada para derrubar o presidente da Nicarágua, Anastasio Somoza, teve efeito apenas limitado em Manágua, embora se afirme de fonte fidedigna ter tido mais forte apoio noutras cidades.

A força da greve na capital foi menor do que se esperava. Apesar do apoio quase unânime dado ontem por uma Assembleia Nacional de Câmaras de Comércio, apenas cerca de 30 por cento dos estabelecimentos da cidade encerraram.

Houve notícias de violência esporádica, e num subúrbio pobre de Manágua foram erguidas barricadas, rapidamente retiradas com a chegada de patrulhas da Guarda Nacional.

A Guarda Nacional anunciou ter abatido dois guerrilheiros que mataram um membro do Partido Liberal do presidente Somoza. Contudo, familiares dos dois jovens afirmaram que eles se tinham limitado a fugir, depois de terem sido interceptados porque não possuíam licença de condução.

Guardas nacionais fortemente armados, em jipes, patrulharam bairros comerciais e industriais, e os transportes pareceram ter operado quase normalmente.

CURSOS

● MECANOGRRAFIA
PERFURAÇÃO - VERIFICAÇÃO

Sistemas IBM e UNIVAC
Início dos cursos: em 6-9-78

DACTILOGRAFIA

Este curso tem início todos os dias

Informações e inscrições no
EXTERNATO CONTINENTAL

Tel. 36 42 72 — R. do Arsenal, 100-1.º

Já «extra» polémica Victorino de Almeida — Mário Vieira de Carvalho, e com o objectivo de não esquecermos todas as partes interessadas no assunto, não podemos deixar de publicar, hoje, uma carta pública do maestro e tele-apresentador à Editora D. Quixote, na qual o interessado responde a críticas que esta empresa formulou, nestas páginas, a seu respeito. Encerrada ontem, no que toca ao «Diário de Lisboa», a troca de cartas entre Victorino de Almeida e o nosso companheiro de trabalho, é nosso desejo que a publicação do presente texto, ao abrigo do direito de resposta, dê por finda, igualmente no que toca ao «Diário de Lisboa», esta troca de justificações

Com o pedido de publicação, recebemos de Victorino d'Almeida a carta que abaixo se transcreve, relativa à questão que o opõe a Publicações D. Quixote:

Perante uma nova frente aberta pelas «Publicações D. Quixote», como resulta da carta inserta no «Diário de Lisboa» de 19 do corrente mês de Agosto, sou forçado a ripostar com fogo real ao fogo de vistas com que se procurou chamuscar-me e iludir as pessoas que lêem e se interessam por estas coisas.

Dizendo que não pretende intervir na «polémica» entre mim e o Mário Vieira de Carvalho, a «D. Quixote», a título de esclarecimento e defesa da sua própria posição, trata de pôr em causa a verdade duma afirmação minha fundamental, de modo que, a partir daí, no aspecto considerado nessa afirmação, a conclusão a tirar da «polémica» logo penderia para o lado oposto ao meu, já que o peso emprestado, embora sob intenção declaradamente neutra, parecia definitivo e fora de competição.

Direi eu desde já, e adiante mostrarei, que o peso é falso, pelo que o apoio externo não influirá de qualquer maneira na pendência do Mário Vieira de Carvalho comigo, e até creio em que ele será o primeiro a lamentar a envenenada ajuda que a «D. Quixote» lhe ofereceu.

A minha afirmação contestada pela «D. Quixote» foi a de que ela

nao cumpriu para comigo regras elementares e que utilizou o meu nome, como co-responsável da obra publicada e como chamarriz, sem meu conhecimento nem consentimento.

Procurando ilibar-se, aquela editora recorre ao contra-ataque e acusa-me de pretender enjear as responsabilidades que assumi.

A verdade tem a fraqueza de ser uma só, enquanto as mentiras se multiplicam até ao infinito, o que, em número, lhes dá muita força. Mas as mentiras aguentam pouco, rebentando e desfazendo-se como bolas de sabão, ao passo que a verdade, como costuma dizer-se, é firme e rija como uma rocha. Por isso contra ela se esboroam todas as mentiras, desde a dita inocente ao palão desbragado, como é o caso da «D. Quixote».

Já vamos ver.

Quanto à «responsabilidade» que assumi, através do contrato que assinei com a referida editora em 2-9-977, nunca a enjetei, nem enjeito.

Consistiu tal responsabilidade, conforme a letra do contrato, em rever, coordenar e redigir (e não redigir) as entradas que considerasse necessárias na tradução da obra THE NEW DICTIONARY OF MUSIC.

Nesta incumbência aparece o termo estranho: «redigir». Mas de termos estranhos, mais ou menos neologísticos, anda a língua cheia, talvez como sin-

Resposta de Victorino de Almeida à editorial Dom Quixote

toma de vitalidade. Toda a gente para aí emprega, por exemplo, as palavras «desestabilização» e «desestabilizar», que nunca vi em nenhum dicionário nem usadas por nenhum purista. Mas todos compreendem o que é. E assim, não pus entrave ao «redigir», que foi a D. Quixote quem redigiu, e porventura inventou, não sendo intransponível nem praticamente importante a sua compreensão.

O importante é que daquela única responsabilidade que assumi contratualmente me desempenhei eu.

A «D. Quixote» reconhece na sua carta que efectuei o meu trabalho e que o enviei em tempo devido. Pelo que toca à justeza ou mérito do trabalho efectuado, a «D. Quixote» nada teve para reclamar, como seria seu direito se o não achasse em condições.

E levei o sentido da responsabilidade ao ponto de informar e prevenir a editora de que, através da revisão efectuada, verificara que a obra era de impressionante mediocridade.

Mais ainda: se a versão para português ficou em condições minimamente apresentáveis, isso se deve aos penosos esforços que despendi a retocar, dentro dos limites possíveis e permitidos (pois eu não era o autor, nem o tradutor, mas o simples revisor em matéria de terminologia técnica), os mamarachos de que o original está recheado.

Parece até que o próprio sr. Jacobs, autor do Dicionário, terá concordado inteiramente comigo, visto que as emendas, alterações ou acrescentos (e muito disso lá pus eu) ficaram sujeitas, segundo me foi comunicado pela editora, ao acordo daquele, que certamente o deu, sob pena de a editora — a «D. Quixote» — o ter enganado, não lhe mostrando as minhas notas complementares e rectificadoras, ou me ter enganado a mim, dizendo-me que era obrigatório o referido acordo do autor, sem que isso fosse verdade.

Portanto, depois de cumprida inteira e reconhecidamente a minha missão, indo muito além

do que me seria exigível, depois de dada integral satisfação à única responsabilidade que assumi, só por tolice ou tortuosa intenção, desviada da boa fé, a «D. Quixote» pode vir insinuar que eu pretendesse ou pretendia eximir-me a tal responsabilidade.

Eximir-me — porquê?! — Por um trabalho que fiz e que fiz bem?!

Por ter sido honesto em informar e prevenir a editora de que a obra era de «fancaria»?!

Quanto ao facto por mim afirmado de que a «D. Quixote» não cumpriu para comigo regras elementares e utilizou abusivamente o meu nome, ele é demasiado evidente, de sorte que esta tentativa da editora para se ilibar só denota uma arrepiante falta de escrupulo.

O que a «D. Quixote» procura na sua carta é estabelecer a confusão da responsabilidade por mim assumida e satisfeita, relativa ao trabalho material de que fui incumbido, com a co-responsabilização por uma obra que oportunamente defini como de nível inferior e que ela quis impingir, servindo-se para tanto da vinculação do meu nome à cobertura publicitária de tal inferioridade.

O comportamento da «D. Quixote» mostra que esta confusão não teve nada de inocente e que foi premeditada.

A «D. Quixote» não teve a coragem de vir negar que eu lhe dei em devido tempo a minha opinião desfavorável acerca da obra.

A partir daí, como é que ela poderia admitir que eu autorizasse a utilização do meu nome, ajudando talvez decisivamente ao lançamento dessa obra que, em meu parecer, não deveria sequer ser publicada?!

Neste ponto, a «D. Quixote» teve o cuidado de ocultar as tais «observações críticas» constantes da carta que lhe escrevi e ela refere. Mas, reconhecendo que eu acabava por concluir que a publicação ou não publicação seria assunto a ela «exclusivamente» respeitante, automaticamente reconhece também que

eu me pus fora desse assunto e, como tal, excluída estava a possibilidade de utilização do meu nome para cobrir o chorrilho de confusões e disparates que eu assinalara.

Ora, como é que reage a «D. Quixote» após o recebimento da minha carta?

Desta maneira sintomática: Não me deu qualquer resposta, e não mais voltou a contactar comigo;

Face ao meu parecer, inequivocamente negativo, nada me comunicou sobre a sua decisão de ir, de qualquer modo, para diante e de proceder à publicação do Dicionário;

Dispensou-se de me reclamar as notas relativas aos artistas portugueses, que importava acrescentar à lista inicial muito incompleta, que era imperdoável não fazer constar duma versão portuguesa de qualquer dicionário, e cuja remessa eu lhe prometera, para logo que obtivesse os dados biográficos directamente pedidos a alguns daqueles artistas.

Um tal silêncio só podia ter a consequência de me deixar na convicção de que o meu parecer fora acolhido, com a resultante de ficar suspensa a publicação, talvez para uma refundição futura de grande fôlego, como era, realmente, bonito e, sobretudo, sério.

Em vez disso, o que a «D. Quixote» tramava era o lançamento sorrateiro da obra, pespegando-lhe com a menção de «António Victorino d'Almeida como responsável pela revisão técnica e pelas entradas sobre música portuguesa».

«Responsável», portanto, pela própria falta de referenciação condigna dos artistas portugueses, cujas notas, apesar de prometidas, apesar de indispensáveis, a editora por sua conta dispensou. «Responsável», com o sentido óbvio de cancelar, com a autoridade e prestígio do nome, a mercadoria bichosa posta em comércio!

Porque é, então, desde que não acertou previamente comigo a utilização do meu nome e os limites ou reservas a que tal obrigaria, a «D. Quixote» não pôs lá, com inteiro respeito pela verdade e atribuindo-me a minha verdadeira responsabilidade: «Revisão técnica de Fulano, o qual considera que esta obra é mediocre, e algumas entradas sobre música portuguesa por ele acrescentadas, não figurando outras que ele tinha por necessárias, por a editora considerar dispensável a sua publicação»?!

Contra esta verdade já eu não teria razão de queixa, e o público

não era enganado.

Mas a «D. Quixote», porque não lhe convinha (!) esta solução e porque estava perfeitamente inteirada e segura de que eu não podia autorizar a chancela do meu nome, tratou mas foi de prosseguir o seu negociozinho com o maior segredo, que é a alma daquele, e, jogando às escondidas, não me enviou sequer um exemplar da obra publicada!

A tanto não tinha direito o «co-responsável» pintado para efeitos publicitários!

Longe, em Viena, ele sabe lá disto?! — cuidava a «D. Quixote», em sua manha tão antiquixotesca.

O que estragou tudo foi o ataque do Mário Vieira de Carvalho, com base sobretudo na falta de artistas portugueses, que me imputou, e ao qual fiquei a dever o inestimável serviço de me dar a conhecer a existência desta publicação feita à socapa, como as obras pornográficas.

No falado jogo das escondidas, donde resulta inteira a premeditação da utilização abusiva do meu nome, o que parece ter perturbado a «D. Quixote» foi o facto de não me ter enviado as provas tipográficas. — Qual quê?!

Resolveu isso com o palão desbragado, como acima referi, de vir dizer que no contrato «foi suprimida a cláusula usual e impressa» que me atribuía «a obrigação, e também o direito, de rever as provas» e que por isso é que nunca me foram enviadas!

É redondamente mentira. No contrato não foi suprimida semelhante cláusula pela razão simples de nunca lá ter constado, nem mesmo no impresso utilizado «ad-hoc» e destinado aos tradutores.

E tal cláusula não carece de consignação especial porque ela está assente e enraizada no consenso geral. Para a supressão do direito, muito mais do que obrigação, de rever as provas é que seria necessária cláusula expressa e especial nesse sentido. O que, a suceder alguma vez, deverá constituir fenómeno tão raro como o da separação das águas para Moisés passar.

Pois é com este comportamento, apenas muito sumariamente comentado, com esta miserável mentira, que a editora «D. Quixote» se dá ao despalante de acusar-me de não querer assumir as minhas responsabilidades, por mais que as tenha inteiramente satisfeito e excedido, e de se autoqualificar como «totalmente fiel às regras contratuais e profissionais»!

É de força! — E também pouco inteligente — não será?...



2.ª SEMANA
Todas as noites (excepto domingos) às 22 horas
na SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES
Av. Duque de Loulé 31
Lisboa Tel. 578320
Peça de G. Léautier
Adapt. de Helena Domingos
Música de Vasco Pimentel
Colaboração de Cristina Reis

HOJE — 2 SESSÕES — ÀS 20.30 e 22.45, NO

FOLGA: 4.ª Feira

RIR+RIR=AH! AH! AH!



MAGDA CARDOSO

EM

FARDOS E GUITARRADAS

Não aconselhável a men. 18 anos

uma hilariante comédia fresca e apetitosa

EASTMANCOLOR

SATÉLITE

NA ERA DAS TRANSPLANTAÇÕES, PODEM SURTIR BEM ESTRANHAS COMPLICAÇÕES

HOJE ESTREIA ÀS 21,30



O Senhor é «VIUVA»?

com IVA JANZUR OLGA SCHÖBER JIRI HIRZAN

Realizador VASLAV VORLICEK

Astória Filmes N/acons. a men. de 13 anos

Mais de cinquenta prisões no festival "rock" de Reading

Reading, Inglaterra, 29 — A polícia britânica deteve mais de cinquenta espectadores do oitavo festival de música «Rock» que decorreu na localidade inglesa de Reading, na sequência de confrontos violentos entre alguns dos 30 mil jovens presentes.

Os incidentes começaram quando um grupo de espectadores invadiu o palco na altura da actuação do grupo «Sham 69», travando-se então recontros com os agentes de segurança, de que resultaram alguns feridos ligeiros.

Verificaram-se posteriormente outros recontros entre «Punks» e adolescentes que foram classificados pela polícia como «simples espectadores».

Olivier Hussenot morreu em Paris

Paris, 29 — Com 65 anos de idade, morreu em Paris, o actor francês Olivier Hussenot. Co-fundador e animador durante quinze anos da parêlha «Grenier-Hussenot», também esteve ligado ao cinema e à televisão.

Canal da Crítica

AUSTERIDADE A QUATRO RODAS

Fala-se muito de austeridade. Diz-se, na generalidade, que é inevitável. Pois não se discute. Mas, à ilharga da austeridade, nada mau se houvesse um pouco de coerência.

Não se paga com os olhos da cara o petróleo que importamos? Não há indústrias e actividades em Portugal com base no petróleo? E não se apregoa, oficialmente, a urgência de colmatar a carestia, de cada vez que sobrevém um aumento de gasolina? Donde tudo parece levar-nos a concluir da necessidade de poupar a gasolina. Ou não?

Parece que não. Vimos ontem através do telejornal, como prosseguem as competições automobilísticas. Seria bom que se fizesse um cálculo em dois sentidos. Um, contabilizando os prejuízos materiais decorrentes das competições. Outro, contabilizando os estragos produzidos no carácter, na justa avaliação das realidades por parte da audiência. Por um lado, fazem-se campanhas contra a velocidade, considerada um dos males no mundo necrótico do trânsito, mas por outro, produz-se, grátis, a defecação da mesma velocidade.

E não me venham para cá com essas histórias de provas desportivas. Desportivas as avozinhas deles.

Dos automóveis, está claro.

TV TEM AZIA

Telejornal prossegue as suas actividades de intoxicação e desinformação. Dia após dia o dossier cresce a olhos vistos.

Ele é a capitalização da piedade da audiência em favor dos falangistas libaneses — dando-se a volta pelas populações cristãs bombardeadas, a cruz de Cristo (não será a Cruz de Isaura?) bem visível ao peito.

Ele é a prisão de um dos autores do atentado contra um cinema, no Irão, sem quaisquer explicações. Note-se que há dias o mesmo telejornal se fazia eco do boato de ser o mesmo praticado pelos comunistas...

Ele é a declaração de Somoza, com retrato e tudo, que atribui aos comunistas as violências e o estado de falta de respeito colectivo pelo regime do ditador. Acrescenta o telejornal que "os meios financeiros declaram, contudo, não estarem ligados aos guerrilheiros sandinistas"...

Aquele contudo estabelece a ponte de desinformação, segundo a qual se conclui que os sandinistas são comunistas.

Ai telejornal, telejornal, tens de tomar algum remédio para a azia.

Há outra forma de desinformar: pela omissão. Aqui, a situação é calamitosa. O sinal, porém é o mesmo: colocar a informação ao serviço da direita, da antidemocracia, do... Deus me perdoe, que até tremo só de escrever a palavra.

PELA QUALIDADE, CONTRA O ÁLIBI

O conto de Guimarães Rosa transmitido no serão de ontem veio do Brasil. É uma obra de qualidade, revelada nos muitos pormenores: a escolha do autor (Guimarães Rosa é um dos maiores escritores brasileiros e da língua portuguesa, nossa pátria) a escolha dos actores com ciência certa do que é trabalhar na televisão, a realização legível sem ser linear, dando uma ilusão de simplicidade que, pelo facto de ser uma ilusão, prova bem a complexidade dela, a excelente movimentação das câmaras

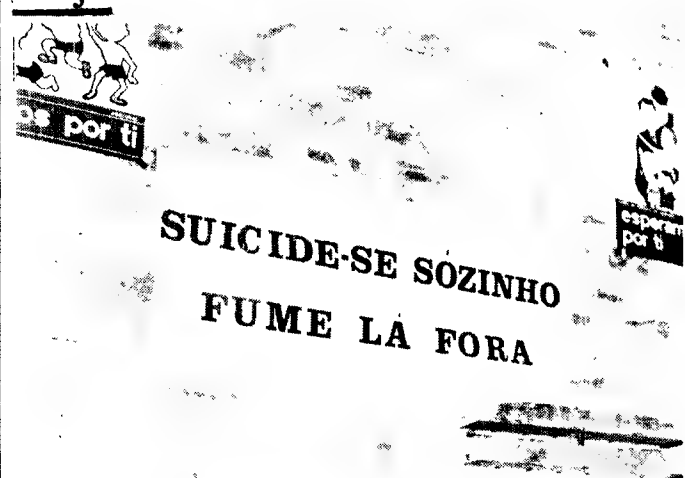
com passos de veludo, etc.

A qualidade é bem-vinda, venha ela donde vier. Mas que não seja a qualidade o álibi para se fugir à responsabilidade de uma produção nacional. A emissão estrangeira, mesmo de qualidade, não deve afastar do circuito as nossas produções, mesmo de qualidade inferior. Porque, se nunca praticarmos, não conseguiremos nunca.

O aproveitamento de contos portugueses começou a fazer-se com promessas de alguma estabilidade. Assistimos a alguns bons trabalhos que, para darem o salto de qualidade, exigiam continuidade, melhores condições de filmagem e melhor carinho, bem como um lugar certo no mapa-tipo. Nada disto se concretizou. Parece pois que a solução é morrer nacionalmente, enquanto a RTP transmite contos brasileiros...

Já disse isto, eu sei. Estou a repetir-me. Estou a marcar passo, ao compasso de uma televisão descompassada.

Hoje

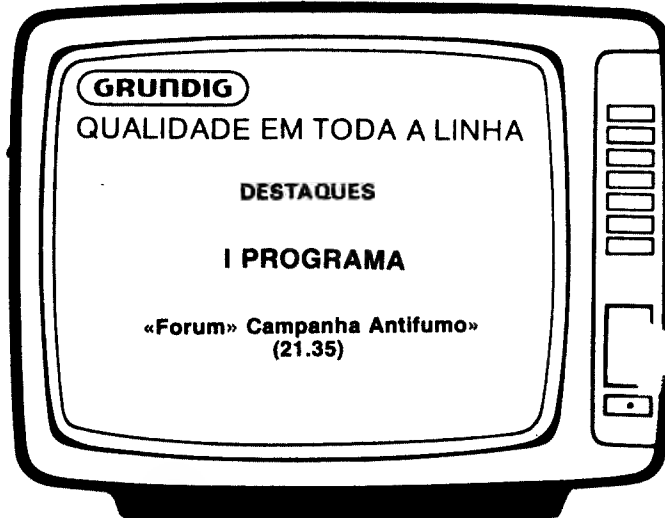


... e deixe os outros viver.

1.º Programa

- 18.15 Abertura e TELEJORNAL — 1.ª Edição. Por António Santos.
- 18.25 EUROVISÃO — CAMPEONATOS EUROPEUS DE ATLETISMO — Em directo de Praga da Checoslováquia. Competição periódica realizada de quatro em quatro anos, que teve a sua primeira edição em 1954. Este ano em Praga estarão presentes as maiores figuras do Atletismo Europeu, algumas das quais ostentam títulos olímpicos e são detentores de recordes mundiais. Os países com maior dimensão no Atletismo Europeu e mesmo mundial são a República Democrática Alemã, a União Soviética, a República Federal da Alemanha, afinal aquelas que estarão presentes com as delegações mais numerosas. Comentários dos enviados especiais José Galvão e Marcelino Tavares.
- 21.00 Telejornal e 2.ª Edição. Noticiário do país e do estrangeiro. Condução de Maria Elisa.
- 21.30 O TEMPO — Uma informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.
- 21.35 FORUM 6 Campanha Antifumo nos recintos desportivos fechados. Apresentação de Cordeiro do Vale.
- 22.30 AS INVESTIGAÇÕES DO INSPECTOR MAIGRET — Título: Maigret e o Sr. Charles. Intérpretes principais: Jean Richard. Realizador Jean Paul Sassy. «A mulher de um notário do Rover procura Maigret preocupada com o desaparecimento do marido. Este, que habitualmente dava escapadas a Paris, demorava-se neste momento mais que o habitual nas suas ausências de casa. Para o encontrar, Maigret percorre os «bas-fonds» parisienses tentando reconstruir a outra personalidade do notário.
- 00.10 Telejornal — 3.ª Edição — últimas notícias com Raul Durão 00.20 Fecho.

TUDOR BATERIAS · PILHAS



Amanhã

1.º Programa

- 18.05: Telejornal — 1.ª Edição; 18.15: Eurovisão — Campeonatos Europeus de Atletismo; 20.05: Vamos jogar no Totobola; 20.15: Fados com Hermínia Silva; 20.30: Telecinema; 21.00: Telejornal — 2.ª Edição; 21.30: O Tempo; 21.35: O Pão que o Diabo Amassou; 22.55: Viagem — Julho no Baixo Alentejo; 23.45: Telejornal — 3.ª Edição — Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV

SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO

COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE

Telefs. 88 27 86 - 89 98 26

Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

A escolha da vítima é fácil...
O essencial é a escolha do culpado

ANNIE GIRARDOT
JACQUES DUTRONC

O ALV

LE POINT DE MIRE
UM FILME DE
JEAN-CLAUDE TRAMONT

CLAUDE DAUPHIN
JEAN BOUISE

com a participação de
JEAN-CLAUDE BRIALY · MATTHIAS HABICH
com PHILIPPE ROULEAU
Cenário GÉRARD BRACH · JEAN-CLAUDE TRAMONT
Argumento GÉRARD BRACH

De Romance LE PHOTOGRAPHE de PIERRE BOULLE Música GEORGES DELERUE
Produção de PIERRE GRUNSTEIN e Realização de PAUL MAIGRET
Imagem HENRI DECAE e Decor MICHEL DE BROIN e PANAYISIN

5.ª feira Sensacional Estreia no **estúdio 444**

INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS

FESTIVAL WALT DISNEY

DE 30 DE AGOSTO A 12 DE SETEMBRO

DIAS 30 E 31
BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES

DIAS 1 E 2
AS AVENTURAS DE BERNARDO E BIANCA

DIAS 3 E 4
HERBIE NO RALLY DE MONTE CARLO

DIAS 5 E 6
NO FANTÁSTICO REINO DA FANTASIA

DIAS 7 E 8
PINOCCHIO

DIAS 9 E 10
FUGA PARA A MONTANHA MÁGICA

DIAS 11 E 12
CARROCEL WALT DISNEY

Para todos

2 dias para cada filme

CALEIDOSCOPIO

4 sessões diárias

14.00 - 16.30 - 19.00 - 21.15

Rua Trancoso Raul
Carmo, N.º 1A - LISBOA
Telefones:
66 15 15/66 97 25

teatro do barro
dito

teatro da Cornucopia

Woyzeck

de
Georg Büchner

4.ª SEMANA!

«Genial e insuportável»
(Carlos Porto, Diário de Lisboa)

3.ª e 6.ª 21.45
Sábados às 17 e 21.45
Domingo: só 17
Segunda: Descanso

Subsídio da SEC

GIH

GRUPO TEATRO HOJE
TEATRO DA GRAÇA
Tr. S. Vicente 11 - 87 56 26

PORTA FECHADA
(MUS-CLOS)
de JEAN-PAUL SARTRE

«... A não perder»

— Carlos Porto
«Diário de Lisboa»

ANNA PAULA e JOAQUIM ROSA
e JOSÉ MANUEL ROSADO e LIA GAMA
ENCENAÇÃO: JORGE LITOPAD

Últimos dias só até ao fim do mês

DIARIAMENTE: 21.45
DOMINGO SÓ 18.30
FOLGA: 2.ªs FEIRAS

Vila do Conde em imagens



Em cima: o Porsche branco de Joaquim Moutinho, encobre o preto de Robert Gianonne, nos momentos que antecederam a partida para a última corrida da tarde; a seguir, Rufino Fontes está já na frente da corrida de Grupo 1 acima de 1600 cc; depois, dois dos vencedores (Rufino Fontes e Rui Lages - Minis) que aguardam as verificações técnicas para saberem se ganharam ou não; a fechar um despiste, coisa que em Vila do Conde é frequente.



Retrato de dirigente enquanto rico

Nem uma sombra. Aqui e além, o gesto carinhoso estende água. A velhinha-avó leva as mãos ao peito, a criança (surpresa) mete um dedo na boca, o bom do seareiro encosta-se à enxada e, repousadamente, alonga os olhos mortificados pelo dolente corropio colorido que é novidade para os turistas que encostaram o autocarro à rede de arame. Eles (de tronco nu), elas (de calções e blusa fina), boquiabertos, dão gritinhos e tiram fotografias, enquanto saboreiam talhadas de melão sem as rebafterem com vinho de tostão.

Nem um olhar, nem uma graça, nada de piropos. Os olhos parecem brasas saltando da pele dos felinos. Os ciclistas, talvez aqui e além ofuscados pelo reflexo, nos aros de aço, do pino do sol, continuam o safari pelo prémio, a busca do pequeno tesouro, a perseguição ao fugaz instante de glória que é retrato para a parede branca caiada com os cobres vindos da «Volta».

Cómodos, sentados, estômago bem atestado, pegando na cerveja fresca sempre que lhes apetece, estendendo quando querem a mão para o bago de uva, aí estão os dirigentes: anafados, preguiçosos, meio sonolentos. Já um pouquinho tismados nos braços que viajam fora dos veículos: que o caso não é para menos, dizem as terras, porque (vê tu, Maria) a vida de um homem que se interessa pelos atletas que dirige é dura, é áspera. E eles são uns toscos, massa bruta, informe. Se não fosse a gente velar por eles, tratá-los como filhos, dar-lhes comidinha e um tecto, emprestar-lhes umas bicicletas e umas camisolas, como é que eles vinham à «Volta», divertir-se, fazer uma pausa, um alívio, naquilo que deve ser uma chatice de todo o tamanho, sempre no mesmo, a lavar ou a dar serventia a pedreiros, na tropa ou servindo à mesa de um café.

Ao menos nestes 15 dias (remeteram os dirigentes para a moradia alcatifada, ar condicionado e garagem anexa) ao menos durante estas duas semanas, os nossos ciclistas até podem engordar, a gente não lhes tira nada dos 200 escudos por dia que recebem por conta de algum salário perdido que, como se sabe, aí na terra nunca chega aos seis contos por mês.

De resto, o clube aí da gente é um exemplo. Podes dizer aos compadres: não trouxemos massagista e só para mim é que se conseguiu hotel, mas temos um técnico que faz de condutor e bagageiro e, tanto o arranjo das bicicletas como a ida, de manhãzinha, à compra dos abastecimentos, é feito por rodinha: um dia a cada ciclista, que o trabalho nunca fez mal a ninguém e, para além de levantar cedo dar saúde, nunca gostei de ver gente de pescoço ao alto. Não foi assim que eu, a negociar uns lotezinhos de terreno, longe da estrada, fora da urbanização,

NEVES DE SOUSA

consegui que o nosso filho estivesse hoje lá no escritório, como nosso administrador.

Sabes uma coisa? Quase me ia perdendo nesta conversa mas, que é que queres? estive a passar pelas brasas, a corrida já acabou há um bocado, não sei quem ganhou mas ainda tenho de esperar pelo carro-vassoura porque (dizem aqui ao lado) há desistentes e eu não sei porquê, não acredito que não tenha ficado por lá algum dos nossos, desses paspalhões que a gente quer promover (como é que se diz? Socialmente, pois) e, ao fim de treinarem quase oito dias, só vêm aqui para envergonhar a nossa cara, o emblema da nossa firma. Para preparar o coração para algum choque, para mais algum desgosto, tenho de ir já beber um copo. Adeus, Maria, até ao meu regresso.



Eles cá fora. Os dirigentes, nos carrinhos

FUTEBOL

Cosmos — "Mundial"

No próximo dia 30 do corrente Nova Iorque vai assistir a um encontro de futebol, que poderá ficar na história. Deontar-se-ão o Cosmos, equipa nova-iorquina, onde actua Seninho e uma selecção dos melhores jogadores do «Mundial-78» escolhidos por César Menotti, o responsável pelos campeões do Mundo.

Neste momento não se sabe se todos os convidados estarão presentes, tendo mesmo alguns deles declinado o convite, como foi o caso de Platini, Bonhof, Vogts, Kempes, Pirri e Santillana. Acrescente-se que foram convidados os seguintes jogadores:

Fillol (Argentina) e Koncilia (Áustria) — guarda-redes; Passarella (Argentina), Tresor (França), Peszey (Áustria), Rijbergen (Holanda) e Cabrini (Itália) — defesas; Hann (Holanda), Muller (Alemanha), Prohaska (Áustria), Dirceu (Brasil), Dhiab (Tunisia) e Gallego (Argentina) — médios; Cueller (México), Rummenigge (Alemanha), Luque (Argentina), Cubillas (Peru) e Boniek (Polónia) — avançados.

Sabe-se também que o Cosmos fará uma digressão pelo México em Dezembro, actuando dia 2 contra o América, dia 5 com

o Monterrey e dia 7 com o Universidad.

GUARANI CAMPEÃO

A equipa de futebol do Guarani conquistou o título de campeão do Brasil ao derrotar o Palmeiras por 1-0 no seu campo, depois de ter triunfado na primeira 'mão' igualmente, por 1-0.

É a primeira vez na história do futebol brasileiro que uma equipa, praticamente, desconhecida culmina uma brilhante carreira no Campeonato com a conquista do título.

O único golo da partida foi marcado aos 36 minutos por Careca, em recarga a um remate de Bonzo, desferido de fora da área e defendido para perto por Gilmar.

O Guarani dominou o encontro de princípio a fim, jogando sempre com grande velocidade e entusiasmo.

Desde a primeira mão da final (jogada no campo do Palmeiras, na capital paulista) o Guarani tinha vantagem sobre o seu adversário, uma vez que vencera por 1-0, com um golo marcado na transformação de uma grande penalidade assinalada a castigar uma agressão de Leão, guarda-

-redes da selecção brasileira, a Careca.

O jogo da primeira «mão» da final foi tão violento, que além da expulsão de Leão, o Palmeiras viu-se privado do médio Pires e do avançado Toninho por terem recebido cartões amarelos, enquanto o Guarani perdeu o seu melhor jogador, o médio Zenon, que se lesionou.

TOTO BOLA

jogue connosco

Sporting - Setúbal	X	2
Guimarães - Boavista	X	2
Estoril - Varzim	X	2
Famalicão - Académico	X	2
B. Mar - Marítimo	1	2
A. Vaz - S. Leoben	1	2
Barcelos - Braga	1	2
Porto - Benfica	1	2
Arsenal - Queens Park	X	2
Chelsea - Leeds	1	2
Liverpool - Tottenham	X	2
Manchester U. - Everton	X	2
Wolverhampton - Bristol	X	2



Aniceto Simões: um dos portugueses em Praga

ATLETISMO

Começam os "Europeus"

Mais de 1.000 atletas de 29 países começam hoje a disputar em Praga os campeonatos Europeus de atletismo nos quais Portugal está representado por uma delegação de quatro atletas: José Carvalho, Aniceto Simões, Manuel Paiva e Fernando Mamede.

Hoje, primeiro dia dos campeonatos, José Carvalho inicia a sua participação nas eliminatórias dos 400 metros barreiras, correndo na primeira série.

Os campeonatos, que contam com a presença de 12 campeões olímpicos e de 15 recordistas mundiais, têm hoje as suas primeiras finais — os 3.000 metros femininos e os 10.000 metros.

Na ausência de Lasse Viren, que atravessa um mau período de forma, o favorito para a vitória nos 10.000 metros é o britânico Brendan Foster, que há dois meses estabeleceu em Londres novo «record» europeu da distância, com o tempo de 27.30,5 minutos.

Nenhum atleta britânico conseguiu alcançar até agora o título europeu dos 10.000 metros, e Foster poderá contar com forte oposição do romeno Ilie Florin, do alemão federal Detlef Uhlemann e dos holandeses Jos Hermans e Gerard Tedbroke.

Os 3.000 metros femininos a antiga recordista mundial Grete Waitz, da Noruega é a favorita. A

sua mais directa rival será provavelmente a romena Natalia Marasescu, que tem como melhor marca este ano 8.37,6 minutos, contra 8.32,1 da atleta norueguesa.

A delegação mais importante é da URSS, com 107 desportistas, seguindo-se a Checoslováquia (89), a RDA (74), a Grã-Bretanha (73), a RFA (69), a Polónia (56), a França (56), e a Itália (55).

As delegações mais pequenas são as de: Gibraltar, com um único atleta, o Liechtenstein (3), Portugal (4), Islândia e Turquia (5).

O estádio Evzen Rosicky pode acolher 47.000 espectadores, dos quais 11.000 em tribunas cobertas. Ao lado deste estádio, na colina de Strahov, encontra-se o maior estádio do Mundo, com mais de 200.000 lugares, actualmente em obras e que receberá as espartaquíadas de 1980.

O decano dos atletas destes campeonatos de atletismo é o soviético da marcha, Benjamin Soldatenko, que fará 40 anos no mês de Janeiro de 1979 e o mais novo dos desportistas é a jovem finlandesa, Leena Spoof, especialista nos 100 metros/barreiras que completou 17 anos na semana passada.

NATAÇÃO

Terminaram os campeonatos do Mundo

Rui Abreu falhou a tentativa para bater o «record» absoluto de Portugal dos 100 metros livres na última jornada dos campeonatos do Mundo de natação, que se disputaram na piscina olímpica de Berlim, na República Federal da Alemanha.

Abreu, que participou na primeira eliminatória da prova, classificou-se em terceiro lugar, com o tempo de 53,79 segundos, atrás do alemão federal Klaus Steinbach, com 51,34, e do japonês Hidenori Ishii, com 53,35.

José Gomes Pereira obteve a sexta posição na quinta eliminatória da mesma prova, com 53,34, na qual triunfou o norte-americano James Montgomery, com 51,63.

Abreu realizou um dos seus piores tempos da época em piscinas de 50 metros, alcançando uma marca inferior à que tinha registado no segundo dia dos campeonatos, onde estabeleceu o máximo absoluto e de seniores de Portugal, com 53,27, quando participara no primeiro percurso da estafeta de 4x100 metros livres.

O nadador do Clube Académico de Coimbra partiu lento, tendo passado aos 50 metros, com 26,01, na quinta posição, atrás de Steinbach (24,90), do espanhol Juan Barro (25,72), de Ishii (25,80) e do soviético Sergey Krasiuk (25,89). Depois Abreu imprimiu um ritmo mais vigoroso e ultrapassou sucessivamente o espanhol e o soviético, concluindo o percurso, com 53,79 segundos.

O tempo frio (8 graus centígrados) que se fazia sentir foi uma das causas que impediu o nadador português de alcançar uma marca melhor.

José Gomes Pereira teve um comportamento mais condizente com o seu valor, dado que melhorou a sua marca pessoal para 54,34 segundos. Integrado numa série muito forte, em que o norte-americano James Montgomery possui o melhor tempo de inscrição (51,03), Gomes Pereira virou na sexta posição com 56,07, atrás do britânico Martin Smith (25,42), de Montgomery (25,61), do australiano Gremie Brewer (25,83), do britânico Richard Burrell (25,94) e do checoslovaco Miroslav Rolko (26,00), e à frente do japonês Hiroshi Sakamoto (26,80) e do tunisino Habib Soukni (27,64).

O nadador português fraquejou, porém, no último percurso, mas conseguiu, apesar de tudo, manter a posição que ocupava na viragem, vindo a terminar com 54,34 segundos.

Entre os 44 concorrentes, Abreu classificou-se no 23.º lugar e Gomes Pereira no 26.º.

Entretanto o nadador soviético Victor Kusnetsov que se havia classificado em 3.º lugar na final dos 100 metros costas disputada no passado dia 20, foi desqualificado por ter tomado esteróides anabolisantes — anunciou em Berlim Ocidental a

Federação Internacional de Natação.

A medalha de bronze desta prova dos campeonatos mundiais de natação passa agora para o brasileiro Rômulo Arantes, que se classificara em quarto lugar, com o tempo de 58,01 segundos.

Soube-se, também, que a partir de 1979 será disputada uma taça do mundo de natação, saltos, pólo aquático e natação artística anunciou em Berlim Ocidental a FINA.

A taça do Mundo realizar-se-á em Tóquio em fins de Agosto ou princípios de Setembro do próximo ano e nela participarão as quatro melhores equipas dos campeonatos do Mundo de Berlim Ocidental, o país organizador e mais três seleções.

As provas do programa serão as do campeonato do Mundo, com um nadador por selecção.

Finalmente a República Democrática Alemã conquistou a sua primeira e única medalha de ouro dos campeonatos do mundo de natação, no decorrer da última jornada.

Krause, de 19 anos, alcançou o 1.º lugar na prova dos 100 metros livres, com o tempo de 55,68 segundos, marca que melhora o máximo dos campeonatos, estabelecido, nas eliminatórias pela mesma nadadora (55,99).

Em 2.º lugar, classificou-se a norueguesa Lene Jenssen (21 anos), com 56,82, e a soviética Larisa Tsareva (20) obteve a 3.ª posição, com 56,85.

O norte-americano David McCagg foi o vencedor da prova dos 100 metros livres masculinos, com o tempo de 50,24 segundos (novo «record» dos campeonatos) seguido do seu compatriota James Montgomery com 50,73 e do alemão federal Klaus Steinbach com 50,79, marca esta que passa a ser o novo «record» da Europa. O anterior pertencia ao italiano Marcello Guarducci, com 51,25, e tinha sido alcançado a 8 de Setembro de 1977 em Chiavari, Itália.

A australiana Tracy Wickham vencedora dos 400 metros livres, conquistou, também, a medalha de ouro, nos 800 metros livres, com o tempo de 8 minutos e 24,94, melhorando o máximo dos campeonatos (8.37,01) fixado pela norte-americana Cynthia Woodhead durante as eliminatórias disputadas no passado dia 25.

Woodhead ganhou a medalha de prata, com 8.29,35, e a sua compatriota Kimberley Linegan obteve o terceiro lugar, com 8.32,60.

Um quarteto norte-americano, constituído por Robert Jackson, Nick Nevid, Joseph Botton e David McCagg, triunfou na última prova dos campeonatos, a estafeta de 4x100 metros estilos, com o tempo de 3.44,63 obtendo assim novo máximo dos campeonatos.

O anterior pertencia, igualmente, a uma equipa dos Estados Unidos desde 27 de Julho de 1975 e tinha sido fixado em Cali (Colúmbia).

«Sentí, depois das eliminatórias que podia ganhar a medalha de ouro. E nadei para isso e, também, para que o meu país conquistasse pelo menos um 1.º lugar», afirmou Barbara Krause, no final da prova dos 100 metros livres, em que triunfou com o tempo de 55,68 segundos.

A nadadora da RDA conduziu bem a sua prova, passou em 1.º lugar aos 50 metros, com 27,13, seguida da norte-americana Stephanie Elkins (27,29), da norueguesa Jenssen (27,46) e da soviética Tsareva (27,72).

No segundo percurso, Krause, recordista mundial da distância com 55,41, manteve o mesmo ritmo, não tendo tido problemas com a nadadora norueguesa, que realizou uns últimos 50 me-

tros de grande categoria, ameaçando a medalha de prata.

Jenssen, 5.ª classificada dos 100 metros livres nos últimos campeonatos da Europa, declarou no final, que estava muito contente, porque nunca tinha pensado numa medalha de prata.

O norte-americano David McCagg triunfou na prova-rainha (100 metros livres) da natação masculina, com 50,24 segundos. McCagg, que este ano, já tinha baixado da casa dos 50 segundos, sentiu como aliás, todos os restantes nadadores, o frio que se fez sentir (o termómetro marcava exactamente 6,6 graus centígrados no início das finais). O norte-americano partiu bem, aos 25 metros já era o primeiro, virou com 24,12, contra 24,54 de Montgomery e 24,75 de Steinbach, os seus mais directos perseguidores.



Rui Abreu: falhou o «record» nacional dos 100 metros livres

O último percurso foi disputado debaixo de grande entusiasmo, pois os alemães federais puxaram imenso pelo seu nadador (Steinbach), o qual fez um segundo percurso muito rápido, o que lhe valeu bater o «record» da «Europa», mas não foi suficiente para ultrapassar Montgomery.

«Nunca pensei fazer um tempo desta categoria», declarou Steinbach, justificando que «não tem treinado muito».

«Além de ter conquistado uma medalha de bronze, bati o «record» da Europa. Foi na verdade espantoso», acrescentou.

O norte-americano David McCagg estava insatisfeito com a marca que tinha acabado de alcançar.

«Fiquei muito satisfeito por ter chegado em 1.º lugar, mas esperava fazer um tempo melhor» — sublinhou.

A australiana Tracy Wickham contou-se como a melhor fundista dos campeonatos. Depois de ter vencido os 400 metros livres, ganhou os 800 metros livres, demonstrando invulgares qualidades para provas de longa distância.

Tracy partiu rápida (1.01,83 aos metros), impondo desde logo um ritmo muito forte. As norte-americanas Cynthia Woodhead e Kimberley Linehan ainda a acompanharam até aos 200 metros, mas a partir daí, Wickham foi-se distanciando (4.12,20 aos 400 metros contra 4.14,48 de Woodhead e 4.14,56 de Linehan).

Em face da fuga cada vez mais pronunciada, o único interesse da prova residia em ver-se se ela conseguiria bater o «record» mundial (8.24,62 fixado no passado dia 6 de Agosto nos jogos da Comunidade Britânica disputados em Edmonton, Canadá).

Wickham esteve bem até aos 700 metros, mas nos últimos 100 metros, vendo que não tinha adversárias que a importunassem abandonou de ritmo, tendo ficado, no entanto, apenas a 32 centé-

simos de segundo do seu máximo mundial.

Na estafeta de 4x100 metros estilos o espectáculo residia no segundo e terceiro lugares, já que o conjunto norte-americano se apresentava à partida como vencedor, o que veio a confirmar-se. Ao fim do percurso de costas, os norte-americanos eram seguidos pelos alemães federais. Depois dos brucos aparceram os britânicos na 2.ª posição, com uma vantagem de 50 centésimos de segundo sobre aqueles. Os dois últimos percursos foram emocionantes, tendo os ingleses chegado ao fim da mariposa ainda à frente, no último percurso, o alemão Andreas Schmidt, sex-sificado dos 100 metros, logrou ultrapassar o Martin Smith, oferecendo uma medalha de prata cionados no país orga-

Eis os resultados das últimas finais: — 100 m livres (senhoras) 1.ª, Barbara Krause, (RDA), 55,68; 2.ª Lene Jenssen, Noruega, 56,82; 3.ª Larissa Tsareva, (URSS), 56,85; — 100 m livres (homens): 1.º David McCagg, (EUA), 50,24; 2.º James Montgomery, (EUA), 50,73; 3.º, Klaus Steinbach, (RFA), 50,79 — (record» da Europa) 800 m livres (senhoras): 1.ª Tracy Wickham, (Austrália), 8.24,94; 2.ª Cynthia Woodhead, (EUA), 8.28,35; 3.ª, Kimberly Linehan, (EUA), 8.32,60; — 4x100 m estilos (homens): 1.º Estados Unidos 3.44,63. (Robert Jackson, Nick Nevid, Joe Bottom e David McCagg); 2.º Alemanha 3.48,58; 3.º Grã-Bretanha 3.49,06.

Terminados os terceiros campeonatos mundiais de natação a distribuição de medalhas foi a seguinte: 1.º Estados Unidos 23 — 14 — 7; 2.º União Soviética 6 — 4 — 6; 3.º Canadá, 3 — 1 — 5; 4.º Austrália, 2 — 0 — 0; 5.º Rep. Dem. Alemã 1 — 10 — 4; 6.º Alemanha Federal, 1 — 2 — 4; 7.º Itália 1 — 0 — 1; 8.º Japão, 0 — 2 — 1; 9.º Hungria, 0 — 1 — 2; 10.º Jugoslávia, 0 — 1 — 1; 11.º Nova Zelândia 0 — 1 — 0; 12.º Noruega 3 — 0; 13.º Suécia, 0 — 0 — 2; 14.º Grã-Bretanha, 0 — 0 — 2; 15.º Dinamarca, 0 — 0 — 1; 16.º Brasil, 0 — 0 — 1.

MADERA

Vingens de «Fim de Semana» e «Semanas». Partidas semanais de Abril a Outubro. Preços desde 2,850\$00.

AÇORES

Visitando S. Miguel, Terceira e Faial. Vagões de 8 a 10 dias. Períodos semanais de Junho a Setembro. Preços desde 3,500\$00.

Programas e reservas

VIAGENS RAWES

Expediente: Travessa da Moura, 15. Correspondência a Bettendorfer, 2074. Lisboa 2 — Tel. 376924.

MODALIDADES EM DESFILE

BASQUETEBOL

O Campeonato do Mundo de Basquetebol terá lugar em Manila, nas Filipinas, entre 1 e 15 de Outubro.

Trata-se do oitavo «Mundial» que se disputa e nele tomarão parte a União Soviética, campeã mundial em 1974, e as Filipinas, país organizador, já apuradas para as meias-finais. As restantes doze equipas presentes foram divididas por quatro séries, sendo cada uma delas formada do seguinte modo:

Série A — Jugoslávia (medalha olímpica), Senegal (representante africano), Canadá (representante da América do Norte) e Coreia (equipa convidada); Série

B — Brasil (representante da América do Sul), China (representante da Ásia), Porto Rico e Itália (equipas convidadas); Série C — Estados Unidos (medalha olímpica), República Dominicana (representante da América Central), Austrália (representante da Oceania) e Checoslováquia (representante da Europa).

Os jogos terão início no dia 1 actuando depois da cerimónia de abertura Austrália e Estados Unidos. No dia 2 jogarão Canadá — Coreia, Checoslováquia — Austrália, Estados Unidos — República Dominicana, Jugoslávia — Senegal, Brasil — China e Itália — Porto Rico; no dia 3 teremos

Jugoslávia — Coreia, China — Porto Rico, Brasil — Itália, Canadá — Senegal, República Dominicana — Austrália e Estados Unidos — Checoslováquia; finalmente no dia 4 termina a primeira fase com os encontros Coreia — Senegal, Checoslováquia — República Dominicana, Brasil — Porto Rico, Jugoslávia — Canadá e China — Itália.

O dia 5 é reservado ao descanço das equipas iniciando-se as meias-finais e o Torneio de Qualificação a 6 de Outubro, para se estender até ao dia 13. A final terá lugar no dia 14 às 19.45 no Araneta Culiseum, recinto com uma lotação para 25 000 pessoas.

GREVE DOS CONTROLADORES AÉREOS

Os atrasos aumentam nos aeroportos europeus

Prossegue a greve dos controladores aéreos franceses, que gradualmente vai endurecendo. A Espanha, e particularmente o aeroporto de Palma de Maiorca, tem sido a zona mais afectada. Entre nós os atrasos da TAP são ligeiros e quase não tem havido voos cancelados.

Em França, a acção dos controladores causou já tal concentração de aviões no solo do aeroporto de Nice que este teve que recusar autorizações de aterragem a Boeings 727, 707 e «airbuses» a partir da manhã de ontem. Em Palma de Maiorca a situação é quase caótica. Dezenas de aviões retidos aguardavam ontem autorização para descolar e milhares de turistas enfrentavam períodos de espera que se prolongavam por 18 horas.

No entanto, o aeroporto está minimamente aliviado, já que a maioria dos passageiros aguarda os voos do exterior.

Em Londres, as autoridades britânicas disseram que a situação no final do longo fim-de-semana (três dias de férias bancárias) não era tão má como se esperava, ainda que alguns viajantes tivessem de enfrentar atrasos até 18 horas.

Os passageiros, no entanto, assumiram o controlo da situação, passando a confirmar os voos por via telefónica antes de seguir para o aeroporto evitando assim a congestão das instalações.

As autoridades do aeroporto londrino providenciaram alguns extras, desde cadeiras e camas para os turistas menos favoreci-

dos pelas escalas, até artistas que os entreteram à semelhança do que já vai sendo hábito nos últimos fins-de-semana.

Em Genebra, cerca de 150 turistas suíços com destino a Maiorca, tiveram de passar a noite em hotéis quando o seu voo foi adiado.

Em Bruxelas, um informador do aeroporto declarou que viajantes para a Espanha enfrentavam atrasos de cerca de uma hora.

Os voos entre a Holanda e o sul da Europa começavam ontem a regressar à normalidade.

Os dois principais aeroportos de Paris enfrentavam atrasos de cinco a seis horas.

Entretanto, ao fim desta manhã, um telex da Reuter informa que os atrasos aumentaram fazendo que haja turistas obrigados a esperar, nalguns casos, cerca de 30 horas. Os dois aeroportos de Paris estiveram abertos durante toda a noite para despachar voos atrasados. Os Sindicatos dos Controladores entraram em greve, que coincide com um dos períodos mais movimentados das viagens de férias na Europa, após falharem, na semana passada, conversações entre os seus representantes e o governo. É esta a quinta vez, em curto espaço de tempo, que os 2500 controladores franceses entram em greve de zelo. O ministro dos Transportes, Joel Le Thele, afirmou que o governo não negociaria sob coacção.

Até ao momento não foram marcadas novas conversações.

Cooperativistas portugueses na Baviera

PONTA DELGADA, 29 - A fim de participarem num curso sobre cooperativismo de consumo, promovido pela Fundação Friedrich Ebert, que a partir de 2 de Setembro próximo decorrerá na Baviera, na República Federal Alemã, seguiram para Lisboa três co-

operativistas açorianos. Os três cooperativistas, provenientes de Ponta Delgada, Horta e Angra do Heroísmo, juntar-se-ão, em Lisboa a um grupo de dezasseis elementos do continente, seguindo posteriormente para aquele país.

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO ÀS 09.00 H.

O Céu estava limpo e havia neblina em alguns locais e o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR

VIANA DO CASTELO	21°
BRAGANÇA	22°
VILA REAL	23°
PORTO	21°
P. DOURADAS	26°
COIMBRA	21°
PORTALEGRE	25°
LISBOA	18°
ÉVORA	25°
SINES	19°
BEJA	21°
FARO	23°
FUNCHAL	22°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
0.07 3,3 m	5.49 1,7 m
12.31 3,5 m	18.26 1,6 m
DIA 30	
0.58 3,4 m	6.34 1,6 m
13.17 3,7 m	19.05 1,4 m
DIA 31	
1.40 3,6 m	7.12 1,4 m
13.37 3,8 m	19.40 1,3 m

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo, vento fraco, possibilidade de trovoadas nas regiões do interior ao fim da tarde e neblina durante a noite e manhã.

AMANHÃ
NASCER AS 7.03
OCASO AS 20.11



ROTEIRO CULTURAL

Sai de cena, no domingo, a peça «Porta Fechada», de Jean Paul Sartre, que Listopad encenou e que Ana Paula, Lia Gama, J. Rosado e Joaquim Rosa, interpretam excepcionalmente bem, de acordo com a crítica e com o público que ocorreu ao pequeno teatro da Graça onde a peça iniciou a sua carreira. Sai de cena porque as despesas da companhia - montar uma peça, ainda que modestamente, não é uma brincadeira - ultrapassaram as receitas. Não julgamos necessário voltar a falar da qualidade deste espectáculo a que fizemos inúmeras referências no decorrer dos últimos dias, mas não podemos deixar de o recomendar, de novo, aos nossos leitores, agora que eles só têm mais estes dias para a ver. Trata-se de um dos bons espectáculos que Lisboa proporciona aos seus habitantes neste fim de Verão em que já vimos cair um governo e surgir outro, mas em que não está a acontecer nada digno de grandes cabeçalhos no sector cultural.

Não é, certamente, necessário recomendar aos nossos leitores da área de

Viseu para irem à Feira de S. Mateus agora inaugurada. Trata-se de uma feira com tradições seculares que este ano beneficia de um programa cultural de vulto que inclui espectáculos montados por grupos juvenis de teatros de fantoches, sessões de folclore e outros eventos de interesse.

Chamamos a atenção de todos os nossos leitores que gostam de música para o concerto que se realiza amanhã nas ruínas do convento do Carmo. Actua a Orquestra Sinfónica da RDP, sob a direcção de Alvaro Cassuto, que interpretará obras de Joly Braga Santos (Elegia a Viana da Mota), Domingos Bontempo (Sinfonia n.º 1) e de Brahms (Sinfonia n.º 2).

Zita Duarte continua em cena na SPA. A peça, como temos vindo a relatar, chama-se «A procura de Alberto» e tem por tema a solidão da mulher. Esta peça, «Woi-seck» (em cena no Teatro do Bairro Alto) e «Porta Fechada» são os três espectáculos de teatro declamado que recomendamos aos nossos leitores de Lisboa que não este-

jam interessados em sair da cidade. Os que quiserem atravessar a ponte, porém, podem ir à Academia Almadaense ver o novo espectáculo do Grupo de Campolide: «Till Eulenspiegel». Assistir a qualquer destes espectácu-

los é um bom investimento de tempo.

A nova revista «Cinema Novo», a que ontem nos referimos, vai ser lançada durante o Festival Internacional da Figueira da Foz realizando-se no Porto, também integrada nas actividades de lançamento dessa revista, a ante-estreia de um filme português.

Nem toda a gente o sabe, mas há, no Teatro Nacional D. Maria II, um teatro experimental que, apesar das suas inúmeras deficiências (e são, mesmo inúmeras) permite a encenação de peças não destinadas ao chamado «grande público». Não sabemos, ainda, quando é que este teatro vai abrir as suas portas mas podemos, desde já, informar que vai ser estudado por um grupo constituído entre outros, pela Graça Lobo, a Ana Zanati e o Curado Ribeiro. Para a estreia do teatro, o grupo escolheu a peça «Old Days» do dramaturgo inglês Harold Pinter, que o público português conheceu através da peça «O Montacargas» representada há muitos anos na Guilherme Cossul, com uma encenação de Jacinto Ramos.

O recital do violinista Denes Kovacs e do pianista Sequeira Lopes, anunciado para amanhã, foi adiado para data ainda não designada devido à greve dos controladores aéreos que atrasou a vinda do violinista. Este recital integra-se no IV Festival de Música da Costa do Sol.



Alvaro Cassuto dirige, amanhã, a Orquestra Sinfónica da RDP nas ruínas do Convento do Carmo

rádio

1.º Programa
18.10: «Hoje respondemos por música», orquestras; 19.00: «Poemas e poemas» - música portuguesa; 20.00: «Jornal da noite»; 20.30: Conjuntos; 21.00: 7.º episódio do folhetim «Eurico, o Presbítero»; 21.20: «Contraponto»; 22.00: «Último jornal»; 22.30: Jazz; 00.30: Vozes na noite; 01.00: Música na noite.

2.º Programa
17.30: Música de câmara; 18.10: Uma obra do barroco italiano; 19.00: Música portuguesa; 20.00: Conjuntos de câmara; 21.00: Música religiosa de Mozart; 22.00: Música de dança italiana do século XVI; 22.30: «O gosto pela música»; 23.00: Ópera; 00.00: Música sinfónica; 01.00: Fecho.

3.º Programa
- Nacional e Regional (290 m)

18.00: «Vertical»; 18.20: Prevenção e saúde; 18.50: Temperaturas do ar; 19.05: Teatro trágico; 19.30: Vertical - trânsito; 20.15: Vertical - Filatélico; 21.30: «Quando o telefone toca»; 22.00: «Suplemento»; «Quando o telefone toca»; 23.05: Novas de Alegria; 24.00: «Suplemento»; 00.05: Suplemento desportivo; 00.15: «Dia a dia com o passado»; 00.20: Tempo internacional; 02.00: Fecho.

3.º Programa
- Local (187.5 m)

16.00: «Convite»; 18.00: «Compasso»; 18.15: Sal e pimenta; 18.45: Olça o que não leu; 20.40: Serviço de agenda; 21.00: Fecho.

4.º Programa
- Emissão Total em Estereofonia

16.00: «Gong»; 19.00: «Em órbita»; 20.00: «Forum»; 22.00: «Auditório»; 00.00: «Prisma»; 01.00: «O homem no tempo»; 02.00: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

18.08: Apelos; 18.15: Igreja em notícia - Palavra do dia; 18.30: Transmissão do Terço de S. João de Brito; 19.00: Programa da Liga dos Amigos de RR; 20.00: Objectivo; 20.53: Apelos; 21.05: Música e Cantares da nossa terra; 21.30: Ao encontro da grande música; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Temas vivos-23.05: Última hora; 23.30: Dicionário de Economia; 23.55: Fecho.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO

PROBLEMA N.º 12 127

HORIZONTAIS:

- 1 Compaixão. Desgraça. Qualquer alimento (pop).
- 2 Calcularemos.
- 3 Saudável. Concelho do distrito de Cabo Delgado.
- 4 Esquecer. Céso (s.q.).
- 5 Poeta entre os gregos. Átomo.
- 6 Condutor e tratador de elefantes, na Índia. Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia.
- 7 Era Cristã. Preposição e artigo. Rio da Suíça.
- 8 Fechasses as asas para descer mais depressa.
- 9 Tempo do verbo haver. Artigo indefinido.
- 10 Afrontaram.
- 11 Ratas. Vila e sede de concelho (Braga).

VERTICAIS:

- 1 Contracção da preposição de com o artigo os. Desanimar.
- 2 Cidade da Argélia. Anel.
- 3 Freguesia do concelho de Sintra. Escarnece.
- 4 Cãhamo de Manila. Derrotados.
- 5 Brisa. Passada.
- 6 Vê. Estaleiros. Basta.
- 7 Dá mios. Preposição e artigo (pl.). Amónio (s.q.).
- 8 Indigente. Vagueia.
- 9 Guarnição de asas. Duna na Suécia. Alteza Real.
- 10 Aparência (fig.). Alúmen.
- 11 Alcançaram com a vista.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 8 187

HORIZONTAIS:

- 1 Ruins. Devoras.
- 2 Entre os filipinos a divindade. Apellido. Antiga medida das ilhas Maldivas, correspondente a pouco mais de meio litro.
- 3 Senhor. Saltai. Prefixo de negação.
- 4 O mesmo que «sinhã» (bras.). Pronome pessoal.
- 5 Arrojar. Joela.
- 6 Sua Magestade. Sobejar.
- 7 Nome de mulher. Fruto da amoreira.
- 8 Imundos. Zombas.
- 9 Grande ribeira da Ásia Russa. Tribo indígena brasileira. Alteza Sereníssima.
- 10 Lacaio (ant.). Sufixo que designa pequenez. Pronome reflexivo.
- 11 Artigo definido. Adicionara.

VERTICAIS:

- 1 Cidade de Itália. Pequeno planeta descoberto em 1932 pelo belga Delporte, no observatório de Ucl.
- 2 Afastais. Títulos.
- 3 O mesmo que uma (ant e pop). Tostar.
- 4 Artigo indefinido. Grande desorden.
- 5 Transpirem. Preposição.
- 6 Pronome demonstrativo. Caminhar. Óleo de sardinha (Prov. minh.).
- 7 Que é do ar. Freguesia do concelho de Alenquer.
- 8 Substância que tinge de azul. Samário (s.q.). Chefe etíope.
- 9 Gálio (s.q.). Criador.
- 10 Recrutarias.
- 11 Preposição. Lavrassem.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12 126

HORIZONTALIS:

- 1 Corvo. Vasto.
- 2 Alas. Atora.
- 3 UM. Malga. Ai.
- 4 Tom. Ais. Mo.
- 5 As. Sacia.
- 6 Crua. MAL.
- 7 Nomes. Rias.
- 8 Uro. Piora.
- 9 Natas. Ua. Ar.
- 10 Clar. Bi. Ida.
- 11 Assumiremos.

VERTICAIS:

- 1 Cauta. NUNCA.
- 2 Olmo. Corais.
- 3 Ri. Marmotas.
- 4 VEM. Sue. Aru.
- 5 Osa. Asas.
- 6 Lás. Bi.
- 7 Vagiam. Puir.
- 8 Atascaria.
- 9 SÓ. Ilio. Im.
- 10 Trama. Arado.
- 11 Oaio. Usaras.

Provérbo: UM MAL NUNCA VEM SÓ.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8 186

HORIZONTALIS:

- 1 Na. Namur. Má.
- 2 Afar. Remam.
- 3 Brama. Riano.
- 4 Hora. Amial.
- 5 Az. An.
- 6 Ps. Aar. Ar.
- 7 Sa. Ottem. Er.
- 8 Usada. Morto.
- 9 Atues. Pás. Si.
- 10 Ror. Par. Ivã.
- 11 Árabe. Artes.

VERTICAIS:

- 1 Nabha. Suara.
- 2 Afro. Pastor.
- 3 Iaras. Aura.
- 4 Namaz. Ode.
- 5 Ara. Ala. Pê.
- 6 Mat. Pá.
- 7 Urta. Remara.
- 8 Reima. Nós.
- 9 Maina. It.
- 10 Mana. Retive.
- 11 Amolo. Rosas.

Programas de Cinema

Lisboa Até às 22 horas ANDRÉ RIBEIRO — Av. Infante Santo, 66-B. Telef. 666971. ASCENSO — Pr. Norte, 11-A (B. Encarnação). Telef. 31216-310172. BELO — Av. de Roma, 53-A. Telef. 776314. CENTRAL — Rua de S. Paulo, 108. Telef. 320389. DOURO — Alameda Linhas de Torres, 93-A-B. Telef. 791131. FRAZÃO — Rua Cruz Santa Apolonia, 90-92. Telef. 847019. GARANTIA — Av. Pe. Manuel da Nóbrega, 54-A-B. Telef. 727300. GONCALVES, LDA. — Rua da Rosa 176-178. Telef. 362687. IMPARCIAL — R. General Taborda, 28. Telef. 680931. LEMO — Rua Morais Soares, 91-D. Telef. 844350. LINALDA — Rua Ferreira Borges, 30. Telef. 660955. MACEDO — Estr. Poço do Chão, 69-C. Telef. 703697. MAGALHÃES — Av. Almirante Reis, 4-D. Telef. 549479. MARCEL — Av. de Roma, 131-A. Telef. 776235. MARLUZ — C. da Picheleira, 140-B-C. Telef. 720703-728395. MORAO — Largo da Graça, 63. Telef. 860700. NEVES — Rua Bela Vista à Lapa, 35. Telef. 661251. SALDANHA — Av. Praia da Vitória, 53-55. Telef. 43938. S. BARTOLOMEU — V. Paulo Jorge, 1. Telef. 790969. S. JOÃO — Estrada da Luz, 124-A. Telef. 783179. S. SEBASTIAO — Largo de S. Sebastião da Pedreira, 1-9. Telef. 548642. SEREJO — Rua Rui de Sousa, lote 65 (Chelias). SIMÕES PIRES — Rua da Prata, 115. Telef. 362350. TANARA — Rua Rodrigo Reinel, 3-A. Telef. 611814. TELES — R. João de Barros, 2-Frente. Telef. 638176. UNIVERSITARIA — Rua Alfredo R. G. Carneiro, 29-D. Telef. 778953. VALE — Av. Marques de Tomar, 45-49. Telef. 773043. VITALIS — Rua Morais Soares, 69. Telef. 841779. Permanente TANARA — Rua Rodrigo Reinel, 3-A. Telef. 611814. VALE — Av. Marques de Tomar, 45-49. Telef. 773043. SIMÕES PIRES — Rua da Prata, 115. Telef. 362350. DOURO — Alameda Linhas de Torres, 93-A-B. Telef. 791131. GONCALVES, LDA. — Rua da Rosa, 176-178. Telef. 362687. IMPARCIAL — R. General Taborda, 28. Telef. 680931. MACEDO — Estr. Poço do Chão, 69-C. Telef. 703697. MAGALHÃES — Av. Almirante Reis, 4-D. Telef. 549479. MARLUZ — C. da Picheleira, 140-B-C. Telef. 720703-728395. GARANTIA — Av. Padre Manuel da Nóbrega, 54. Telef. 727300. LEMO — Rua Cidade da Beira, lote 19-A. Telef. 331692. BIO-TIFAR — Rua D. João de Castro, 27-B. Telef. 638824. NOTA — As farmácias que não estão de serviço permanente encerram das 13 às 15 horas para almoço. Outra Banda ALMADA — Castro Rodrigues — Rua Capitão Leitão, 21-A. Telef. 275076. COVA DA PIEDADE — Cerqueira Afonso — P. 5 de Outubro, 18. Telef. 2750254. LARANJEIRO — A. Araújo — Laranjeiro de Fora. COSTA DA CAPARICA — Carlos — Av. do Mar, 34. Quinta e St.º António. SEMBRA — Lopes — Rua Cândido dos Reis, 21. Telef. 273028. BARREIRO — Higienista — Rua D. Manuel I, 178. Telef. 203017. SEIXAL — Godinho — L. da Igreja, 51. Telef. 2218580. MONTUJO — Diogo — Rua Almirante Reis, 50. Telef. 2310032. MOTA — Silva Rocha — P. da República, 16. Telef. 239029. ALHOS —	VEDROS — Portugal — Av. da Bela Rosa, 8. Telef. 204250. ALCOCHETE — Nunes — L. Coronel Ramos da Costa, 10. Telef. 234137. Linha de Cascais ALGÉS — Almeida Nito — Av. Comb. G. Guerra, 64. Telef. 2112070. ALCABIDECHÊ — Carvalho — Até às 21 horas. PORTO SALVO — Ferreira Bastos — Até às 21 horas. CARCAVELOS — Central — Até às 22 horas. Vilar — Até às 24 e das 0 às 9 horas. S. DOMINGOS DE RANA — Domingos da Silveira — Av. Sabóia, 29-B. Telef. 260085. PAÇO DE ARCOS — Pargana — Av. Eng. Bonneville Franco, Tel. 2435147. Até às 24 e das 0 às 9 horas. OEIRAS — Oeiras — L. Henrique Paiva Couceiro, Tel. 2430485. Até às 22 horas. NOVA OERAS — Leal — Até às 21 horas. PAREDE — Macau — Rua Elias Garcia, 60-C. Tel. 2471785. Até às 24 e das 0 às 9 horas. PAREDE — Junqueiro-Mendes — Até às 21 horas. AMOREIRA — Amoreira — Estr. 262313-267314. Até às 22 horas. ESTORIL — Marques dos Santos — Rua Ferreira J. A., 15. Tel. 260116. Até às 24 e das 0 às 9 horas. CASCAIS — Cordeiro — Av. Comb. G. Guerra, 40. Tel. 280170. Até às 21 horas. A. Costa — Rua Freitas Reis, 24-C. Tel. 280214. Até às 24 e das 0 às 9 horas. Linha de Sintra AMADORA — Girassol — Rua Elias Garcia, 17-C. Tel. 9741161. Permanente. Helénica — Rua Elias Garcia, 2. Tel. 933613. Até às 22 horas. DA-MAIA — Confiança — Estr. Militar, Lote D. Tel. 9710271. QUELUZ — Gil — Av. Miguel Bombarda, 28. Telef. 950117. CAMARATE — Batalha — R. Avelino S. Oliv., 6. Tel. 2518669. CA-CEM — Rodrigues Garcia — Av. dos Bons Amigos, lote 5-D. MEM MARTINS — Quimica — Estr. de Mem Martins, 285. Tel. 2910012. Até às 24 horas. AGUALVA-CACÉM — Mira Sintra — P.N.-Torre, 310. Até às 20.30 horas. MERCES — Claro Mourão — Até às 21 horas. RIO DE OURO — Riomouro — Av. Oscar Monteiro Torres, 8. Tel. 2960194. Permanente. SINTRA — Sintra — Estefânia. Telef. 2930832. Permanente. COLARES — Abreja — Tel. 299068. Porto (De dia e só até às 22 horas) CAMPOS — Rua Padre Luís Cabral 943 Foz. Tel. 630113. ALVES MOREIRA — Av. Rodrigues de Freitas, 167. Tel. 51889. CLÉRIGOS — R. dos Clérigos, 36. Tel. 315394. CRUZ — Rua de Costa Cabral, 1082 Tel. 480041. MONTES DOS BURGOS — Rua do Monte dos Burgos, 802 Tel. 62279. ALIANÇA — Rua da Conceição, 2. Tel. 24203. GUARANI — R. Pedro Hispano, 367. Tel. 62250. MESEDES DE LIMA — Pr. Dr. Pedro Teófilo Pereira, 227. Tel. 51764. (De dia e toda a noite) LIDADOR — Rua do Lido, 171. T. 683739. ESTÁCIO — Rua Sá da Bandeira, 120. Tel. 22664. BOTELHO — Rua da Alegria, 863. Tel. 480069. MAIA — Rua do Campo Alegre, 192. Tel. 64450. Coimbra (Das 9 horas às 9 do dia seguinte) FIGUEIREDO — Rua da Sofia, 107-109. Tel. 22837. DIAS FERREIRA — Bairro da Solum Tel. 72120.	abCINE 803055 Centro Comercial de Alvalade SALA A — As 14.30, 16.30, 18.30 e 21.30 h — Para todos NA IDADE DA INOCÊNCIA As 23.45 h (18 anos) HERÓI DO ANO 2000 SALA B — As 15, 17, 19, 21.30 e 23.45 h — 18 anos BETSY ALVALADE 897489 Av. de Roma As 15.15, 18.15 e 21.30 h Não acons. men. 13 anos 2.ª semana AMOR PURO (KADAMBAR) Com: Viday Arora, Arpana Chowdhry, Ajit Singh, Mona APOLO 763319 Av. Julio Diniz, 10-A As 13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30h Veja a musical Oupa a imagem! FANTASIA Um filme de Walt Disney Productions Para todos — Technicolor As 23.30 horas — 18 anos Ficção científica FUGA NO SÉCULO 23 AVIS 547163 Av. Duque D'Avila, 45 As 15.30, 18.30 e 21.30 Grupo B — 10 anos NÃO SOU DIGNO DE TI Os grandes êxitos com as melhores canções de GIANNI MORANDI 2.ª Semana BERNA 776098 Av. Marques de Tomar 5.ª semana As 14.00, 16.30, 19 e 21.30 h Desopilante! O GENDARME EM NEW YORK Com Louis de Funès Um filme de Jean Girault Para todos — Colorido Em 6.ª semana CALEIDOSCOPIO 795093 Campo Grande A partir de hoje sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 Anicete Alvina, Sean Bury e Keir Dullea PAUL E MICHELLE Um filme de Lewis Gilbert Não acons. men. 13 anos Colorido CASTIL 530194 Rua Castilho As 15.30, 18.30 e 21.30 h Não acons. men. 18 anos Quando um polícia se passa para o outro lado por dever e... resolve não regressar! O JOGO DUPLA Com Maurice Ronet, Mario Adorf, Bruno Cremer e Arny Duperey	CINEBOLSO 573407 Rua Actor Taborda, 27-B As 12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 O amor. A aventura. A paixão. O desejo LUXURIA Int. men. 18 anos Pornográfico BREVE ENCONTRO As 24 Não acons. men. 13 anos CINE CAMÕES 324194 Rua do Loreto, 15 Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30 h Int. men. 13 anos LOUCURAS BURGUESAS As 18.45 h REMORSO CITY CINE Rua Tomas Ribeiro, 34 As 14.30, 16.45, 19 e 21.30 h Não acons. men. 13 anos Um festival de risos! CANTINFLAS O CATEDRÁTICO As 23.45 h — Não acons. men. 13 anos ROCKY CONDES 327523 Av. da Liberdade, 2 As 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h (10 anos) A MAMÁ DAS GRANDEZAS 5.ª semana com Louis de Funès DOIS MIL 2100055 Av. Bombeiros Voluntários Lote 113 — Alges As 15.30 e 21.30 h SOMBRAS DO PASSADO Int. men. 18 anos D. JOÃO V 971794 Praca Centro Comercial — Damais ESPIÃO SEM AMANHÃ Não acons. men. 18 anos EDEN 320768 P. dos Restauradores, 21 As 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas Alain Delon, Otavia Piccolo, Stanley Baker em ZORRO um filme de Duccio Tessari Eastmancolor — Não ac. m. 13 anos ESTUDIO 555135/5 Al. Afonso Henriques, 35 As 14.45, 18.15 e 21.30 O filme começa após o início das sessões Não acons. men. 13 anos Ryan O'Neal, Marisa Berenson e a obra prima de Stanley Kubrick BARRY LYNDON 4 óscars ESTUDIO 444 779095 Av. Defensores de Chaves, 83 As 15.30, 18.30 e 21.30 h Não acons. men. 13 anos UM LONGO FIM DE SEMANA As «democráticas» aventuras de Alfredo Landa EUROPA 661016 R. Almeida e Sousa, 35 As 21.30 h — Não acons. men. 18 anos Um tema apaixonante tratado com toda a verdade! ENCRUZILHADA PARA UMA FREIRA Com Rossana Schiaffino e John Richardson As 15.15 h — Últimas: O NOBREM ARANHA (Para todos)	IMPERIG 555134/5 Al. Afonso Henriques, 35 As 15.15, 18.30 e 21.30 h Susan George e Dustin Hoffman No célebre filme de Peckinpah CAES DE PALHA Int. men. 18 anos LONDRES 801313 Av. de Roma, 7-A As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 O OVO DA SERPENTE com Liv Ullmann e David Carradine Int. a men. 13 anos 2.ª semana MONUMENTAL 555131 P. Duque de Saldanha As 15, 18.15 e 21.30 Grupo m/10 anos 2.ª semana MY FAIR LADY Com Audrey Hepburn e Rex Harrison N.B. — Projecção do filme imediatamente após o início da sessão MUNDIAL 538743 R. Martens Ferrao, 12-A As 15.15, 18.30 e 21.30 Int. men. 13 anos A ÚLTIMA JOGADA (TOMORROW NEVER COMES) Na melhor tradição dos pórcios ingleses, um jogo de vida ou de morte com John Ireland NIMAS 574362 Av. 5 de Outubro, 42-B 15, 18 e 21.15 horas 9.ª semana NASHVILLE de Robert Altman Int. menores de 13 anos NOVOCINE 840678 Av. General Rocaças, 7 Hoje às 15.15 h e 21.15 h Um filme de chocante autenticidade! AMOR ENTRE MEMÓRIAS Com Veit Rellin e Joachim Ludwig Não acons. men. 18 anos ODEON 326283/4 R. Condes, 12 a 20 As 15.15, 18.15 e 21.15 horas Para todos — Colorido TRES INDOMÁVEIS PATIFES Com Robert Widmark, Bob Colder e Rinaldo Talamonti PATHE 821933 R. Francisco Sanches, 122 As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 h Sepp Griesel, Monica Marc e Josef Moosholzer em FACADA NO MATRIMÔNIO Um filme de Hans Billian Eastmancolor Interdito a men. 18 anos POLITEAMA 326305 R. Portas de St.º Antão As 14.15, 16.30, 19 e 21.30 h Não acons. men. 18 anos O BANDO DE TIENG Um policial cheio de larate QUARTETO 771378 R. Flores do Lima, 16 SALA 1 — As 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 Não acons. men. 18 anos FIM-DE-SEMANA ALUCINANTE SALA 2 — As 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 Não acons. men. 13 anos FRANKENSTEIN JÚNIOR SALA 3 — As 14.30, 16.45 e 19, 21.15 e 23.30 h Não acons. men. 13 anos VERÓNICA Real. Claudine Guimán SALA 4 — As 15, 17, 19, 21 e 23 h Int. men. 18 anos UM FILME DOCE	RESTELO 810375 Av. Torre de Belem Encerrado para obras e beneficiações durante o corrente mês de Agosto ROMA 887778 Av. de Roma, Lote JRB As 15.30, 18.30 e 21.30 Não acons. men. 18 anos MAUS PENSAMENTOS uma comedia italiana com Ugo Tognazzi e Edwige Fenech ROXY 548560 Av. Almirante Reis, 20 As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 h Não acons. men. 18 anos Alain Delon, uma fera na armadilha OS FUGITIVOS Um filme de Jose Giovanni SÃO JORGE 579144 - 579344 Av. da Liberdade, 175 As 15.15, 18.30 e 21.30 No início da temporada 78/79 Um filme sensacional BETSY Laurence Olivier Não acons. men. 18 anos SATELITE 562632 Av. Fontes Pereira de Melo, 61 Estréia às 21.30 h Não acons. men. 13 anos Na era das transplantações, tudo pode acontecer... O SENHOR É VIUVA? Com Najazurova e Jin Hrzan STAR 804210 Av. Guerra Junqueiro, 14-C 7.ª semana As 14.30, 16.45, 19 e 21.30 h O HOTEL DA FRIA Myrian Boyer, Francis Lemaire Não acons. a men. de 13 anos TERMINAL (CINE-ESTUDIO) 371573 Estação do Rossio As 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30h — Não acons. men. 13 anos UM LONGO FIM-DE-SEMANA Amanhã às 11 h — (para todos) UM PEQUENO TIRITA DE BOTAS ALTAS TIVOLI 570595 Av. da Liberdade, 188 As 14, 16.30, 19 e 21.30 5.ª semana A sensação real de uma hecatombe TERRAMOTO em SENSURROUND com Charles Heston um filme de Mark Robson Não acons. men. 13 anos VOX 880806 Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879 As 15.15, 18.30 e 21.30 Não ac. men. 13 anos O mais excitante espectáculo musical... O filme de qualidade LAST WALTZ — A ÚLTIMA VALSA Um filme de Martin Scorsese Metro: Roma 2.ª semana
--	--	---	---	---	---

Lisboa ADÓQUE — «Fardos e Guitarradas», às 20.30 h (18 anos) ABC — «Põe-te na Bicha», às 20.30 e 22.45 (18 anos) Laura Alves — «A Minha Amiga Laura», às 21.30 (13 anos) ACADEMIA ALMADENSE — Grupo de Teatro de Campolide — «Aventuras de Tili Eulen Spiegel», às 21.30 TEATRO DO BARRIO ALTO — «Woyzeck», às 21.30 SOCIEDADE DE AUTORES — «A Procura de Alberto», às 22 TEATRO DA GRAÇA — «Porta Fechada», às 21.45 (13 anos) OUTROS CINEMAS Lisboa CINEARTE — «5 Selvagens», às 21.30 (18 anos) PARIS — «Shane», às 21.30 (10 anos) PROMOTORA — «A Viúva Negra», às 21.15 (18 anos) JARDIM — «Roleta Russa», às 21.15 (13 anos) MOSCAVIDE — «Os Destemidos da Noite», às 21.15 (18 anos) ROYAL — «A Liceia», às 21.15 (18 anos) CAPITÓLIO — «Loucuras Pomo», às 15, 17, 19, 21 e 23 (18 anos) OLIMPIA — «Macumba», sessões permanentes, (18 anos) LUMIAR — «Sexy-Motel», às 21.30 (18 anos)	Linha de Cascais ALGÉS — Stadium — «O Homem que Gostava das Mulheres», às 21.30 (13 anos) OEIRAS — Oeiras Cine — «Matrimónio à Italiana», às 21.15 (18 anos) PAREDE — Royal Cine — «O Vigarista», às 21.15 (18 anos) ESTORIL — Casino — «Com Jeito Vai, Entem-sei», às 17 e 21.15 (13 anos) CASCAIS — S. José — «A Noite do Terror Rastejante», às 21.15 (18 anos) Linha de Sintra AMADORA — Lido — «Cuidado com a Vovó», às 21.30 (13 anos) MEM MARTINS — Cine Chabry — «Se Disparas, Mato-te», às 21.30 (13 anos) AMADORA — Cineestúdio — «Júlia», às 21.30 (13 anos) Outra Banda ALMADA — Academia — «O Dia da Vergonha», às 21.15 (13 anos) TRAFARIA — Pavilhão Jardim — «Adeus Amigo», às 21.15 (18 anos) ALHAMBRA — Salvador Marques — «Adeus Bruce Lee», 21.30 (18 anos) SACAVEM — S. José — «Punhos em Fúria», às 21.30 (18 anos) Porto CHAPLIN — «Doido por Saías», às 21.30 (13 anos) JULIO DINIZ — «Salon Kitty», às 21.30 (18 anos)	TERÇO — «O Incorrigível», às 21.30 (18 anos) ESTUDIO — «Os Barbeiros da Sicília», às 21.30 (para todos) SA DA BANDEIRA — «Paraíso Carnal», às 21.30 (18 anos) PASSOS MANUEL — As 21.30 (10 anos) «My Fair Lady» VALE FORMOSO — As 21.30 (13 anos) «Uma Luz nas Trevas» FOCO — «Jerry, Primeiro Turista do Espaço», às 21.30 (para todos) CARLOS ALBERTO — «Aventura é Aventura», às 21.30 (13 anos) TRINDADE — «O Advogado do Diabo», às 21.30 (18 anos) CHARLOT — As 21.30 (13 anos) «As Aventuras do Irmão mais Esperto» ÁGUA — As 21.30 (13 anos) «Sombras do Passado» BATALHA — «O Samurai do Oeste», às 21.30 (para todos) BATALHA — SALA BEBÉ — «Deserto de Almas», às 23.30, «A Confissão», às 21.30 (13 anos) OLIMPIA — «Não Mudes de Mão», às 21.30 (18 anos) COLISEU — «Chatter-Box», às 21.30 (18 anos) RIVOLI — «A Legião Estrangeira», às 21.30 (13 anos) S. JOÃO — As 21.30h (13 anos) «Chamavam-lhe Calígula» Coimbra AVENIDA — «A Duquesa e o Vilão», às 21.30 (13 anos) TIVOLI — «Festa na Aldeia», às 21.30 (todos)	ESTUDIO 444 779095 Av. Defensores de Chaves, 83 As 15.30, 18.30 e 21.30 h Não acons. men. 13 anos UM LONGO FIM DE SEMANA As «democráticas» aventuras de Alfredo Landa EUROPA 661016 R. Almeida e Sousa, 35 As 21.30 h — Não acons. men. 18 anos Um tema apaixonante tratado com toda a verdade! ENCRUZILHADA PARA UMA FREIRA Com Rossana Schiaffino e John Richardson As 15.15 h — Últimas: O NOBREM ARANHA (Para todos)	ESTUDIO 555135/5 Al. Afonso Henriques, 35 As 14.45, 18.15 e 21.30 O filme começa após o início das sessões Não acons. men. 13 anos Ryan O'Neal, Marisa Berenson e a obra prima de Stanley Kubrick BARRY LYNDON 4 óscars ESTUDIO 444 779095 Av. Defensores de Chaves, 83 As 15.30, 18.30 e 21.30 h Não acons. men. 13 anos UM LONGO FIM DE SEMANA As «democráticas» aventuras de Alfredo Landa EUROPA 661016 R. Almeida e Sousa, 35 As 21.30 h — Não acons. men. 18 anos Um tema apaixonante tratado com toda a verdade! ENCRUZILHADA PARA UMA FREIRA Com Rossana Schiaffino e John Richardson As 15.15 h — Últimas: O NOBREM ARANHA (Para todos)	ESTUDIO 555135/5 Al. Afonso Henriques, 35 As 14.45, 18.15 e 21.30 O filme começa após o início das sessões Não acons. men. 13 anos Ryan O'Neal, Marisa Berenson e a obra prima de Stanley Kubrick BARRY LYNDON 4 óscars ESTUDIO 444 779095 Av. Defensores de Chaves, 83 As 15.30, 18.30 e 21.30 h Não acons. men. 13 anos UM LONGO FIM DE SEMANA As «democráticas» aventuras de Alfredo Landa EUROPA 661016 R. Almeida e Sousa, 35 As 21.30 h — Não acons. men. 18 anos Um tema apaixonante tratado com toda a verdade! ENCRUZILHADA PARA UMA FREIRA Com Rossana Schiaffino e John Richardson As 15.15 h — Últimas: O NOBREM ARANHA (Para todos)
--	---	--	---	---	---

Baby Sitting

Peninha

TERMINAL DO ROSSIO

PEANUTS

TENS SORTE POR EU TE DAR DE COMER...

SE VIVESSES COM OS COIOTES COMO O TEU IRMÃO SPIKE, PROVAVELMENTE TERIAS DE CAÇAR RATOS!

CONFESSO QUE TERIA UM POUQUINHO DE DIFICULDADE EM ESMURRAR UM RATO!

AGÊNCIA DIAS DA SILVA - LISBOA



Prémio Gulbenkian de Ciência para 1978

À semelhança dos anos anteriores, a Gulbenkian promoverá no próximo ano a atribuição do Prémio de Ciência e Tecnologia - 1978 iniciativa que visa estimular o trabalho de investigação em Portugal.

Atribuído pela primeira vez, em 1977, em relação a trabalhos referentes ao ano anterior, o Prémio Gulbenkian, no valor de cem contos, destina-se, nos termos do regulamento, a Ciências da Natureza, tendo contemplado este ano trabalhos de índole tecnológica.

Para o próximo concurso são considerados estudos sobre Ciências Lógico-Dedutivas, que serão recebidos até fins do ano corrente, fazendo-se a respectiva classificação até ao fim do primeiro semestre de 1979.

Nos três anos seguintes contemplar-se-ão, sucessivamente de novo, trabalhos tecnológicos, de ciências humanas, e ainda novamente as tecnologias, com que se encerrará este primeiro ciclo do Prémio Gulbenkian. Aos interessados informa-se que o regulamento do concurso está em distribuição na sede da Fundação Gulbenkian e nele foram introduzidas alterações sumárias.

Pescadores da Terra Nova na dependência do cônsul de Montreal

Um decreto do Ministério da Agricultura e Pescas, hoje publicado na folha oficial, determina que o Centro de Pescadores de S. João da Terra Nova, que dependia do extinto Grémio dos Armadores de Navios da Pesca do Bacalhau, fique na dependência hierárquica do cônsul-geral de Montreal.

Quanto aos encargos com o pessoal, equipamento e funcionamento daquele Centro, passarão a ser suportados pelas dotações adequadas do orçamento do MAP, inscritas nos capítulos Secretaria-Geral da divisão "Pessoal Permanente do Ministério" e Direcção-Geral das Pescas.

Greve dos vidreiros

Os trabalhadores do sector de Transformação de Chapa de Vidro da zona Sul vão paralisar quatro horas amanhã de manhã, como forma de obterem o acordo do patronato quanto às novas tabelas salariais a negociar.

A paralisação foi decretada pela comissão negociadora sindical que chegou já a acordo com

Novos vencimentos nas Forças Armadas

Um decreto do Conselho da Revolução, hoje publicado no "Diário da República", fixa os vencimentos dos militares dos quadros permanentes e dos militares durante o período de prestação de serviço militar obrigatório, adoptando ainda medidas respeitantes às pensões de reserva.

Segundo se pode ler no preâmbulo do diploma «as soluções constantes do presente decreto-lei são consideradas transitórias», traduzindo «uma atitude consciente e de coerência perante os problemas nacionais», dado exigir a actual situação financeira do País «medidas de grande realismo, entre as quais ressalta a necessidade de adopção de uma política remunerativa moderada, que apenas permitirá a compensação parcial da perda do poder de compra real».

É a seguinte a tabela dos novos vencimentos:

General e vice-almirante (22 500\$00); brigadeiro e contra-almirante (21 000\$00); coronel e capitão-de-mar-e-

-guerra (18 500\$00); tenente-coronel e capitão-de-fragata (17 500\$00); major e capitão-tenente (16 500\$00); capitão e primeiro-tenente (15 000\$00); tenente e segundo-tenente (12 500\$00); Alferes, subtenente e guarda-marinha (11 200\$00); sargento-mor (13 700\$00); sargento-chefe (12 600\$00); sargento-ajudante (10 700\$00); primeiro-sargento (9 500\$00); segundo-sargento (8 600\$00); furriel e subsargento (8 100\$00); Armada, cabo (8 100\$00); primeiro-marineiro (7 800\$00); segundo-marineiro (5 700\$00); grumete reconduzido (7 600\$00); e primeiro-dispenseiro (8 600\$00); Exército, (readmitido), primeiro-cabo (7 800\$00); segundo-cabo (7 600\$00) e soldado (7 400\$00); Força Aérea, (contratada) primeiro-cabo (5 700\$00), segundo-cabo (5 600\$00) e soldado (5 500\$00).

Os generais de quatro estrelas e almirantes terão o vencimento mensal de 24 000\$00, acrescido de 3 000\$00 para despesas de representação, sendo aquele também o quantitativo a

abonar como vencimento base mensal aos marechais e almirantes da Armada enquanto por lei lhes não for fixado vencimento próprio.

Os alunos da Academia Militar, da Escola Naval e da Academia da Força Aérea serão abonados dos seguintes vencimentos mensais: a) Cadetes alunos nos 1.º e 2.º anos 12 000\$00; nos 3.º e 4.º anos 15 000\$00; b) aspirante a oficial (incluindo tirocinio) 6 700\$00.

Os alunos do curso de formação de sargentos, quando graduados ou promovidos a furriel em consequência e por efeito da frequência desse curso, terão o vencimento mensal de 6 700\$00.

Quanto aos militares na situação de reserva, manteve-se a disposição legal de actualização das respectivas pensões, reconhecendo-se-lhes o direito a vencimentos idênticos aos do serviço activo, durante o período de prestação de serviço em que estejam subordinados a normas regulamentares idênticas às estabelecidas para os militares do activo.

Posse do novo Governo

Continua na pág. 20

cia contribuirá para «uma acção mais pragmática». Admitiu ainda que a não filiação «não significa falta de opinião e opção políticas» acrescentando que «os membros do Governo que hoje tomaram posse, têm todos, naturalmente, as suas convicções, mais ou menos conhecidas, não coincidentes umas com as outras».

E o tom um tanto paternalista, que vem sendo tónica em intervenções presidenciais (registre-se que na primeira parte do seu discurso Nobre da Costa fez questão de afirmar repetidamente a identidade de pontos de vista com o general Ramalho Eanes), surgiu com a alusão a «um período em que, desvinculados do exercício imediato do poder e da necessidade de se confrontarem de um ponto de vista partidário, possam reflectir sobre os problemas reais do País, as soluções possíveis e desejáveis, os caminhos a percorrer, a melhor forma de se organizar e estruturarem».

Quanto a acções a praticar por este Governo o Primeiro-Ministro empossado lembrou «o muito que há para fazer no campo da Reforma Agrária, da delimitação dos sectores público e privado, das indemnizações, do correcto e eficiente aproveitamento das estruturas existentes no ensino, na saúde e na segurança social».

O DISCURSO DE EANES

«No quadro concreto da situação política presente a estabilidade governativa só pode ser eficazmente garantida através de um acordo político» acentuou na posse do novo Governo, o

Presidente da República, insistindo, tal como na comunicação ao País de 1 de Agosto, de que à falta desse entendimento interpartidário, terá de se recorrer a eleições antecipadas. No seu discurso de hoje, Ramalho Eanes sugere alguma confiança na passagem do Programa do novo executivo na Assembleia, pois, além de nunca prever o «chumbo» de Nobre da Costa à partida, abre caminho «logo que concluídos os trabalhos necessários à realização de eleições» (dentro de seis meses) a novo escrutínio no caso de ser «derrotada a moção de confiança» que este Governo deverá apresentar entretanto à Assembleia da República.

Aspecto curioso no discurso de Eanes foi o elogio da figura do ex-primeiro-ministro, dr. Mário Soares (doente esta manhã em casa segundo fontes próximas do dirigente socialista), salientando, ao contrário de quando da sua comunicação ao País, em que apenas revelou o papel do PS, «a dedicação, a sua capacidade política, a sua preferência pela concertação pacífica dos antagonismos e a sua inefectível fé na democracia».

No conjunto da sua intervenção, Eanes salienta a necessidade de solução dos problemas económicos, citando particularmente os sectores privado, nacionalizado e cooperativo, como sectores a serem igualmente dinamizados e defendidos.

«Ao Governo - disse a dada altura - competirá concretizar muitas transformações qualitativas ocorridas na sociedade portuguesa que, a manterem-se inoperantes, serão necessariamente postas em causa na próxima revisão constitucional».

Depois da defesa do papel político e constitucional dos partidos, dos parceiros sociais (empresários e trabalhadores) o Chefe do Estado fez finalmente o elogio de Nobre da Costa e dos seus ministros «homem de qualidade comprovada, que não tendo escolhido a carreira política, aceitaram encargos governativos com prejuízo da sua carreira profissional e vida pessoal, conhecendo o peso e os limites do mandato que os espera, en-

frentam um desafio que só os democratas de valor podem assumir».

Assassinados quatro polícias espanhóis

Homens armados assassinaram ontem dois guardas civis e dois agentes da Polícia em ataques separados que se creem estar incluídos numa tentativa coordenada para travar a marcha do país para a democracia total.

As mortes coincidiram com a continuação do debate no Senado. A Câmara Alta, sobre uma nova constituição destinada a substituir as leis ditatórias do falecido general Franco.

Foram as primeiras acções sérias de guerrilheiros urbanos, desde que dois oficiais superiores do exército foram abatidos a tiro, em Madrid, em 21 de Julho, o dia em que o Congresso, a Câmara Baixa, aprovou a minuta da Constituição.

Um grupo novo denominado Liga Armada Galega (LAG) reivindicou a responsabilidade pela morte de um guardá civil na cidade-catedral de Santiago de Compostela.

Um anónimo telefonou para um posto de rádio daquela cidade a informar que a LAG pertencia a «um grupo nacional ordenado que tencionava empenhar-se em acções de agitação em todo o estado para conseguir a libertação do povo colonizado».

Em Barcelona, onde um polícia foi morto a tiro, três jovens

que se creem serem os assassinos, foram presos, após perseguição através das ruas da cidade.

As duas outras mortes ocorreram no agitado País Basco, no noroeste de Espanha.

Um guarda civil foi assassinado na cidade de Mondragon, de manhã, quando seguia a pé para um posto dos correios, a fim de ir buscar correspondência.

A noite, um detective da Polícia, encarregado dos serviços de informação na cidade de Irún, na fronteira com a França, foi ceifado por uma rajada de metralhadora fora da sua residência em Fuenterrabia.

Embora ninguém reivindicasse a responsabilidade por qualquer dos assassinios no País Basco, as autoridades pensam que a ETA o movimento de guerrilheiros bascos, foi autora.

A ETA, que pretende um estado independente e socialista no País Basco, afirmou estar por detrás das mortes dos oficiais do exército, no mês passado.

Entretanto, uma bomba de forte potência, explodiu hoje às primeiras horas da manhã de frente do Comissariado da Polícia de Soria (cerca de 200 kms a norte de Madrid), anunciou a Rádio Nacional Espanhola.

O engenho que provocou importantes estragos materiais, não causou vítimas.

Publicado o Plano para 1978

Foi hoje publicado, em suplemento ao «Diário da República», o decreto-lei do Ministério das Finanças e do Plano que aprova o Plano para 1978, elaborado de harmonia com as grandes op-

ções pela Assembleia da República.

O diploma que produz efeitos a partir de 31 de Maio passado, foi promulgado pelo general Ramalho Eanes em 15 de Junho.

COMISSÃO CONSTITUCIONAL

Vitor Alves substitui Melo Antunes

O Conselho da Revolução resolveu que durante o período de férias dos conselheiros major Melo Antunes e capitão Sousa e Castro, o conselheiro major Vitor Alves os substituirá respectiva-

mente como presidente da Comissão Constitucional, presidente dos Serviços de Apoio ao Conselho da Revolução e porta-voz do Conselho da Revolução.

NOBRE DA COSTA AO "LE MONDE"

Pronta a legislação eleitoral apresentarei uma moção de confiança

O Primeiro-Ministro Nobre da Costa garantiu, em entrevista concedida ao jornal «Le Monde», que apresentará uma moção de confiança ao seu Governo, na Assembleia da República, logo que o recenseamento esteja em dia e tenha sido aprovada a nova lei eleitoral. No caso de esta moção - anunciada também por Eanes na sua recente comunicação ao País - vir a ser rejeitada, o sucessor de Soares em S. Bento considera que os partidos assumirão uma «pesada responsabilidade», e promete, igualmente, que apresentará de imediato a demissão se for encontrada uma maioria «estável e coerente» entre partidos.

Defendendo-se das acusações de ter servido o grande capital no antigo regime, Nobre da Costa pergunta na sua entrevista: «Mas quem não o fez? Será que Mário Soares não foi advogado da família Melo? E que o «número dois» do PS, Salgado Zenha, não defendeu a casa Champalimaud? Negando ser rico, acrescenta: «Sou proprietário de uma sociedade de estudos e tenho 38 por cento das acções duma empresa cujo capital social não ultrapassa os 2400 contos».

Nobre da Costa acusa ainda a atitude dos partidos que, segundo afirma, «comigo mostravam-se dispostos a colaborar, mas quando eram entrevistados pelos jornais pareciam estar dispostos a tudo deitar a perder» e lamenta que não tenha sido aceite a sua proposta de um governo que incluía alguns ministros independentes e os restantes do PS, do PSD e do CDS, proporcionalmente aos resultados eleitorais.

Insistência na necessidade de «importar menos e exportar mais» como meta económica, indemnizações aos antigos accionistas das empresas nacionalizadas, alívio das restrições de crédito (impostas pelo FMI) à iniciativa privada, permissão para a existência de instituições de crédito (bancos privados?) à margem da banca nacionalizada, foram outras das questões abordadas pelo novo Chefe do Governo ao conhecido vespertino francês.

MINISTROS DO PS NÃO FORAM AO ALENTEJO

Entretanto, a respeito da Lei Barreto, Nobre da Costa insiste na sua aplicação. «Um dos meus projectos - acrescentou - consiste em visitar o Alentejo, respondendo assim a um convite das unidades colectivas de produção. Os ministros socialistas nunca fizeram isso, porque não se sentem à vontade naquela região. Verei então se é necessário manter explorações agrícolas de dez mil hectares ou mais. Em princípio, não sou muito favorável a isso. Mas se me provarem que tais explorações podem ser rentáveis, por que razão não mudaria de opinião?».

Sobre política externa, Nobre da Costa assegura que dará prioridade à aproximação entre Portugal e as suas antigas colónias de África, procurando ainda «ampliar as relações industriais e comerciais com os países da América do Sul, sem esquecer, é claro, a integração no Mercado Comum». Sobre a hipótese da ausência de partidos no Governo afectar a sua acção internacional, respondeu: «Admito que certas forças políticas façam pressão nesse sentido. Mas espero que a verdade aparecerá. Muitos dos novos ministros são nitidamente superiores aos seus antecessores. Não formei, como muitos fizeram, um Governo à trouxe-mouxe».

A BARRACA

ZE TELHADO

Rua Alexandre Herculano, 70
Telefone: 68 63 00 - (M/13)

A PARTIR
DE 5.ª FEIRA

3.ªs, Sáb.: 20.30 h e 22.30 h
Dom. 16 h e 21.30 h

URSS: PRIVILÉGIO DAS CRIANÇAS

CIÊNCIA: PODEMOS VIVER ATÉ AOS 150 ANOS

EUA: OS «DIREITOS HUMANOS» DE CARTER

Os conquistadores ideológicos

□ Karen Khatchatourov

■ «Le Journaliste Démocratique»

O eminente sociólogo chileno Ramirez Necoches atribui à expansão ideológica do imperialismo americano, na América latina, a designação de «colonização psíquica», que considerou a mais nefasta e terrível pelas suas consequências. Essa «colonização psíquica» tem como base uma actividade de intensa propaganda do imperialismo americano, orientada contra os vizinhos do Sul, propaganda essa que se efectua ou directamente através das agências e das companhias americanas, ou de um modo mais secreto, por intermédio dos meios de informação dos países latino-americanos.

O principal instrumento da propaganda «directa» é a agência de informação do governo dos EUA — USIA que literalmente inundou os países latino-americanos de revistas, livros, programas de rádio, filmes de televisão e documentários. A grande maioria dos «centros culturais» da USIA, cuja principal tarefa é popularizar o «modo de vida americano» estão estabelecidos na América Latina (90 em 133 no ano de 1975). Devido à sua actividade subversiva, a USIA completa a actividade de informação das agências UPI e AP que têm o monopólio do continente, a actividade «comercial» da televisão, do cinema, das editoras e das agências publicitárias americanas.

O canal mais importante da propaganda passa pela utilização quotidiana da imprensa, da Rádio e da Televisão dos países latino-americanos. O conteúdo dos jornais americanos e dos órgãos de imprensa burgueses dos países latino-americanos distribuídos na América Latina mostra a identidade dos objectivos de propaganda do imperialismo e da reacção local.

Isto manifesta-se principalmente pelo esforço feito em afastar os jovens da reconstrução social da sociedade capitalista. Desde meados dos anos 60 que a revista «Reader's Digest» começou por exemplo, a criar, em relação com o crescimento do movimento da juventude, nos Estados Unidos, o estereótipo do estudante progressista, «extremista irresponsável», «bandido», etc. A imprensa reaccionária latino-americana também utilizou esse estereótipo anti-estudante.

Ele impõe-se com tanto mais força quanto a luta de classes se vai acentuando e o movimento anti-imperialista se alarga. A campanha desencadeada pelos órgãos reaccionários dos mass-media chilenos no momento da subida ao poder do Governo da Unidade Popular é uma prova disto. Em todos os seus números o grande diário «El Mercurio» atacava a juventude progressista, criticava o seu desejo de cerrar fileiras, de estabelecer uma aliança com a classe operária.

O jornal que descrevia a juventude como uma espécie de conglomerado demográfico que se distinguia das outras classes da população e como uma classe «etária», afirmava que «a revolta é uma doença infantil que desaparece com a idade». Os jovens empenhados na luta de classes eram considerados «criminosos» que era necessário reprimir.

As bandas desenhadas reaccionárias muitas vezes destinadas a um público pouco instruído criavam

estereótipos em que a juventude progressista era apresentada como um bando de malfeitores. A revista chilena «Ritmo», por exemplo, (editada pelos proprietários de «El Mercurio»), procura actuar no mundo psíquico dos jovens através das ideias de Miss Ritmo — o ideal de mulher na sociedade burguesa. No artigo «Com que sonha Miss Ritmo» diz-se o seguinte: «Ela pensa que a miséria e a guerra são resultado do ódio. A juventude tem que resolver esses

problemas mas ela deve começar por si própria. A principal tragédia da juventude é perder tempo com protestos injustificados. Felizmente nem toda a juventude é igual e só alguns grupos pensam assim.» É num modo de vida assim concebido que reside a essência dos objectivos sociais da imprensa reaccionária destinada aos jovens.

A propaganda pró-imperialista serve-se não só das imagens pré-fabricadas mas também dos «ídeos» vivos. As personalidades, as vedetas de cinema, os cançonetistas populares e os desportistas são os principais personagens das revistas ilustradas. O «ídolo» personifica a sorte do «homem da rua», cuja promoção não é determinada pelas condições sociais, mas por um feliz acaso. Em redor dos ídolos, geralmente de origem americana, criou-se um clima de psicose de massas, simbolizando principalmente «o estilo de vida americano.»

«TEORIAS» RACISTAS

A propaganda imperialista feita nos países da América Latina utiliza teorias anticientíficas, entre elas as que tentam provar a influência decisiva das leis biológicas sobre as relações sociais e o comportamento social dos indivíduos. Isto manifesta-se por um exagero das consequências da explosão demográfica no desenvolvimento socio-económico dos países da América Latina e insinuações à «inferioridade» dos latino-americanos, insinuações essas que vão até às manifestações de racismo. Os filmes comerciais americanos, muito vulgarizados na América Latina, são os maiores propagadores do racismo. Em numerosos desses filmes surgem lado a lado norte-americanos e latino-americanos. Os primeiros são fortes, corajosos e desembraçados, os segundos são primitivos, cujos actos são ditados pelo instinto e que devem a vida e a felicidade aos norte-americanos.

Os propagandistas dos EUA insinuam a pouco e pouco que os actos dos latino-americanos não são ditados por motivos racionais



URSS, UM PRIVILÉGIO DAS CRIANÇAS (conclusão)

VISITAR UMA CASA? ACONTECEU...

□ Rogério Vidigal

A par das visitas feitas nos tempos livres, rapidamente começou a ser cumprido o programa que tinha sido estabelecido de acordo com o Festival Internacional das Crianças. Aliás, alguns dos elementos mais preciosos foram colhidos exactamente adentro das visitas que, assim, me foram proporcionadas.

E o caso, por exemplo, do desfile feito através da Avenida Gorky pelas crianças convidadas acompanhadas de pioneiros russos. Aí tive oportunidade de, por um mero acaso, satisfazer uma aspiração que parece ser comum a grande parte dos que visitam países de Leste: a visita a uma casa de habitação de um cidadão soviético.

A aspiração parece ser bastante «legítima», já que muitos folhetos sobre a U.R.S.S. se debruçam exactamente sobre esse aspecto da realidade do país. Em conversa amena, o meu intérprete, Sérgio, havia-me contado como tinha emagrecido ao acompanhar um grupo de franceses da «Juventude Gaulista» que se deslocaram ao seu país e que usaram de todas as pressões para poderem visitar um lar de um cidadão «normal».

Aconteceu, no meu caso que, acompanhando o cortejo pela Avenida Gorky, em direcção ao Kremlin, onde se realizaria a sessão de abertura, no enorme Palácio dos Congressos, optei por fotografar «de cima» o desfile que as crianças efectuavam, agrupadas nas delegações dos diversos países. Expus o caso ao meu intérprete.

Reagiu imediatamente: «Qual achas que é o melhor local?». Expliquei-lhe que me convinha um ângulo, não em contraluz: «Por exemplo, ali» — apontei.

«Que tal o quarto andar?» — perguntou-me. Acenei-lhe que sim e ele pediu-me para andar mais rapidamente. Entrámos por uma estreita porta das traseiras, com dupla protecção (por causa dos invernos) e subimos em elevador.

Uma porta não teve resposta. Outra, não dava para a esquina das duas ruas. Do lado oposto: uma, duas vezes, o toque de campainha foi atendido. Um homem de idade abriu-nos a porta (assim, de par em par), ouviu a explicação de Sérgio — qualquer coisa em que se ouvia «Portugalski journalist» — jornalista português — e o homem deixou-nos entrar sem mais problemas.

Fiz as fotos, evidentemente, pois esse era, de facto, o meu objectivo. Mas olhei a casa. Nem rica nem pobre, mas claramente boa. Nada de alcatifas, mas havia televisor, havia telefone, uma mobília interessante, de estilo (?), aquecimento central, janelas duplamente protegidas. O dono da casa, enquanto eu fotografava, continuou a conversa que mantinha com alguém sentado a seu lado na sala (de jantar?) da casa.

Depois foram os agradecimentos. A entrada do Kremlin lembrei-me, de súbito, que tinha satisfeito um «desejo antigo». Não fiquei decepcionado com o que vi. Falei no assunto e o intérprete disse-me que os prédios onde tínhamos entrado eram dos anos 50, da época (de Estaline) da reconstrução do País, depois das destruições causadas pelos nazis. Baixos-relevos no alto dos prédios



Estudar, experimentar, conhecer. Para amanhã...

lembrem, de diversas formas, a época em que foram construídos: camponeses no seu trabalho, soldados na vigilância, camponeses nas fábricas. A mesma «recordação» pode ver-se pelo menos em uma das estações do metropolitano.

AINDA AS RUAS E LENINE

Penso que uma das melhores formas de ver um País é nas ruas, nos mercados, nos transportes etc.. Particularmente, tem-se essa noção onde existem dificuldades de contactos por causa da língua. Assim, mantive-me particularmente atento a tudo o que via.

No primeiro dia, por exemplo, enquanto aguardávamos um guia para nos levar por Moscovo, ouvi de súbito um apito: a Polícia (?) Olhei. Era de facto um «miliciano», que montou a sua moto e arrancou em direcção a um automóvel que entretanto parava. Segui o caso com os olhos. Nem um nem outro se exaltaram. O condutor exibiu documentos (?), falou. O «guarda»

disse algo durante um minuto e mais nada. Ambos se retiraram.

No último dia, já de regresso, em Moscovo, viajava num trólei, ainda desta vez pela Avenida Gorky, para o Museu da Revolução. Meti os cinco «kopeks» do bilhete e retirei o cupão. Outros passageiros fizeram o mesmo. Rapidamente me apercebi de que havia uma discussão: dois cidadãos não tinham retirado o seu bilhete, como é normal.

Junto à máquina automática viajava uma fiscal. Prontificou-se a passar-lhes a multa de um rublo (vinte vezes mais). Eles protestaram (a intérprete traduziu-me), pois estavam «mesmo para tirar o seu bilhete». A fiscal manteve-se firme e cada um pagou o seu rublo.

Nas ruas, ainda nas ruas, impressionou-me a quantidade de jornais de parede, pelos quarteirões, pelas avenidas, nos locais principais. Há muito quem pare para os ler, para os consultar (muitos publicam programas de televisão e de cinema, teatros).

Ainda a propósito de jornais: verifiquei nos quiosques que, logo pela manhã, muitas pessoas se acer-

cam e compram pedindo uma a uma as publicações que desejam. A maioria dos compradores levam mais que três jornais. O mesmo acontece com o meu intérprete, que raramente falha mesmo um jornal desportivo, que lê com bastante atenção.

Pergunto-lhe por que compra tantos jornais («São ou não todos iguais? — interrogo-me»). «É preciso saber o que se passa...» diz-me calmamente. Tento saber quais as diferenças. Explica-me: desde a escolha de notícias nos diversos diários até às características de periódicos especializados em diferentes assuntos. Dos da actualidade internacional até à literatura (que por sua vez também inclui noticiário geral).

E assim, pela rua, chegamos do desfile pela Avenida Gorky, com as crianças, até ao Kremlin, que já havíamos visitado, mais ou menos em pormenor, desde o «apartamento-museu de Lenine» até ao seu mausoléu no exterior da muralha, na Praça Vermelha.

Para esta visita incorporámo-nos, embora com vantagens es-

peciais por fazermos parte da delegação do Festival, na longa bicha que diariamente se forma, a três e três pessoas, para entrarem no mausoléu («fortaleza» — penso) onde se encontra o corpo embalsamado do líder da Revolução Russa.

Com este objectivo, a bicha normal foi interrompida no lado oposto do Kremlin, dando-nos a nossa vez depois de termos assistido a uma cerimónia junto ao «túmulo do Soldado Desconhecido», em memória dos mortos na guerra (Grande Guerra Pátria) — como lhe chamam normalmente.

Já dentro da Praça Vermelha, a atenção da «milícia» redobra, são estritamente controladas as pessoas na bicha, ladeiam um traço branco até à entrada do sepulcro, são obrigadas a manter-se a três e três. À entrada, depois de assistirmos a um soleníssimo render da guarda, é recomendado silêncio total. Cá fora ficou, nas mãos de outro intérprete, a máquina fotográfica, pois era proibida a entrada doutra forma.

Por fim desce-se a escadaria, num ambiente bastante frio, até ao mausoléu, em vidro. Lá dentro o corpo de Lenine. Respira-se emoção. Apesar das recomendações de silêncio ouvem-se vozes, é impossível as pessoas calarem-se. De novo os guardas recomendam o silêncio.

Depois passa-se, ainda na bicha, ao longo da muralha do Kremlin, onde estão sepultados os heróis da Revolução: desde a «Vala Fraternal», onde estão sepultados 500 corpos de revolucionários mortos em 1917 (ver John Reed, «Dez dias que abalaram o Mundo»), até Gagarine e os três astronautas mais recentemente mortos em acidente, passando por Sverdlov e por Estaline — de quem existe um busto, mesmo por trás do mausoléu de Lenine. Aliás, o próprio John Reed tem o seu corpo sepultado na muralha do Kremlin...

IMPRENSA, TELEVISÃO

Ainda retomo o tema da Informação por, embora com as dificuldades inerentes à tradução, constituir um bom tema de análise para a realidade da U.R.S.S.

Por exemplo, num dos primeiros dias da minha estadia, o intérprete, enquanto nos dirigíamos ao «apartamento-museu de Lenine» que vamos visitar-também especialmente, pois normalmente é difícil conseguir a entrada naquele andar de um dos edifícios dentro do Kremlin — falou-me de uma página desse dia, na «Literaturnaya Gazetta».

Aí são publicados dois artigos de crítica: e pergunto se isso é possível. É possível se as críticas visam construir e não destruir, e normalmente, quando assim é, vêm sempre acompanhadas de sugestões concretas — respondeu-me.

Nesse número da «Literaturnaya Gazetta» são publicados dois artigos de crítica, que o intérprete me traduz. Um deles refere-se «à indústria do descanso», como muito naturalmente lhe chamam, pois quem trabalha durante o ano inteiro tem muito naturalmente de ver as suas férias organizadas.

O articulista, no caso presente, segundo o intérprete, refere a diferença, ainda existente, entre a



Os desfiles de crianças eram perfeitamente normais, nas cidades ou nos campos de férias, no âmbito do Festival...

Já se pode viver até aos 150 anos

Quantos anos pode viver uma pessoa? O soviético Nikolai Zolotov, com 83 anos, continua a participar nas corridas oficiais de corta-mato organizadas anualmente pelo «Pravda» (30 quilómetros). Zolotov afirma que ter 80 anos não significa ser velho, se o organismo conservar a sua actividade vital e reserva de forças. E não é só Zolotov que pensa assim. Na prova do «Pravda» participam muitos outros desportistas com idades avançadas.

Ao longo de muitos séculos manteve-se a ideia de que só era possível prolongar a vida humana utilizando as conquistas da medicina e da higiene social. E, de facto, conseguiram-se neste domínio progressos consideráveis. O nível de 70-72 anos já não é hoje uma excepção, como acontecia ainda não há muito tempo, mas uma média estatística normal.

Contudo o tempo médio de vida não aumentou nos últimos decénios e, aparentemente, esgotaram-se as possibilidades da medicina neste domínio. Mesmo as vitórias que se esperam alcançar sobre as «doenças do século» (cardiovasculares e cancerígenas) não prometem grandes progressos na elevação estatística da duração de vida. Na melhor das hipóteses, estes números subirão 10 a 15 anos e, com maior probabilidade, apenas 8 a 10.

Parecem, no entanto, ser bastante maiores as reservas guardadas pelo organismo humano. Funcionando bem os sistemas de manutenção da vida, o indivíduo pode viver muito mais do que vive actualmente.

O biólogo russo Méchnikov afirmou que, tendo em conta as características das reservas humanas, «a morte antes dos 150 anos é uma morte violenta». E explica: «Morrer aos 70 anos apenas demonstra que se levou uma vida desordenada, que se não soube descobrir desenvolver as forças protectoras e os sistemas adaptativos».

Ainda segundo Méchnikov, «os nossos órgãos estão estruturados

para funcionar, continuamente, durante 150 anos, e, se tal não acontece, é porque são objecto de golpes constantes que, na sua ausência, consistem numa sobrecarga caótica de certos sistemas e insuficiência de desenvolvimento de outros».

Mas há outros cientistas, mais optimistas que Méchnikov, que preconizam números muito mais elevados para a duração da vida, arriscando os seus cálculos até aos mil anos. Isto, combinando, por um lado conquistas futuras da genética, biológica molecular e medicina, e, por outro lado, uma revolução total no que respeita à higiene da vida privada, à alimentação, ao trabalho e ao repouso.

Um bom controlo das circunstâncias envolventes da vida (factor que depende mais do homem social do que dos grandes progressos científicos) poderá conduzir a resultados surpreendentes.

Os cientistas V. N. Nikitin (URSS) e K. McRay (EUA) chegaram, cada um por seu lado, a dados elucidativos. O jejum e a dieta racionais, com um consumo limitado de gorduras e hidratos de carbono, duplica a vida dos animais.

Também a diminuição da temperatura média do corpo, apenas de um ou dois graus, promete prolongar a vida 10 ou 20 anos. As experiências revelaram que certos insectos, que à temperatura ambiente (30 graus) vivem apenas 15 dias, chegam aos 177 dias com dez graus centígrados.

Estas são, em primeira aproximação, as possibilidades dos dois factores de saúde, alimentação e temperatura.

É evidente que a aplicação destas conclusões ao prolongamento da vida do «Homo sapiens» exige ainda muito tempo e enorme concentração de esforços por parte de especialistas em diversos ramos do saber. Mas a sua veracidade já não suscita dúvidas.

O apelo dos cientistas, aprovado na última conferência da Sociedade Internacional encarregada de coordenar os esforços para prolongar a vida do homem, dizia em tom de autocritica: «Devemos reconhecer que só pela nossa cegueira científica a velhice continua

a matar as pessoas entre os 60 e os 80 anos. Perdemos a possibilidade de dar a muita gente dezenas e talvez centenas de anos suplementares. E isto impõe-nos a obrigação de ampliar os esforços».

Os esforços já se iniciaram. Hoje, não são só «entusiastas» isolados a abordar o problema, mas uma ampla frente de especialistas de diversas matérias.

Na União Soviética inaugurou-se o Instituto de Juvenologia de Moscovo, encarregado de centralizar e coordenar todas as investigações realizadas no país sobre este interessante e complexo problema.

Apesar de recente, o Instituto já apresenta resultados importantes. Os cientistas soviéticos conseguiram estabelecer uma espécie de fórmula da longevidade em cujo numerador se encontram factores como a estabilidade emocional, a actividade motora, a temperatura e a alimentação, e no denominador, como factores negativos, as doenças e o uso do tabaco e do álcool. É uma fórmula apenas aproximada, mas ela permite avaliar a importância da atitude do indivíduo face à cultura física e ao desporto, que actuam directamente na actividade motora do homem, e ao seu regime diário, relacionado com a estabilidade emocional, alimentação, capacidade de resistência à doença e com o consumo de cigarros e álcool.

Os primeiros trabalhos do Instituto de Juvenologia permitem verificar claramente a ligação entre o desporto e o prolongamento da vida. E as conclusões são retiradas de fórmulas concretas, confirmadas por experiências, e não por meio de raciocínios abstractos.

É evidente que o assunto se não pode reduzir exclusivamente ao desporto. Os juvenólogos têm perante si uma infinidade de complexos problemas.

Mas, como diz o director do Instituto de Juvenologia, L. M. Sujarebski, se um indivíduo leva, desde que nasce, uma vida de acordo com as normas já existentes sobre higiene psíquica e alimentar, sobrecargas físicas, trabalho e repouso, poderá viver até aos 150 ou 200 anos. Não num futuro distante, mas já, nos nossos dias. ●

Seis meses fora da acção da gravidade

Quanto tempo poderá permanecer o Homem no espaço? Actualmente, existem condições de existência humana nas naves espaciais que pouco diferem das terrestres. No entanto, persiste um problema: a questão da ausência não foi ainda eliminada. Antes do envio do primeiro satélite nada se sabia sobre a influência da ausência da gravidade no ser humano. Por essa razão, a primeira experiência cósmica foi realizada com a cadela Laika.

Quando Yuri Gagarine, o primeiro cosmonauta a partir para o espaço, abandonou a terra, os médicos sabiam que, num período curto, não se registariam alterações patológicas no organismo. Este voo teve a duração de 108 minutos. O segundo cosmonauta esteve no espaço 25 horas. Neste caso, observou-se objectivamente a acção da ausência de gravidade prolongada.

No início dos anos setenta, os cientistas soviéticos dedicaram-se ao estudo intensivo desta condição sobre o organismo. Foi assim que surgiram as «experiências modeladas» realizadas em terra.

Com esta finalidade escolheram-se dezoito pessoas de profissões, caracteres e gostos diversos, e divididas em três grupos. O primeiro grupo seguiu à risca as

medidas profiláticas de luta contra a ausência de gravidade e a hipotensão levadas a cabo pelos cosmonautas; o segundo cumpriu-as a 50 por cento, e o terceiro grupo não recorreu a quaisquer cuidados profiláticos.

Durante seis meses estes homens ficaram deitados com as pernas ligeiramente mais altas que a cabeça, de forma a imitar o que ocorre em casos de ausência de gravidade.

Depois de uma semana, a pessoa perde a noção de ter a cabeça mais baixa do que o corpo, mas sente um mau estar físico causado pela falta de movimento, dores nos músculos e baixa de temperatura.

Lavar-se, arranjar-se, comer, ler, tudo teve de ser feito na posição horizontal. Não podiam elevar-se nem um pouco. Apenas virar-se. A primeira parte do dia era dedicada a investigações científicas. Depois do almoço, os dois primeiros grupos eram transportados à sala de desporto para exercícios. Mas sempre na mesma posição.

A ausência de movimento é uma sobrecarga muito forte. Durante meio ano estes, homens estiveram afastados dos seus hábitos e do mundo exterior, com excepção da televisão.

Frequentemente, comparavam a sua situação à dos cosmonautas. Na verdade, esta experiência não só imitava a ausência da gravidade como era idêntica à própria duração de um voo cósmico.

Os nervos estavam tensos, e, por vezes, tornava-se difícil dominá-los. Inesperadamente, ouvia-se um berro de alguém incomodado com o barulho da televisão, apesar de o som não ser elevado. Todas estas pessoas eram seres distintos mas, todos eles precisavam de grande preparação psíquica para suportarem a tensão nervosa de seis meses deitados numa cama, ou para resistirem calmamente às dores que surgiam acidentalmente.

Terminados os seis meses, todos os membros dos três grupos se preparam para abandonar o leito.

Os elementos do terceiro grupo desciam as escadas com dificuldade. O estado de saúde do primeiro grupo mantinha-se idêntico ao existente no início da experiência.

A experiência terminara. Passado o período da reabilitação todas as pessoas tinham recuperado a boa forma física. Verificou-se que as viagens cósmicas não ofereciam perigo pelo menos num período de seis meses. ●

FOTO

EXCLUSIVO

SAM — eis a designação do novo tipo de escafandro que a indústria britânica se prepara para lançar no mercado. Este equipamento permitirá mergulhar em descompressão a profundidades de 610 metros (onde a pressão atinge quase 600 toneladas por metro quadrado). Trata-se de um modelo que substitui o JIM, escafandro que bateu vários recordes e que até agora era um dos mais avançados. Foi alterado o corte e utilizam-se novas articulações (por exemplo nos joelhos) que permitem maior liberdade de movimentos



Tendas e campistas estão a regressar lentamente ao parque de Los Alfaques, Tarragona, Espanha, depois da terrível tragédia que destruiu todas as instalações do acampamento e matou centenas de pessoas. Referimo-nos à recente explosão de um camião-cisterna, facto amplamente noticiado



Nos relvados do Trocadero, junto da Torre Eiffel, turistas estrangeiros e franceses repousam das fadigas dum dia quente de Verão. Os parisienses, esses, ausentaram-se durante o mês de Agosto. A cidade está aberta a todas as invasões. (Foto Keystone)



Louise Brown, o célebre bebé-proveta, saiu da maternidade no dia 6 deste mês. Aqui vemos o bebé mais célebre do mundo, ao colo da Irmã Paulino Whittle, que o transportou das portas traseiras do Hospital Oldham até junto da ambulância, que, por sua vez, conduzia a pequena Louise para a casa em Newtown, Bristol



O navegador francês, ou, mais regionalmente, bretão, Gilles le Baud, ganhou a célebre corrida de «solitários» do jornal «L'Aurore», no seu veleiro «Kelt-la-Concorde», em 230 horas, 56 minutos e 6 segundos. A foto mostra-nos o vencedor à sua chegada ao largo do porto Haligen. (Foto Keystone)

Os conquistadores ideológicos

mas psicofisiológicos, na sua maioria negativos. Acerca disto, o livro de J.E. Gayer «Os novos Latino-Americanos» é revelador. A autora, antiga correspondente do «Chicago Daily News» na América Latina, não hesita em explicar os processos sociais que se desenrolam nos países latino-americanos, tirando as suas conclusões. A autora declara, por exemplo, que «um dos males da América Latina é uma ritualização especial da violência, principalmente entre os estudantes. Os estudantes «executam a dança ritual» das manifestações, gritam palavras de ordem protestando contra a sociedade em que vivem e provocam a polícia, que é obrigada a disparar. A polícia conhece as regras do jogo e acaba por disparar. A dança muda de aspecto; um infeliz cai numa rua ensolarada e morre na flor da idade. A dança ritualiza-se em panegírico. Os polícias batem em retirada, os estudantes levam o corpo. Está consumado o sacrifício. Existe um mártir e o objectivo foi atingido...» A jornalista americana considera uma «anomia psíquica» o esforço revolucionário dos povos para reconstruir a sua sociedade, a crescente tendência para o marxismo. Assim, a imagem do latino-americano é ridicularizada, a história e a essência dos processos sociais contemporâneos na América Latina são deformados.

O carácter racista deste tipo de «teorias» manifesta-se mais particularmente pelo denegrir brutal da população de origem dos países latino-americanos — os índios. Essa «teoria» constitui uma arma ideológica da política de discriminação racial para com os índios. As insinuações acerca da «inferioridade» da gente de cor tem o objectivo de provocar um sentimento de inferioridade nacional aos povos da América Latina, o reconhecimento da superioridade do povo norte-americano e, consequentemente, o reconhecimento da dependência da América Latina perante os Estados Unidos. Como os índios e os mestiços representam uma parte importante da população da maioria dos países da América Central e do Sul, o estereótipo da «inferioridade» da população de cor é disseminado por todas as nações desse imenso continente. Os apologistas do racismo procuram provar que todos os problemas dos países latino-americanos cuja maioria da população é de cor residem na «maldição genética» e na herança biológica e não no sistema dos latifúndios ou na política do imperialismo.

O ANTICOMUNISMO — BASE DA PROPAGANDA

A propaganda imperialista na América Latina tem por base o anticomunismo que tem, neste continente, aspectos particulares. A propaganda anticomunista na América Latina transforma-se em prática terrorista de perseguição, não só aos comunistas, aos representantes das massas trabalhadoras, mas também a todas as pessoas que tenham opiniões diferen-

tes. O regime ditatorial do Haiti, por exemplo, «codificou» que «toda e qualquer forma de actividade comunista ou de divulgação do comunismo — oral, escrita, pública ou privada é passível de pena... São considerados culpados de delito todos os que (livreiros, proprietários ou gerentes de editoras, senhores ou inquilinos, padres, missionários, intelectuais, professores) independentemente do motivo das suas actuações, ajudem à realização desses actos delituosos e esconzam ou ajudem os seus organizadores. Os autores dos delitos mencionados e os seus cúmplices são passíveis de pena capital». Os regimes Paraguaio e Polívia, do Chile, do Paraguai, da Bolívia, do Uruguai, da Nicarágua e da Guatemala, recorrem a métodos análogos.



A propaganda anticomunista exerce uma influência muito variada sobre a opinião pública. As montras das livrarias dos países latino-americanos estão repletas de livros muito coloridos cujo tema é o anticomunismo pseudocientífico e que se destinam à «elite intelectual» e a uma minoria bem informada. A imprensa, a rádio e a televisão difundem um anticomunismo aberto que se dirige ao grande público. Um exemplo desse anticomunismo é dado pela brochura publicada por um representante da junta fascista chilena de Pinochet, «A geopolítica», em que um antigo «professor de geopolítica» populariza «Mein Kampf» de Hitler. O autor tenta justificar a agressão e os crimes do fascismo.

A propaganda anticomunista na América Latina serve-se do maoísmo e a sua tática é dupla. Por um lado oferece aos maoístas e aos seus partidários locais vastas possibilidades para atacar, a partir de posições de «esquerda», a União Soviética, o esquema socialista e o movimento comunista nas páginas da «grande» Imprensa. A propaganda pró-imperialista que conta com um público burguês procura identificar o maoísmo com o socialismo científico, sobretudo com a sua aplicação na União Soviética.

Os apologistas do imperialismo e da reacção latino-americana incitam ao antisovietismo. A crise do antisovietismo obriga-os a manobras, e a camuflar-se por meio de frases «de esquerda» vazias de sentido. No anuário «Quem é quem na economia brasileira», publicou-se, por exemplo, um artigo, em que se afirma entre outras coisas: «Este país que em 1917 levou a bom termo a revolução de Outubro já não é revolucionário...» É interessante notar que os «re-

ideais revolucionários» na URSS tenham sido formulados numa publicação editada sob a ditadura militar e policial, e pela casa Vizau que está sob controlo americano.

NA ARENA DA «GUERRA PSICOLÓGICA»

Nos países da América Latina a influência ideológica do imperialismo manifesta-se melhor e mais claramente sob a forma de operações subversivas da «guerra psicológica». No «Dicionário terminológico do exército US», publicado em 1969 pelo Pentágono, o termo «guerra psicológica» é oficialmente definido como «a utilização planificada dos meios de propaganda e a realização de outras acções com vista a exercer influência na formação das opiniões, das emoções, das relações e dos comportamentos do adversário, assim como dos grupos neutros ou amigos com vista a atingir os objectivos nacionais». As operações da guerra psicológica têm por objectivo declarado, entre outros, os «grupos amigos», isto é, sobretudo os países e os governos cuja política esteja de acordo com os interesses dos Estados Unidos.

Num esforço para justificar a prática legalizada da «guerra psicológica», o imperialismo identifica-o com a luta ideológica, visto os métodos de guerra psicológica terem um carácter claramente subversivo e agressivo.

A maior operação da «guerra psicológica» na história das relações dos Estados Unidos com os países da América Latina, foi o ataque aberto e prolongado contra o Governo da Unidade Popular no Chile.

As actividades subversivas dos monopólios, da CIA, do Pentágono, da USIA e dos outros órgãos da propaganda americana, assim como da reacção chilena, cujo objectivo era, em primeiro lugar, impedir a subida ao poder do Governo de Unidade Popular, e depois derrubar esse mesmo Governo, desenrolaram-se precisamente no quadro da «guerra psicológica». A campanha de terror moral, psicológico e ideológico de massa, dirigido contra o povo chileno fazia parte da «guerra interna» declarada pela junta após o «putsch». O imperialismo americano utilizou um método análogo à «guerra psicológica» para derrubar os governos legais de uma série de outros países latino-americanos.

Os órgãos progressistas dos meios de comunicação de massas, principalmente a Imprensa dos partidos comunistas dos países latino-americanos enfrentam resoluta e inexoravelmente a propaganda do imperialismo e da reacção interna.

Os representantes dos intelectuais que se pronunciam contra o anticomunismo e o antisovietismo contribuem em larga medida para desmascarar a propaganda imperialista.

A luta contra a propaganda imperialista faz parte da luta corajosa dos povos dos países da América Latina pela sua liberdade, paz e progresso social. ●



Yolanda Gomez
Prensa Latina

Reza a tradição que os maquiavélicos moradores de uma casa de cristal começaram, em certa ocasião, a lançar pedras contra casas de pessoas que consideravam suas inimigas. Mas, contrariamente aos seus propósitos, não só os agredidos saíram incólumes, como o chão e as paredes da estrutura de cristal começaram a rachar e, pouco a pouco, a frágil construção caiu e fez-se em farrapos. Esta história serve para recordar a comparação feita por um cidadão norte-americano entre a proclamada política externa de respeito dos direitos humanos da nova administração dos Estados Unidos e o habitante de uma casa de cristal que apedreja os vizinhos.

Warren Christopher, subsecretário de Estado para os Direitos Humanos, reiterou recentemente, na Universidade de Geórgia, por ocasião do dia do direito, que a política de Washington diz respeito a três categorias de direitos:

I — O direito à satisfação das necessidades vitais do indivíduo, como alimentação, habitação, assistência na saúde e educação.

II — Os direitos civis e políticos.

III — O direito a estar livre das violações governamentais da integridade do indivíduo.

É interessante analisar o modo como são tratados, nesse país, estes aspectos que, de acordo com Christopher, estão conformes com as directrizes por que o governo de Washington mede a situação noutros países.

NECESSIDADES VITAIS

A secretária da Habitação, Patricia Harris, reconheceu, em meados do ano passado, que cerca de 13 milhões de famílias, ou seja aproximadamente 50 a 60 milhões de norte-americanos, vivem em condições escandalosas.

A funcionária recordou ainda que os norte-americanos empregam cerca de 20 por cento do seu salário em pagamentos de aluguer, embora entre os mais pobres a proporção seja maior. Por exemplo, famílias com rendimentos infe-

riores a cinco mil dólares anuais, classificadas como insolventes, vêem-se obrigadas a pagar mais de 35 por cento das suas receitas no pagamento da renda, devido aos elevados alugueres nas zonas urbanas.

Edward Brooks, senador pelo Massachusetts e membro do Comité para os Assuntos Bancários, de Habitação e Urbanismo da Câmara Alta, reconheceu do mesmo modo que estes milhões de famílias norte-americanas constituem apenas a quarta parte da população que vive em condições habitacionais «deficientes ou inadmissíveis».

Estas declarações podem complementar-se com estatísticas recentes do Departamento da Habitação, que revelam que 2.300 milcasas nos Estados Unidos carecem de instalações sanitárias, 700 mil possuem redes de esgotos inadequadas e outros 4,5 milhões têm os tectos em mau estado.

Um inquérito do Instituto de Opinião Pública Louis Harris revelou, há apenas uns meses, que durante a última década a situação social e económica na América do Norte piorou.

Por seu lado, o organismo oficial Centro de Investigação Científica dos Estados Unidos mostrou que: — A quinta parte das famílias norte-americanas mais ricas possuem 41 por cento do produto nacional bruto do país.

— As pessoas com mais posses

As pedras de Carter e a sua casa de cristal

Ze constituem 1 por cento da população, têm propriedades no valor médio de meio milhão de dólares cada.

— 77 por cento das famílias norte-americanas não possuem ações em empresas nem quaisquer propriedades.

Um número recente do semanário «US News and World Report» afirma que o custo de um dia de internamento num hospital dos Estados Unidos se eleva já a 200 dólares. Se se tratar de um parto, esse valor será de 1000 dólares por dia.

Há 27 anos, este quantitativo era de 16 dólares, o que indica que os custos diários por hospitalização nos Estados Unidos subiram durante este período de 1.250 por cento.

Por outro lado, o Sistema de Assistência Social Federal, criado para ajudar os desvalidos da sociedade, foi classificado pela Academia Nacional das Ciências de «vergonha nacional».

Esta situação, confirmada por números fornecidos por organismos estatais, torna-se ainda mais crítica para as minorias étnicas discriminadas e para outros sectores preteridos, como o são, entre outros, as mulheres, as crianças e os presos políticos.

DIREITOS CIVIS E POLÍTICOS

A população indígena, praticamente aniquilada durante a expansão europeia no continente norte-americano, denunciou numa reunião internacional as péssimas condições de vida em que subsiste nos Estados Unidos.

O encontro, o primeiro deste índole que se efectua à escala mundial, realizou-se em 1977, precisamente no ano em que os Estados Unidos proclamaram a sua política de direitos humanos como guia para as suas relações internacionais.

Pouco antes, a publicação «Novas Perspectivas» do Conselho Mundial da Paz, difundiu um artigo em que sublinhava que «os Estados Unidos são responsáveis pelo mais atroz genocídio da História» e recordava que, antes da chegada dos europeus, habitavam nesse território cerca de 36 milhões de índios.

Actualmente, os índios não atingem o milhão e, segundo dados sobre as suas condições de vida, as mais miseráveis do país, a situação tende a piorar.

— A esperança de vida do índio norte-americano é de cerca de 44 anos; de acordo com documentos de uma Conferência Indígena esta cifra é de 68 anos para o adulto branco.

— O desemprego ronda os 73 a 90 por cento.

— O suicídio entre os adolescentes é, desde há vários anos, o mais alto do mundo.

— O Senado dos Estados Unidos reconheceu que a assistência médica que se presta aos habitantes autóctones, em vez de os curar, os faz adoecer.

— As tribos navajas — as mais pobres — habitam nas reservas mais antigas e na quase totalidade das casas não há água corrente nem casas de banho.

— A Conferência de Genebra de 1977 denunciou que as crianças indígenas são utilizadas como cobaias.

Os assistentes a esse encontro

internacional concluíram que, nos Estados Unidos, «a política do governo em relação a esta minoria étnica é pura demagogia».

A criação do cargo de secretário adjunto para os Assuntos Índios do Departamento de Estado e a designação de um cidadão de origem índia, Gerard Forrest, para esse lugar fazem parte dessa política qualificada de demagógica.

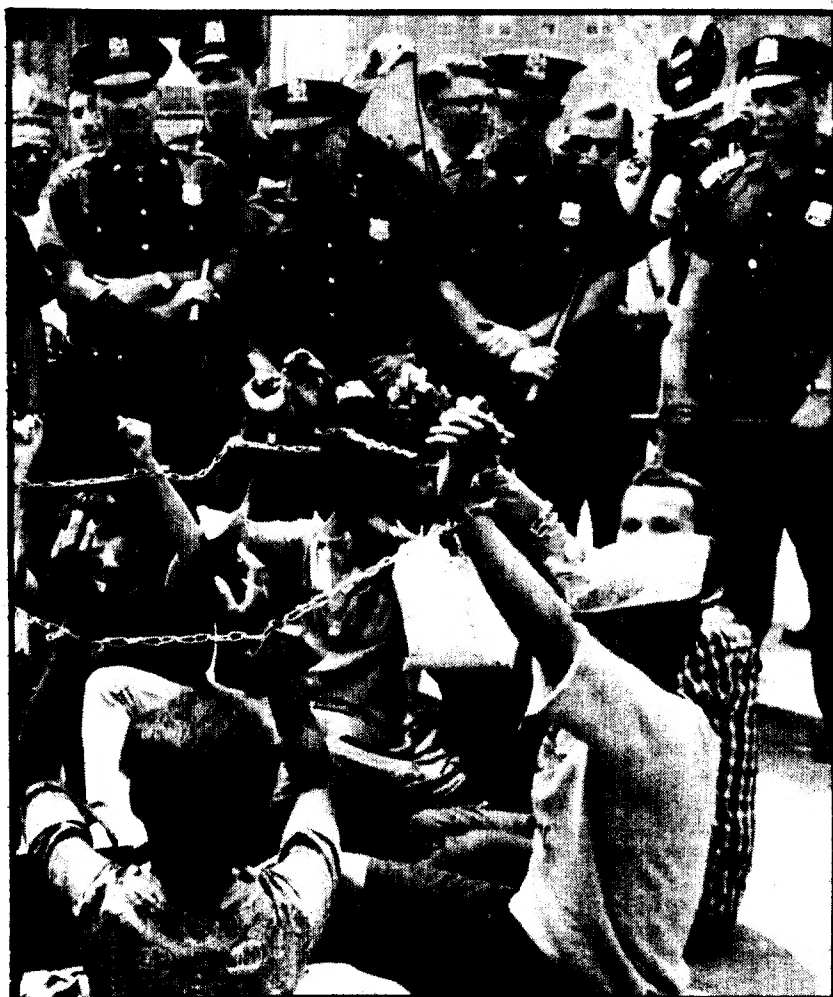
Segundo opiniões dos próprios índios, pouco se pode esperar de Forrest, mesmo quando este reconhece que o governo «tem a responsabilidade de proteger as terras e os recursos naturais da população autóctone e garantir a necessária assistência, virada para a melhoria das condições económicas e sociais».

Fundamentam a sua apreciação nos critérios defendidos por Forrest que pensa que «muitos índios vivem em reservas e afastados da sociedade branca porque assim o desejam».

Um escritor negro dos Estados Unidos definiu desse modo os cerca de 40 milhões de afro-norte-americanos, para os quais a cor da pele significa isolamento e discriminação na sociedade em que vivem.

Joseph Califano, secretário para a Saúde, Educação e Bem-Estar Social, admitiu que «o racismo continua a ser o problema interno mais difícil dos Estados Unidos».

Mais de 200 anos depois de os colonos americanos proclamarem a sua independência da metrópole inglesa e um século depois da guerra civil, em que foram derrotadas as forças do escravagismo, a situação da população negra quanto à ocupação de cargos no governo federal é a seguinte:



— de 100 senadores apenas um é negro;

— dos 435 assentos na Câmara dos Representantes apenas 16 estão ocupados por negros.

Em Outubro do ano passado, organizações negras, como a Confederação dos Advogados Negros e a Associação dos Norte-Americanos Negros, estudantes de direito e grupos progressistas do país, fizeram um apelo ao Tribunal Supremo do país para que este dedique um maior apoio à defesa dos direitos das minorias étnicas.

As principais críticas foram então dirigidas contra os chamados Programas de Acção Afirmativa, os quais, de acordo com os seus promotores, tinham o propósito de solucionar a angustiosa situação dos cidadãos negros nas esferas educativa e laboral.

Outras entidades, como a Associação Nacional para o Progresso dos Povos de Cor (NAACP), formularam críticas idênticas. Mesmo o denominado «grupo negro do CONGRESSO» (integrado pelos 16 representantes negros da Câmara Baixa) apoiou os protestos das organizações sociais.

É preciso lembrar que a população negra, na esperança de melhorar a sua situação, depositou a sua confiança nas promessas eleitorais feitas pelo candidato democrata James Carter, em 1976, e lhe deu maioritariamente o seu voto.

A agudização desta situação levou, sem dúvida, à conclusão generalizada de que, não obstante a retórica sobre os direitos humanos e a existência de alguma legislação conquistada através de duras jornadas de reivindicação dos direitos civis dos negros durante a década de 60, se regista um retrocesso nas condições de vida desse sector da população.

Assim, por exemplo, o diário «The New York Times» admitiu que a população dos «ghettos» negros se encontra em condições piores e com um sentimento de maior frustração do que na época das revoltas populares da década passada. Um grupo de jornalistas da imprensa negra classificou recentemente de horrível a situação de mais de 25 milhões de cidadãos afro-norte-americanos.

Números recentes indicam que o desemprego nos «ghettos» se eleva a 60 por cento e que a morta-

lidade infantil é cerca de 70 por cento mais alta do que entre a população branca.

A congressista Shirley Chrischold afirma que os fundos escolares da cidade de New York, onde se encontra um dos bairros negros mais populosos, são basicamente desviados para as escolas de alunos brancos.

Benjamin Hooks, presidente da já citada organização NAACP, afirmou que «o presidente James Carter está mais preocupado com o equilíbrio do orçamento do que com os problemas dos negros».

O presidente James Carter anunciou, a supressão dos planos de educação bilingue que decorriam em escolas de 39 Estados do país e que eram indispensáveis para os alunos de ascendência espanhola.

Como argumento para essa medida, o secretário para a Educação, Saúde e Bem-Estar Social, Joseph Califano, alegou que a decisão obedece à convicção de que a melhor maneira de eliminar a discriminação é mediante o ensino exclusivo do idioma inglês.

Com esta resolução, a administração governamental frustra um dos objectivos da luta do Movimento Chicano no campo da educação e que o levou, inclusivamente, a promover os seus próprios programas.

A Casa Branca propôs, no ano passado, o chamado Plano Carter para Imigrantes, que foi recusado, não só pela comunidade chicana, mas também por organizações políticas e sociais e funcionários do governo mexicano.

O plano propõe uma «amnistia» para todos os imigrantes (principalmente mexicanos que cruzam a fronteira) chegados aos Estados Unidos num determinado período e exclui os restantes, mesmo quando estes tenham familiares nesse país.

O programa, qualificado de discriminatório e violador dos mais elementares direitos civis dos cidadãos de ascendência mexicana, prevê também um aumento do número de agentes fronteiriços para evitar a entrada ilegal de camponeses. ●

(CONCLUI NO PRÓXIMO NÚMERO)



«Direitos humanos primeiro cá dentro» — exigem manifestantes nos EUA

O FANTASMA DE HITLER PAIRA SOBRE A RFA (conclusão)

"Mea culpa" dos sociais-democratas

□ Angel Rocco
■ Prensa Latina

Os perigos da reactivação do fascismo na Alemanha Federal provocam alarme mesmo em importantes dirigentes do Partido Social-Democrata, que se encontra no Governo.

Alguns deles, tal como o deputado Heinz Hansen, não hesitaram em criticar o Governo de coligação social-democrata-liberal-democrata que é dirigido por Helmut Schmidt, pelo facto de ter actuado com negligência na perseguição dos criminosos de guerra nazis.

«O Governo encobre os ex-nazis quando se recusa a utilizar os documentos existentes no centro norte-americano de investigação de Berlim-Oeste, onde estão arquivadas as fichas de 11 milhões de membros do partido nazi e de 600 mil membros das SS», afirmou Hansen à televisão britânica.

Segundo este deputado social-democrata, dos 150 mil criminosos de guerra nazis só 35 mil compareceram em tribunal.

Nos primeiros meses deste ano o ministro federal da Justiça afirmou repetidas vezes a sua preocupação perante a vaga de exaltação do nazismo e a proliferação das actividades dos ex-nazis e dos neonazis que por mais de uma vez se revestiram de formas abertamente violentas.

Mas, se fizesse falta outro testemunho insuspeito o presidente do partido Social-Democrata e da Internacional Socialista, o ex-chanceler Willy Brandt, acaba de reafirmar a sua inquietação perante a «vaga de nazismo».

Em Agosto de 1977, Brandt enviou uma carta ao chanceler Schmidt em que exprimiu a preocupação que lhe provocavam as actividades neonazis.

Nos últimos dias de Abril deste ano o chefe dos sociais-democratas sublinhou, num artigo de jornal, «que é preciso estarmos mais vigilantes que nos últimos

anos e quando for necessário actuar sem comiseração contra os neonazis».

«Soube-se, por exemplo, que um jovem de Hamburgo — escreveu Brandt — fundou um grupo armado neo-nazi e não podemos deixar de nos interrogar sobre como é possível que jovens da RFA se tornem fascistas».

«Não pode servir de consolação o facto de serem poucos», acrescentou. — Não podemos dizer que se trata tão só de um par de incorrigíveis velhos nazis, não podemos cruzar os braços perante a acumulação de discos, livros e filmes que exaltam Hitler e caluniam os antifascistas».

Brandt afirmou que o escárnio em relação aos sofrimentos que Hitler trouxe para os povos da Europa, incluindo o alemão, e a difamação daqueles que pagaram com a vida a resistência ao fascismo não podem ser tolerados.

O ex-chanceler federal admitiu que se verificaram erros e negligências na educação das jovens gerações. Foram muito deficientes as cadeiras de História sobre o Terceiro Reich e é alarmante o desconhecimento dos estudantes da Alemanha Ocidental sobre o nazismo, concluiu.

«Aos meus filhos e netos — declarou Huelser ao «PRISMA» — ensinaram-lhes na escola que durante o tempo de Hitler não existiram campos de concentração. Disseram-lhes que foram os aliados que os construíram depois da guerra e que Hitler construiu auto-estradas e acabou com o desemprego».

Uma úlcera por cicatrizar

A Confederação dos Sindicatos da RFA ofereceu outro testemunho sobre os perigos de reactivação do



nazismo neste país. O comité regional de Hanover denunciou, em Março passado, a onda de terror desencadeada nesta cidade por grupos neonazis perante a passividade policial e fez um apelo para que lhe fosse feita frente.

São, com efeito, milhares as denúncias e respectivas provas sobre o ressurgimento nazi na RFA. Sociais-democratas e comunistas, velhos lutadores antifascistas e jovens, católicos, judeus e protestantes, estudantes e operários da Alemanha Ocidental, exprimiram já de um modo ou de outro o seu repúdio pelo nazismo.

Todos estão de acordo em sublinhar o risco contido nas duas faces do nazismo que se manifestam com cada vez maior intensidade na RFA. Por um lado, há actividades desenvolvidas pelos velhos SS das «Hiag» e os jovens com uniformes negros e cruzes gamadas. Por outro, a acção encoberta daqueles que, com flamejantes, mas duvidosos certificados de democratas, actuam nos organismos públicos e nos partidos políticos.

«A úlcera de Buchenwald ainda não cicatrizou. Temos de continuar a lutar e a dizer a verdade aos jovens sobre o que aconteceu. Devemos evitar que o terrível peso do passado se repita», afirmou Huelser.

Para derrotar o nazismo que ressurge é necessário — acrescentou — não só a unidade das forças sinceramente antifascistas da RFA, mas também a denúncia permanente dos outros povos europeus que sofreram a barbárie hitleriana.

Os alemães ocidentais devem olhar com atenção para o que se passa hoje na América Latina onde os povos são agredidos actualmente por uma combinação tipicamente fascista de militarismo e monopólios multinacionais.

«Porque também entre nós pode surgir qualquer coisa parecida como um novo Chile...apesar de não termos um Salvador Allende».

URSS: Privilégio das crianças

oferta e a procura, por carências de instalações estatais bastantes, o que origina nas zonas balneares (como no Mar Negro) uma subida de preços, quando entram particulares na competição.

Por outro lado, o autor da crítica, muito conhecido do público soviético, assinalava a dispersão entre os diversos sectores na construção de instalações com esse objectivo, o que originaria, ainda, uma alta nos preços finais de cada obra. De facto, os sindicatos, a União dos Escritores, etc., têm a possibilidade de construir instalações próprias para cada um dos sectores.

Apostados esses factos, o articulista sugeria a concentração da construção de instalações turísticas num só departamento governamental e preconizava a criação

de um comité especial, a funcionar junto do Governo, para estudar a questão.

No mesmo texto são apontadas outras questões relacionadas com o mesmo assunto, como por exemplo a do pessoal, pois, enquanto o da Crimeia se interessa pelo turismo, tal não acontece, por exemplo, na Geórgia e no Cáucaso.

(Num hotel, por acaso, explica-me uma intérprete: depois da Revolução ficámos com tal «ódio a servir», no sentido burguês do termo, que é difícil voltar a aceitá-lo ainda que noutra sociedade. Isso aconteceu durante muito tempo com os ministros, que passaram a chamar-se comissários).

Esse mesmo jornal insere uma outra crítica de um leitor chamando a atenção para a falta de roteiros e textos que permitam viagens turísticas dentro da U.R.S.S. Mas, e

apesar disso, um dos problemas que já se fazem sentir, a nível de trabalho, são os fins-de-semana prolongados.

Para além disso, os jornais veiculam notícias (ainda que pequenas e assinadas, normalmente) enviadas pelos seus correspondentes próprios, ou divulgados pela TASS. Ali se encontram, ainda, entre diversos temas, as anedotas, ilustradas ou não, os programas de televisão, etc...

As revistas e jornais englobam os mais diversos temas; desde o desporto até à literatura, passando pelos especializados para crianças, até aos de divulgação científica... Atendendo ao seu preço, um ou dois «kopeks» (uma ou duas caixas de fósforos custam a mesma «coisa» respectivamente) não admira, pois, ver-se um mesmo cliente comprando diversos títulos.

TELEVISÃO

No caso da televisão, que transmite através de três canais, frequentemente a cores, os programas são de diferentes características, indo do desporto aos filmes de aventuras, passando pelo desporto, inquéritos de rua, etc., Nos casos de filmes de aventuras, tal como acontece com os livros — foi vincado numa entrevista que fizemos com responsáveis de uma editora —, há a preocupação de banir a violência gratuita, «do tipo que se publica no Ocidente».

Na televisão podem-se encontrar, portanto, programas das mais diversas características, correspondendo a diversos gostos. E, pelo que vi, há uma certa correspondência da parte do público. Um certo dia, alguém me chamou a atenção para um desafio de futebol que seria transmitido em directo

nessa noite.

Porém, a mesma pessoa também me chamaria a atenção para uma alocução de Álvaro Cunhal, gravada em Lisboa, em que o secretário-geral do P.C.P. se referia ao 60º aniversário da Revolução Russa. Tal como me falava de outros programas que achava merecedores de atenção.

O noticiário tem os seus tempos, evidentemente. Numa hora privilegiada, aparece um programa «Vrémia» (Tempo), da actualidade nacional e internacional, que contempla praticamente todo o mundo, com correspondência dos seus representantes em quase todo o Globo.

As nossas atenções viraram-se, muito naturalmente, para o que dizia sobre o nosso País. E na televisão, frequentemente, apareciam notícias ou mesmo reportagens de actualidades.

América Latina: três presidentes tomam posse



S. Domingos

República Dominicana: a vitória da democracia

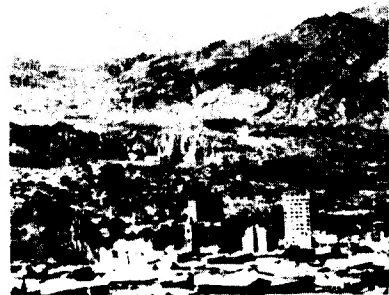
As oportunidades de celebrar os «éxitos» da democracia não vão sendo muito frequentes na América Latina, de há uns tempos a esta parte. Por isso, a tomada de posse de António Guzmán, presidente eleito da República Dominicana (tomada de posse que ele, em última análise, ficou a dever a uma «ajuda» de Carter) foi seguida por umas cem personalidades estrangeiras favoráveis ao reforço da corrente «social-democrata» num subcontinente onde é bem difícil seguir uma via intermédia entre as «violências» revolucionárias de uma extrema-esquerda sempre temida e a «violência» institucional de militares solidamente instalados.

A cabeça da importante delegação norte-americana, Cyrus Vance, secretário de Estado, testemunhou o interesse que os EUA têm pela tentativa de consolidação da democracia «à venezuelana» num país das Caraíbas onde persistem bem vivas as sequelas do **trujillismo**. Em 1965 uma intervenção armada dos EUA contribuiu para esmagar um levantamento civil e militar, cujo objectivo era o de restabelecer no poder o ex-presidente Juan Bosch, de tendência liberal, dirigente do partido revolucionário dominicano. Em 1978, uma intervenção «pacífica» dos EUA permitiu a vitória de Guzmán, candidato desse mesmo partido, do qual se afastou Juan Bosch e que entretanto aderiu à Internacional Socialista. Apoio que os militares (decididos a aferraram-se ao poder para manterem privilégios e prebendas) não puderam ignorar. Mas sem as advertências urgentes e insistentes da Casa Branca endereçadas aos amigos de Joaquín Balaguer (que pretendiam anular as eleições de 16 de Maio para deter a corrida de Guzmán à presidência) a festa da tomada de posse, realizada no dia 16, não se teria efectuado.

Servidor fiel de Trujillo, «dono» da República Dominicana por doze anos, aplicando algumas «receitas» do seu «patrão» desaparecido, Balaguer deve ter falhas de memória. De facto, queixou-se amargamente das «intervencções inadmissíveis» dos EUA nos assuntos internos da República. Mas nem por isso perdeu ainda todos os seus trufos, e a «vitória» de Guzmán, tão festejada em Washington, não pode considerar-se sólida. Com sessenta e sete anos, antigo ministro da Agricultura no governo Juan Bosch em 1963, já contactado por Washington logo a seguir à guerra de 1965 para dirigir um governo provisório, Guzmán é um proprietário agrícola riquíssimo e um grande criador de gado de Santiago-de-los-Caballeros, segunda cidade do país. Candidato infeliz em 1974 contra o inamovível presidente-ventosa Balaguer, Guzmán, moderado, cortês, muito

ligado às poderosas associações de agricultores, terá de se bater duramente para levar de vencida todos os nostálgicos do **trujillismo**.

Estes marcaram dois pontos importantes antes mesmo da transferência de poderes. Nos fins de Julho, o Supremo Tribunal confirmou uma decisão do Tribunal eleitoral que concedeu quatro lugares suplementares de senadores ao partido reformista de Balaguer. O partido revolucionário de Guzmán tornou-se, deste modo, minoritário no Senado, quando tinha conquistado a maioria nas eleições de Maio. Os partidários do presidente cessante esperam assim obrigar o novo governo a concessões e a uma colaboração de facto. Por outro lado, alguns generais mais hostis a uma democratização real conseguiram conservar postos importantes, embora o general Neit Nívar Seijas, ex-chefe da polícia e principal instigador da tentativa de golpe de estado de Maio passado, tivesse sido «despedido» por Guzmán. Coisa de importância muito secundária... O novo presidente constituiu um gabinete de quinze membros e que apenas manteve um ministro do anterior governo (o dos Negócios Estrangeiros) prometeu lutar contra a «corrupção administrativa reconhecida por Balaguer».



La Paz

Bolívia: o golpe de Pereda

«Em última análise a tática do general Pereda era mais lógica do que a do general Banzer. As forças armadas tinham, de qualquer modo, decidido permanecer no Poder. O general Banzer pensava que seria possível assegurar a continuidade através de um processo de eleições controladas. Mas a 9 de Julho, no dia da votação, tornou-se claro que a manobra era demasiado arriscada. Por isso o Exército não teve outra solução para se manter no Poder que não fosse o recurso a um método tradicional: o golpe de Estado». Este resumo, feito por um responsável da Assembleia Permanente dos direitos do homem, sobre a sucessão de golpes de teatro recentemente vividos na Bolívia, pouco tem de caricatural.

Não será, com efeito, a situação política em La Paz que é caricata? As forças armadas depois de terem tentado — sete anos após a chegada do general Banzer ao Poder — uma primeira abertura política, foram visivelmente surpreendidas pela força demonstrada pela oposição civil e recuaram precipitadamente voltando ao ponto de partida.

Não se tratará de um golpe de Estado inútil? De uma revolução palaciana?

Todos esperam as primeiras decisões do novo presidente. O

general Pereda não tomou ainda nenhuma medida que permita determinar qual irá ser o orientação do seu regime. Reorganizou o alto comando colocando aí oficiais que lhe ficarão a dever essa nomeação. A oposição e particularmente a esquerda, cujos principais dirigentes passaram imediatamente à clandestinidade, espera uma vaga de repressão.

Já foram de resto tomadas medidas contra ela. Mas até agora têm sido mais limitadas do que se receava.

O Exército voltou a intervir nas minas e as estações de rádio do distrito mineiro de Siglo — 20 foram ocupadas.

Enquanto os civis se interrogavam os militares calavam-se. Terá o novo presidente o apoio incondicional das forças armadas? É a interrogação essencial. Os sucessivos apoios de que beneficiou nas horas de crise espantaram toda a gente. Não era Pereda considerado como uma simples criação Banzer? Mas a verdade é que o delfim conseguiu, com uma habilidade que ninguém lhe previa, fazer marcha atrás e assumiu, sem grandes conflitos, o controlo da situação.

As dificuldades entre o novo e o antigo chefe do Estado não datam de ontem. O general Pereda estava cada vez mais descontente com o papel secundário que o ex-presidente lhe reservou durante a campanha eleitoral. Particularmente quando o general Banzer anunciou, em Fevereiro, que as eleições poderiam não se realizar e quando estabeleceu discretamente contacto, através de emissários, com Paz Estensoro (o chefe histórico do Movimento Nacional Revolucionário M.N.R.), tornou-se claro, para o general Pereda, que ele não era a única carta que o presidente pretendia jogar.

Realizaram-se depois as eleições de 9 de Julho que «perturbaram» o esquema preparado pelo regime. Para surpresa geral as forças de centro esquerda agrupadas em torno do antigo presidente Siles Suazo, chefe da coligação U.D.P. (União Democrática e Popular) conseguiram obter uma importante votação incluindo nos campos que até agora se tinham mantido como um reduto dos governos militares. A tradicional manipulação eleitoral não foi suficiente. Para garantir a vitória do candidato «oficial» foi, desta vez, necessário o recurso a uma verdadeira fraude, organizada diante de observadores internacionais que não hesitaram em dirigir-se às aldeias do interior. A operação de Banzer sofreu assim uma visível derrota, as forças armadas ficaram divididas e o seu prestígio desceu muito baixo tanto no interior como no exterior, dado o papel que desempenharam na fraude.

Os elementos da crise eram estes quando os acontecimentos se precipitaram. Face aos protestos suscitados em todos os partidos da oposição pelas condições em que se verificou o escrutínio, o general Pereda tentou constituir um Governo de união nacional. Mas a sua tentativa falhou. Sob a pressão do general Banzer resignou-se então a pedir ao tribunal eleitoral (cujos membros são nomeados pelo poder executivo) a anulação das eleições. A surpresa chegou quando o general Banzer anunciou algumas horas mais tarde que abandonaria o Poder, tal como estava previsto, em 6 de Agosto.

O general Pereda fica com a sensação de ter sido manobrado. Não irá o general Banzer, uma vez

fora do palácio Quemado, apresentar-se como civil às próximas eleições, reservando para a campanha eleitoral do seu delfim um epíteto tão pouco glorioso como o fora o seu desenvolvimento? Foi então que, pressionado pelos seus partidários, o general Pereda lançou o seu contra-ataque. A pretexto de uma viagem de repouso depois das fadigas da campanha eleitoral dirigiu-se, a Santa Cruz na manhã de 21 de Julho e pronunciou um discurso que inflamou o barril de pólvora. Afirmando-se presidente eleito através de eleições regulares criticou os que pretendem impedir a sua posse, invocando, como não podia deixar de ser, uma conjura do «comunismo internacional».

Dado que é um antigo chefe da força aérea, dispôs imediatamente do apoio do colégio militar da aviação de Santa Cruz e depois do das autoridades militares da região. Beneficiou, em seguida, de adesões sucessivas no Beni, em Tarija e Cochabamba. O general Banzer, que reuniu o seu gabinete com urgência em La Paz, parece controlar as tropas na capital. Envia emissários a Santa Cruz. As forças armadas parecem divididas — uma situação tanto mais delicada quanto é certo que os rebeldes controlam a força aérea e ameaçam, nem mais nem menos, bombardear La Paz.

Para convencer os elementos reticentes o general Pereda dispôs de argumentos a que os militares não podem ser insensíveis: será ele ou o caos. Se as forças armadas não o entronizarem imediatamente e preferem seguir a estratégia do general Banzer têm de assumir o risco de novas eleições agravando as divisões da instituição militar e comprometendo-a numa nova fraude que acarreta sérios riscos políticos. Isto é tanto mais convincente quanto é certo que a esquerda tem todas as possibilidades de vencer, dada a sua unidade perante as manobras do Poder — e o tribunal eleitoral não poderá permitir a repetição das irregularidades verificadas durante o primeiro escrutínio.

O argumento é ainda reforçado pelo facto de Siles Suazo, chefe da ala esquerda do M.N.R., ser odiado por numerosos sectores militares que não esquecem os conflitos verificados nos anos 50 entre o seu partido e as forças armadas. Um após outro, os regimentos vão-se juntando aos rebeldes de Santa Cruz. O general Banzer fica isolado. Nomeia um triunvirato militar de modo a evitar ser ele próprio a transmitir o Poder para o general Pereda. Pronuncia, com as lágrimas nos olhos, um discurso na televisão em que anuncia a sua demissão. Quando abandona o palácio do Governo, na tarde de 21 de Julho, só se encontram na Praça de Murillo algumas dezenas de activistas da U.N.P. «Viva o general Banzer», grita um dos seus assessores. «Pereda, Pereda», respondem os manifestantes que ainda na véspera apoiavam o presidente, mas que compreenderam que o vento mudara.

NENHUM APOIO CIVIL

E agora? O general Pereda conseguiu eliminar, em poucas horas, um presidente que se tinha mantido durante sete anos no Poder neutralizando todas as conspirações. Mas a verdade é que dispôs de uma base de apoio mais limitada. Com efeito, Pereda foi eleito através de um escrutínio em

cujos regularidade nem um só boliviano acredita e não goza, actualmente, de nenhum apoio popular. À excepção dos sectores duros da Falange (1) não recebeu o apoio de nenhum partido.

Privado de apoio civil o general Pereda parece não ter o apoio unânime dos militares. Como é possível esquecer que ainda há alguns meses Pereda tinha sido admitido com dificuldade, pelo Exército como candidato oficial do regime? É certo que aparentemente as forças armadas cerraram fileiras atrás dele perante ameaça oportunamente invocada de uma «conspiração subversiva» de que Siles Suazo seria «o perigoso agente». As forças armadas não esqueceram o precedente de 1952 em que as divisões no seu seio abriram o caminho à oposição popular. Mas pode tratar-se apenas de uma aliança provisória. O novo presidente poderá dispor de um período imediato de tréguas. Mas depois?

(1) Movimento político fundado em 1937 e que é apoiado pelos sectores sociais mais conservadores ou mesmo reacconários (proprietários afastados das suas terras pela reforma agrária ou por certas nacionalizações). A Falange dispõe de influência na capital e sobretudo na região de Santa Cruz.



Asuncion

Paraguai: o triunfo do ditador

Contrastando com o entusiasmo suscitado pela transferência de poderes na República Dominicana, foi rodeado duma indiferença quase generalizada que o general Alfredo Stroessner, dirigente onnipotente do Paraguai desde 1954, celebrou no mesmo dia o seu «triunfo». Prestou juramento em Asuncion, inaugurando o sexto mandato presidencial, depois de ter obtido mais de 90% dos sufrágios nas «eleições» de 12 de Fevereiro passado. Uma formalidade. Dois generais, ministros desde o golpe de estado de 1954 contra o presidente Chaves, prestaram igualmente juramento.

Nenhum comentário se fez em Washington sobre a «consolidação» da ditadura «mais longa» de toda a América do Sul. Em 1977, os EUA suspenderam o auxílio militar ao Paraguai de Stroessner, devido às «violações dos direitos do homem» nesse país. Mas não parece que esta medida tenha realmente perturbado o dirigente de Asuncion, que dispôs de sólidas amizades em Brasília. A má vontade de Washington ainda é eficaz nas Caraíbas. Mas o seu efeito fica singularmente atenuado na zona de influência do subimperialismo brasileiro... ●



Manobras militares na Ucrânia

As manobras denominadas «Carpatos» desenvolveram-se este Verão na região ucraniana das cidades de Lutsk, Lvov e Rovno, com a participação de observadores de países membros da NATO, de acordo com o estipulado na Acta Final de Helsínquia. As tropas da região militar de «priikarpattie», condecorada com a Ordem da Bandeira Vermelha, integraram-se nos exercícios. Nas fotos: observadores militares de países participantes na Conferência de Helsínquia assistem aos exercícios; de acordo com um velho costume eslavo os habitantes das aldeias e



das cidades da região dos Carpatos ofereceram pão e sal aos militares; carros-lagartas em acção



Cuidados com os diabéticos na RDA

Na RDA, a longevidade dos diabéticos de todas as idades não é inferior à dos demais cidadãos. Uma série de investigações epidemiológicas efectuadas pelo Instituto de Higiene da Universidade Humboldt de Berlim e publicadas recentemente numa revista médica, comprovam esta afirmação. A longevidade média na RDA é de 74 anos para as mulheres e de 69 para os homens. Os técnicos do Instituto de Higiene refutam a afir-

mação generalizada segundo a qual a longevidade dos diabéticos diminui consideravelmente, devido à própria doença e à obesidade. Na RDA, que tem 17 milhões de habitantes, há 460 mil diabéticos registados. Para o combate a esta enfermidade criou-se por todo o país uma ampla rede de centros especiais que abrange desde o diagnóstico até aos cuidados durante e depois da doença. Além disso, existem três clínicas especiais para diabéticos na RDA.



Elvis morreu há um ano

Elvis morreu há um ano — e os seus fãs compareceram em massa no túmulo do ídolo, inundando literalmente a cidade norte-americana de Memphis. Uma situação de caos se criou naquela cidade, pois a «invasão»

coincidiu com a greve da polícia e dos bombeiros. Nas fotos: o túmulo do «rei do rock» coberto de flores; uma fã, já idosa, não resiste à emoção. (Fotos Ferlaque)

TRIFICAL

Um novo cereal criado por agrónomos franceses

Um cereal inteiramente novo, denominado «trifical», e derivado dum cruzamento entre o trigo (triticum) e o centeio (secale) poderá vir a ser comercializado já no Outono de 1979. As variedades que vão ser difundidas foram criadas pelos investigadores do Instituto Nacional da Investigação Agronómica de França (INAF) que há uma dezena de anos trabalhavam neste campo.

O novo cereal foi objecto de intensivas investigações em todo o mundo. Obtiveram-se êxitos assinaláveis nos EUA, Canadá, México e em certos países socialistas europeus (Polónia, Hungria, URSS). Contudo a passagem à prática dos resultados obtidos nesses países é, por agora, limitada. De facto, a criação desta espécie, a sua domesticação e a sua adaptação à grande cultura não é muito simples. Os investigadores do INAF descobriram que o produto saído da primeira vaga de selecção apresentava características interessantes, que se situam entre as do trigo e as do centeio. A planta é extremamente vigorosa em vegetação, apresenta folhas largas, e uma espiga muito comprida.

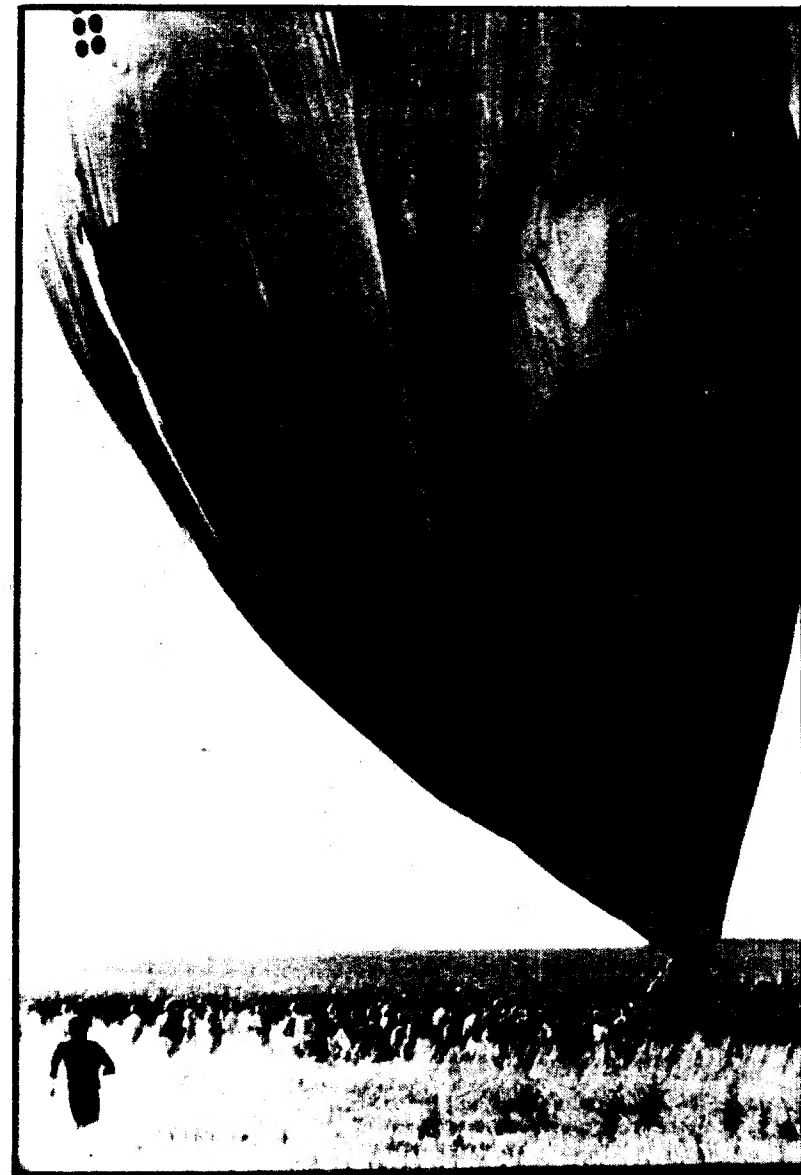
A produtividade média, obtida em 1977 em 17 experiências levadas a cabo pelo Instituto Técnico de Cereais e Forragens (ITCF) é de 46 quintais por hectare nas regiões de cultura tradicional do centeio e nas zonas marginais para o trigo. Em grande cultura as experiências deram rendimentos de 70 a 80 quintais por hectare.

Em matéria de resistência, esta espécie aprova melhor que certos tipos de trigo em relação a certas doenças, como o oídio, e é menos primitiva que o centeio no que toca aos herbicidas e à vaporização azotada, sendo, além disso, menos sensível à asfixia em terra húmida.

Este cereal destina-se sobretudo à alimentação animal. De teor proteico equivalente ao do trigo, é mais bem equilibrado quanto à sua composição em aminoácidos (é mais rico em lisina) e não apresenta inibidores de crescimento para os animais, o que acontece com o centeio. Parece mais bem adaptado à nutrição dos monogástricos (porcos e aves). Não se exclui, porém, a sua utilização na panificação. A mistura de farinha de trigo com farinha de trifical permite obter pães bem levedados e de bom sabor.

As investigações actualmente em curso visam explorar a melhor produtividade da espécie e diversificar as possibilidades de utilização das colheitas.

Pensa-se que o trifical pode vir a ser um cereal muito importante nos próximos decénios e os franceses contam que ele venha a transformar-se num novo trunfo económico.



TRÊS HERÓIS AMERICANOS EM PARIS

Paris dispensou uma recepção de honra aos três aeronautas norte-americanos que conseguiram o feito histórico de atravessar o Atlântico em balão. Ben Abruzzo, Larry Newman e Maxie Anderson tinham as mulheres à sua espera e puderam celebrar o triunfo em família. As fotos: os aeronautas celebram a proeza com as mulheres; o balão «Double Eagle II» faz uma aterragem suave num campo francês



O «Boss» sabe do seu ofício

O nome do ex-chefe dos serviços de informação da República Sul Africana, Rhodie, tem sido alvo dos jornais do país. Com efeito, o governo concedeu à administração daqueles serviços uma grossa maquia para levar a cabo «operações» de propaganda secreta no estrangeiro.

Entretanto, descobriu-se que o dinheiro, em vez de ser utilizado para apoiar, na Imprensa estran-

geira, o regime racista, serviu para Rhodie e os seus acólitos viajarem e organizarem festas. As revelações sobre o abuso escandaloso dos chefes dos serviços de informação atingiram tal amplitude que Vorster teve de os extinguir. Dora-vante, as «operações» em honra da África do Sul serão efectuadas sob o controlo directo da polícia secreta BOSS, conhecida por censurar todas as críticas ao «apartheid».

EXCLUSIVO

N.º 35/78

